



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ELISIELLY FALASQUI DA SILVA

ARTES DE CURAR NO BRASIL HOLANDÊS: A CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO MÉDICO E DIETÉTICO NA RELAÇÃO ENTRE VELHO E
NOVO MUNDO

CAMPINAS

2018

ELISIELLY FALASQUI DA SILVA

Artes de curar no Brasil Holandês: a construção do conhecimento médico e dietético na relação entre Velho e Novo Mundo.

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em História, na área de Política, Memória e Cidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leila Mezan Algranti.

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pela aluna Elisielly Falasqui da Silva e orientada pela Prof.^a Dr.^a Leila Mezan Algranti.

CAMPINAS

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CNPq, 143996/2016-9
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5391-6245>

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

Si38a Silva, Elisielly Falasqui da, 1992-
Artes de curar no Brasil Holandês : a construção do conhecimento médico e dietético na relação entre Velho e Novo Mundo. / Elisielly Falasqui da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Leila Mezan Algranti.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Piso, Willem, 1611-1678. 2. Alimentação - História. 3. Medicina - História - Séc. XVII. 4. Brasil - História - Domínio holandês, 1624-1654. I. Algranti, Leila Mezan, 1953-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Healing arts in Dutch Brazil : the construction of medical and dietetical knowledge on the relationship between Old and New World.

Palavras-chave em inglês:

Food - History

Medicine - History - XVII century

Brazil - History - Dutch Conquest, 1624-1654

Área de concentração: Política, Memória e Cidade

Titulação: Mestra em História

Banca examinadora:

Leila Mezan Algranti [Orientador]

Ana Carolina de Carvalho Viotti

Wanessa Asfora Nadler

Data de defesa: 13-03-2018

Programa de Pós-Graduação: História



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 13 de março de 2018, considerou a candidata Elisielly Falasqui da Silva aprovada.

Prof.^a Dr.^a Leila Mezan Algranti

Prof.^a Dr.^a Ana Carolina de Carvalho Viotti

Prof.^a Dr.^a Wanessa Asfora Nadler

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.

*Para meus pais e maiores
incentivadores, Elisete e João.*

Agradecimentos

Talvez a principal função da seção de agradecimentos seja evidenciar o lado humano do pesquisador e provar que, em um sentido amplo, nenhum de nós realiza uma pesquisa sozinho. Muitas pessoas, dentro e fora da academia, e de forma intencional ou não, participaram do percurso que resultou nesta dissertação. Cito aqui algumas delas, assumindo de antemão o risco de omitir outras.

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Leila Mezan Algranti, não apenas por ter me acompanhado desde a Iniciação Científica com generoso apoio e estimulantes contribuições, mas também por ser uma historiadora que me inspira. Aliás, o agradecimento deveria remeter, antes mesmo da Iniciação Científica, ao instigante curso de Brasil Colônia por ela ministrado em 2012 e no qual comecei a desenvolver alguns dos questionamentos presentes neste trabalho e em minha formação enquanto historiadora. Nesse sentido, é necessário também estender meus agradecimentos aos professores do departamento de História do IFCH, que, desde a graduação e de diferentes maneiras, contribuíram para minha formação e instigaram em mim o pensamento crítico fundamental para o ofício.

Aos professores doutores que participaram das bancas de qualificação e defesa, devo meus agradecimentos pelas preciosas contribuições a este trabalho, mas sobretudo por mostrarem que há espaço para a gentileza no meio acadêmico. Ao Breno Ferraz Leal Ferreira agradeço por ter enxergado potencial no trabalho parcial apresentado no exame de qualificação, e pelas indicações e sugestões, que foram fundamentais para a sequência da escrita. À Ana Carolina de Carvalho Viotti agradeço pela leitura atenta e pelas importantes contribuições na defesa, as quais procurei agregar da melhor maneira nesta versão final. À Wanessa Asfora Nadler agradeço pela edificante participação nos dois momentos, de qualificação e defesa do trabalho. Seus questionamentos e indicações também orientaram a construção desta versão da dissertação. Devo a ela, ainda, gratidão pela oportunidade de apresentar uma parte desta pesquisa em um congresso internacional. Nesse sentido, agradeço igualmente a ela e a Eliane Morelli Abrahão, tanto pelo incentivo para minha participação em congressos (o primeiro do qual participei, aliás, foi coordenado por ambas) quanto por me apresentarem um mundo acadêmico que era um pouco estranho para mim.

Aos colegas e amigos que a Unicamp me deu, agradeço pelos momentos de descobertas e angústias que compartilhamos durante a graduação e a pós-graduação. Entre eles, destaco o apoio oferecido pela Julie Hamacher Liepkaln, companheira de orientação e um pouco de tema de pesquisa. À Renata Dell'Arriva e ao Sandro Vimer Valentini Jr., agradeço pelas leituras dos esboços de cada tópico, pelos incentivos, pela torcida, por me ouvirem e me acalmarem toda vez que a escrita travava, pela companhia, nem sempre física mas sempre efetiva, neste caminho tortuoso que é a pós-graduação e, acima de tudo, pela amizade.

Entre as pessoas que me instigaram fora da academia, não posso deixar de mencionar o doutor Armando Miguel Jr., médico que me acompanha desde os nove anos de idade, e que, não conseguindo me desviar para a medicina, conseguiu desviar para ela ao menos minha curiosidade histórica. Aos meus amigos e meus familiares, agradeço por me apoiarem nesta trajetória, mesmo que às vezes sem entender muito bem o que e por que eu estava “sempre” estudando, e por reiteradamente terem me lembrado da vida que me esperava “lá fora”, oferecendo companhia nas necessárias pausas entre uma leitura e outra.

Mais do que terrivelmente penosa, esta trajetória teria sido impossível sem o amor e apoio incondicionais dos meus pais, João Cândido da Silva e Elisete Falasqui da Silva, e do meu marido, Sérgio Pereira Miranda Cardoso. Ao Sérgio agradeço pela companhia, pela torcida e por ter tornado o meu cotidiano de escrita mais leve e agradável. Aos meus pais, gratidão infinita por tudo que eles fizeram para que eu chegasse até aqui. O mérito é mais deles do que meu.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, especialmente aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação, que tornaram as questões burocráticas mais simples, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro que permitiu dedicar-me exclusivamente ao desenvolvimento desta pesquisa.

“Você avança com a cabeça voltada para trás? – ou então: - O que você vê está sempre às suas costas? – ou melhor: - A sua viagem só se dá no passado? Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.”
(As cidades invisíveis – Ítalo Calvino)

Resumo

A questão levantada neste trabalho diz respeito à construção do conhecimento médico e dietético no contexto da ocupação holandesa de Pernambuco (1630-1654), considerando, por um lado, as diversas mudanças no ambiente intelectual europeu, e, por outro, a conjuntura política de consolidação da República dos Países Baixos e de um breve período de expansão ultramarina, que colocou os holandeses em contato direto com o Novo Mundo. Para tal, analisaremos os estudos realizados por Guilherme Piso (1611-1678) e Jorge Marcgrave (1610-1644), quando de sua estadia no Brasil com a comitiva de Maurício de Nassau, entre os anos 1637 e 1644. Abordando especificamente a obra do médico Guilherme Piso, *De Indiae Utriusque Re Naturali et Medicae* (1658), pretendemos observar a constituição de novos saberes, a partir da articulação entre as mudanças no paradigma médico, a alteridade e o projeto de colonização holandês. Dessa forma, a alimentação e a medicina (ou as práticas de cura) apresentam-se como campos privilegiados de observação das tensões imbricadas na construção desse conhecimento, uma vez que constituíam alçadas de saberes primordiais para a sobrevivência no Novo Mundo, mas também se apresentavam como campo de disputas e diferenças culturais.

Palavras-chave: Piso, Willem, 1611-1678. Alimentação - História. Medicina - História - Séc. XVII. Brasil - História - Domínio holandês, 1624-1654.

Healing arts in Dutch Brazil: the construction of medical and dietetical knowledge on the relationship between Old and New World

Abstract

This work seeks to investigate how the construction of medical and dietetical knowledge was set in the context of the dutch occupation of Pernambuco (1630-1654), considering on the one hand, the several changes in European intellectual environment, and on the other hand, the conjuncture of political consolidation of the Republic of the Netherlands and a brief period of overseas expansion, which put the dutchs in direct contact with the New World. To this end, we will analyze the studies by Willem Piso (1611-1678) and George Marcgrave (1610-1644), developed in Brazil with the Maurice of Nassau's retinue (1637-1644). Addressing specifically the work of physician Willem Piso, *De Indiae Utriusque Re Naturali et Medicae* (1658), we intend to observe the creation of new knowledge given by the relationship between the changes in the medical paradigm, otherness and the dutch colonization project. In this way, food and medicine (or healing practices) present themselves as privileged fields of observation of the tensions imbricated in the construction of this knowledge, since they constituted primordial knowledge for the survival in the New World, but also presented themselves as a field of dispute and cultural differences.

Keywords: Piso, Willem, 1611-1678. Food – History. Medicine - History - XVII century. Brazil - History - Dutch Conquest, 1624-1654.

Sumário

Introdução	12
Capítulo 1 – O Brasil e os holandeses: contatos iniciais e produção do conhecimento sobre o Novo Mundo	23
1.1 <i>O Brasil dos holandeses</i>	23
1.2 <i>Contatos iniciais, descrição e alteridade: a busca pela sobrevivência perante o desconhecido</i>	29
1.3 <i>Antigos e Modernos: concepções sobre a natureza e a medicina no século XVII</i>	42
Capítulo 2 – O saber entre Velho e Novo Mundo: alimentação, dietética e cura nos escritos de Guilherme Piso	55
2.1 <i>O ordinário como precioso: a mandioca, o tabaco e as palmeiras na descrição de Guilherme Piso</i>	55
2.2 <i>Alimentação como técnica de cura no Brasil holandês</i>	68
2.3 <i>A fauna nos escritos de Guilherme Piso: História Natural, dietética e cotidiano</i>	78
Capítulo 3 - Os “netos de Galeno” enfrentam novos perigos: saberes e práticas de cura no Brasil holandês	95
3.1 <i>A arte de curar dos gentios e o embate europeu entre antigos e modernos</i>	95
3.2 – <i>Perigos reais e práticas mágicas: as superstições do Novo e do Velho Mundo</i>	110
3.3 <i>Alteridade no olhar médico e as mulheres nos escritos de Guilherme Piso</i>	125
Considerações Finais	138
Fontes e Bibliografia	145
1. Fontes Impressas	145
2. Bibliografia	145
2.1. Obras de referência	145
2.2 Bibliografia geral	145

Introdução

Em sua vinda ao Brasil para governar o território ocupado pelos holandeses, em 1637, o conde João Maurício de Nassau (1604-1679) trouxe como comitiva diversos artistas e naturalistas, que deveriam estudar e retratar aquele *Novo Mundo*, cada um à sua maneira específica. Entre os artistas, estavam os pintores Frans Post (1612 -1680) e Albert Eckhout (1610-1666), já entre os naturalistas encontrava-se o médico Guilherme Piso (1611-1678), que deveria conciliar sua prática médica com a observação atenta da natureza, a fim de produzir um conhecimento sobre a flora e a fauna do Novo Mundo que, por sua vez, pudesse atender tanto a interesses intelectuais e até mesmo acadêmicos do Velho Mundo, quanto aos interesses colonizadores da Companhia das Índias Ocidentais¹, que financiou a ocupação holandesa no Brasil.

Entre estes, estava, obviamente, o interesse por uma colonização bem sucedida, o que implicava a necessidade de estabelecer os recém-chegados da forma mais segura e conveniente possível. Dessa forma, em um primeiro contato com a natureza americana, a busca por condições de sobrevivência foi priorizada, com ênfase no que ela oferecia em termos de alimentação, que em grande parte diferia da alimentação europeia, e também em termos de perigos, como doenças, animais ferozes e/ou venenosos, vegetais desconhecidos, entre outros, e o modo como proteger-se desses perigos ou, caso isso não fosse mais possível, como recuperar-se de seus maléficos efeitos.

Todas essas preocupações foram esboçadas nos estudos realizados por Guilherme Piso, com auxílio de seus companheiros, e materializados na obra *História Natural e Médica da Índia Ocidental* (1658), sobre a qual residirá o foco desta pesquisa. Buscaremos analisar a construção de um conhecimento acerca da natureza americana e compreender como se deu o processo de apreensão e incorporação do Novo Mundo no aporte cultural europeu, especialmente no sentido mais imediato de quem tinha a necessidade de se adaptar a esse Novo Mundo, como é o caso dos colonizadores e viajantes. Desta forma, a alimentação e a medicina (ou as práticas de cura) apresentam-se como campos privilegiados de observação das tensões imbricadas na construção de tal conhecimento, uma vez que constituíam alçadas de saberes primordiais para a sobrevivência no Novo Mundo, mas também estabeleciam-se

¹ Referida doravante pelas iniciais holandesas WIC (West Indische Compagnie).

como campo de disputas e diferenças, inclusive – e talvez possamos dizer especialmente – simbólicas.

Inicialmente, é preciso apresentar as figuras que estiveram envolvidas neste processo. Guilherme Piso nasceu em 1611, em Leiden, e aos 12 anos foi inscrito como estudante na mesma cidade. Doutorou-se em medicina, em 1634, na Universidade de Caen, na França. Sua formação considerada “humanista” foi decisiva para que ele fosse selecionado como substituto do primeiro médico enviado com a comitiva de Nassau ao Brasil, que falecera ao chegar aqui. Piso chegou ao Brasil em 1638 e recebeu, portanto, as funções e responsabilidades de médico oficial do príncipe, mas também atuava nos hospitais, atendendo os soldados e outros de seus compatriotas, quando necessário, e em 1639 recebeu autoridade como médico-chefe da Companhia. Além disso, ele foi nomeado líder de uma expedição, por assim dizer, científica, de estudo da natureza americana, o que o colocou em contato também com os indígenas, seus costumes e saberes, sobretudo das artes de curar.²

Com a partida de Nassau e o fim da expedição, Piso, que já tinha manifestado o desejo de voltar à Holanda, assim o fez e em 1645 inscreveu-se como doutor em Medicina na Universidade de Leiden. Em 1648, estabeleceu-se definitivamente em Amsterdam, casando-se com a filha de um rico comerciante, Constancia Spranger. Após a publicação de sua obra, Piso ganhou ainda mais notoriedade como médico e tornou-se autoridade em todos os assuntos que concerniam ao Brasil, e ainda com essa fama, faleceu, em 28 de novembro de 1678.

Porém Guilherme Piso não foi o único escolhido para esta missão. Como seus ajudantes, foram enviados o estudante de medicina e astrônomo Heinrich Cralitz (? – 1638), que também faleceu ao chegar ao Brasil, e o botânico e matemático Jorge Marcgrave (1610-

² As Nótulas Diárias do Alto Governo Neerlandês no Brasil (*Dagelyksche Notulen der Horge Regeering in Brazilie*), atas de registro das reuniões do Alto Conselho e uma espécie de diário oficial do governo holandês no Brasil, mencionam duas vezes o “doutor Piso”: a primeira, em 6 de julho 1639, atesta que lhe foi concedido um ato “aonde está que todos os médicos sem exceção deverão seguir suas ordens e que eles deverão justificar o que eles fazem com seus com seus medicamentos.” Tal medida parece ter sido tomada como forma de controlar os demais médicos da Companhia, o que indicaria que Piso não era o único médico enviado ao Brasil pela WIC. Entretanto, Piso não cita diretamente em seu texto colegas médicos, mas apenas colegas cirurgiões. O fato de Nassau ter sido atendido por um médico português até a chegada de Piso, bem como a nomeação de Piso, com apenas 28 anos, como chefe de todos os médicos da WIC, parece indicar que, ao menos, os demais agentes de cura aqui presentes não tinham a mesma formação de Piso. A segunda menção ao médico, de 28 de junho de 1641, cita sua proposta de trabalhar em um alojamento anexo ao hospital para tratar as pessoas com a “doença da terra”. Respectivamente encontram-se no volume 5 e 7 das *Dagelyksche Notulen der Horge Regeering in Brazilie* (Nótulas Diárias do Alto Governo Neerlandês no Brasil), Coleção *Monumenta Hyginia* – Laboratório Liber (Universidade Federal de Pernambuco) – Manuscritos de José Hygino e traduções de Pablo Galindo, Judith de Jong e Anne Brockland. Disponível em: www.liber.ufpe.br/hyginia Último acesso em 13/01/2018.

1644), nascido em Liebstad, região de Mísnia, Alta Saxônia. Marcgrave ingressou no meio acadêmico aos 17 anos e teria passado por dez academias e universidades em Estrasburgo, Basiléia, Erfurt, Wittenberg, estudando medicina, química e botânica. Em Leiden, ele teria aprimorado seus conhecimentos sobre matemática, cartografia e astronomia, além de trabalhar no Jardim Botânico da Universidade. Após partir do Brasil, em 1644, Margrave rumou para Angola, onde faleceu, no mesmo ano.³

A seleção de Piso e Marcgrave teria sido articulada pelos diretores da Companhia das Índias Ocidentais (WIC) e por amigos influentes, sendo o principal deles Johannes de Laet, a quem, segundo Affonso de Taunay, Marcgrave conquistou desde o primeiro contato, por sua “mentalidade absolutamente fora do comum”.⁴ É relevante sublinhar que não apenas boa parte dos selecionados para essa missão tenham se formado em Leiden, como também que houve um contato contínuo entre estes estudiosos que estavam no Brasil e a Universidade: à esta acabou sendo incumbida a função de processar muitas das informações enviadas à Holanda.

Heloisa Gesteira, em *Teatro das coisas naturais*, defende que o empreendimento científico realizado pelos holandeses no Brasil foi previamente planejado e, assim, Piso, Marcgrave e os demais já tinham uma missão antes mesmo de chegarem ao Brasil. Basicamente, eles ficaram encarregados de observar e coletar informações sobre a natureza e os habitantes. Para isso, eles realizaram expedições de observação pelo nordeste brasileiro e também tiveram um lugar privilegiado para estudos: um jardim botânico construído no Palácio de Friburgo (Vrijburg), na Ilha de Antônio Vaz, onde Nassau buscou reunir diversas espécies animais e vegetais do mundo conhecido e recém-conhecido. Além disso, Macgrave pôde realizar observações astronômicas em um observatório construído a mando de Nassau, e Piso, para escrever seus tratados de medicina, demonstrou ter observado as práticas de cura

³ Para esboçar as trajetórias de Piso e Marcgrave foram utilizados os esboços biográficos de Affonso de Taunay e José Honório Rodrigues, além de trabalhos mais recentes que também apontam fragmentos de suas biografias: TAUNAY, Affonso de E. Escorço Biográfico. In: MARCGRAVE, Jorge. *História Natural do Brasil*. Trad. por Monsenhor Procópio Magalhães. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 1942; RODRIGUES, José Honório. Escorço Biobibliográfico. In: PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957; GUEDES, Max Justo. A cartografia holandesa do Brasil. In: HERKENHOFF, Paulo (org.) *O Brasil e os holandeses: 1630 – 1654*. Rio de Janeiro, RJ: GMT Editores/Sextante Artes, 1999; BUENO, Beatriz P. S. A guerra de papel: confecção e disputa pelos mapas. In: TOSTES, V.L.B; BENCHETRIT, S.F.; MAGALHÃES, A.M. (orgs.) *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. (2004) Rio de Janeiro, RJ: Museu Histórico Nacional, 2005; FRANÇOZO, Mariana de Campos. *De Olinda a Holanda: o gabinete de curiosidade de Nassau*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014; GESTEIRA, H. M. *Teatro das coisas naturais: conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense: Niterói, RJ, 2001.

⁴ Cf. TAUNAY, Affonso de E. Escorço Biográfico. In: MARCGRAVE, Jorge. *História Natural do Brasil*. Trad. por Monsenhor Procópio Magalhães. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 1942. [1648] p. VIII.

indígena e realizado experimentações com elas, assim como dissecações em cadáveres e vivisseções em animais do Jardim do Conde.

Os estudos realizados por Guilherme Piso e Jorge Marcgrave no Brasil resultaram em um levantamento de 415 plantas, 367 animais e 22 doenças, mais de 400 ilustrações da fauna e da flora, uma relação das virtudes médicas de 114 plantas, e diversas observações sobre os costumes e a terapêutica indígena. Quanto às contribuições científicas, acredita-se que Piso foi o primeiro a estabelecer que o veneno das cobras é proveniente de seus dentes e não do corpo todo, como pensavam os europeus até então, e Marcgrave foi o primeiro europeu a realizar observações astronômicas sistemáticas na América, tendo inclusive descrito o eclipse lunar de 1640 a partir da visão dos céus de Pernambuco, e é considerado um dos pais da ictiologia, mérito alcançado pelo minucioso estudo sobre peixes que ele realizou no Brasil – das 367 espécies de animais descritas, 103 são de peixes.⁵

Após voltar a Europa, em 1645, Nassau entregou as anotações de Guilherme Piso e Jorge Marcgrave a Johannes de Laet, que foi o responsável pela edição e publicação, em 1648, de *Historia Naturalis Brasiliae*. Nesta obra reuniram-se quatro livros de Piso (*Medicina Brasiliensis*) e oito livros de Marcgrave (*Historiae Rerum Naturalium Brasiliam*), estes últimos tiveram que ser decodificados e organizados pelo próprio Laet, uma vez que Marcgrave havia falecido.

Em 1658, alegando que a edição de Laet fora apressada, Piso publicou *De Indiae Utriusque Re Naturali et Medicae*, obra que também divulgava os estudos que ele e Macgrave realizaram no Brasil, acrescentando estudos referentes a Java, realizados por Jacob Bontius. Porém, a nova edição apresentava modificações e apropriações por parte de Piso dos textos anteriormente atribuídos a Marcgrave: algumas destas modificações consistiam na inserção de informações sobre as qualidades terapêuticas, observadas por Piso, nas descrições de animais e vegetais realizadas por Marcgrave. Na composição do livro, talvez explicando tais apropriações, Piso refere-se muitas vezes a Marcgrave como seu assistente, o que de fato era, até 1641⁶, e afirma que deste recebeu, por empréstimo, “algumas gravuras e anotações

⁵ Cf. CARNEIRO, Henrique. O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus. *Fronteiras* (Dourados), Mato Grosso do Sul, v. 13, n. 23, p. 13-32, jan-jun 2011. p. 19 e 20.

⁶ A partir desse ano, provavelmente por desavenças entre os dois, Marcgrave começou a trabalhar sozinho. O fato de ter deixado seus estudos codificados pode demonstrar que o botânico nutria certa desconfiança por seu colega médico.

colhidas em nossas viagens.” E completa: “pois, quando o serviço público me negava o lazer necessário, pedi-lhe [a Marcgrave] que me ajudasse com seu diligente trabalho.”⁷

A confusão de autorias tem sido reportada, segundo as observações de José Honório Rodrigues, pelo menos desde o início do século XIX⁸, mas é preciso ter em mente a ideia difusa de autor que se tinha no século XVII, o que nos permite entender a obra como uma produção feita por muitas mãos, e não apenas as de Piso e Marcgrave, o que o seguinte trecho escrito por Piso parece confirmar:

Pouco importa que as nossas descobertas a ele ou a mim fossem atribuídas, ou que viessem à luz com o nome de um ou de outro, desde que estas descobertas dissipassem algumas dúvidas e revelassem erros e fossem úteis aos doentes e médicos, tanto no Novo como no Velho Mundo.⁹

Este trecho ainda indica qual era o público leitor esperado por Piso: sobretudo os médicos. No decorrer de seu texto, Piso expressa diversas vezes o desejo de que sua pesquisa seja útil para a prática médica, tanto na América quanto na Europa. Contudo, ainda que possamos identificar uma certa “curiosidade médica” como a propulsora de boa parte das pesquisas realizadas por Piso, parece evidente em seu texto que o intuito maior de tais pesquisas era conhecer e examinar as condições de sobrevivência – a sua própria e de seus companheiros – no Novo e ainda pouco conhecido Mundo.

Inicialmente, podemos considerar que as anotações manuscritas de Piso e Marcgrave consistiam em notas tomadas muitas vezes às pressas – como a necessidade de revisar seu conteúdo parece indicar – a respeito das observações e descobertas cotidianas de ambos. Entretanto, o contato entre eles e os acadêmicos das Universidades de Leiden e Amsterdam, mencionado diversas vezes no texto de Piso, indica que algumas dessas observações foram preliminarmente processadas pelos naturalistas, antes de serem enviadas à Holanda, ainda que essa produção não tenha tido uma formalidade acadêmica, por assim dizer, já que ela poderia consistir simplesmente em cartas acompanhando artefatos, animais ou plantas enviados às instituições citadas.

Por fim, há um processo mais complexo de transição dos manuscritos para as duas obras produzidas a partir deles, ambas com o intuito de divulgar a pesquisa realizada em

⁷ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957, p. 249.

⁸ Cf. RODRIGUES, José Honório. Escorço Biobibliográfico. In: PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957, p. XVII.

⁹ PISO, Guilherme. *op. cit.*, p. 249.

território americano e organizadas e editadas já na Holanda, e com uma relevante distância temporal entre a pesquisa e a produção escrita, sobretudo no caso de Piso. Ele justifica a nova edição, bem como a demora em realizá-la, em uma carta ao acadêmico de Leiden, D. João Antonides van der Linder, também identificado como seu amigo pessoal. Segundo Piso, os manuscritos originais foram organizados por Johannes de Laet, enquanto ele “estava convocado para o exército, com o Ilustríssimo Príncipe de Orange”, o que teria dificultado a execução de uma revisão mais adequada e minuciosa de seus escritos. Na carta ao leitor que inicia sua obra, Piso deixa claro que sua intenção ao organizar a nova edição era “separar as coisas úteis das inúteis, as verdadeiras das duvidosas e supersticiosas, as salutares das nocivas”. Fato interessante é que, se a pesquisa no Brasil foi incentivada por uma questão de necessidade e sobrevivência, o processamento destas informações na Holanda tomou como justificativa a divulgação de um conhecimento sobre a América, pois assim o médico conclui sua carta ao leitor:

Se por meio desta obra, qualquer que lhe seja o valor, levada a efeito por meio de fôrças conjugadas, forem as remotíssimas regiões do céu e solo da Ásia e da América aos poucos libertadas das densas trevas da ignorância, e se a considerarem como uma introdução a outras obras melhores, cuidarei ter obtido bastante e muito prêmio com este meu trabalho.¹⁰

Retomando a discussão sobre a originalidade das obras, Henrique Carneiro lembra-nos que “os autores originais da maior parte das informações obtidas pelos naturalistas (...) foram as populações indígenas que por aqui viviam antes da chegada dos colonizadores.”¹¹ Assim, não temos o propósito de definir quem foi o “autor original” de uma observação ou descoberta específica, tarefa que, no caso de Piso e Marcgrave, provavelmente seria impossível, já que os manuscritos, quando não desaparecidos, foram dispersos pela Europa. Contudo, não podemos ignorar a existência de tais questões complexas sobre as edições dos estudos de Piso e Margrave.

Na fase inicial desta pesquisa, optamos por compreender “os estudos realizados por Piso e Margrave” de forma genérica, a partir dos quais buscamos estabelecer quais questões específicas seriam analisadas. Entretanto, o prosseguimento da pesquisa exigiu uma maior clareza em relação ao objeto de análise e optamos por focar na edição de 1658, organizada por

¹⁰ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957, p. 8-10.

¹¹ CARNEIRO, Henrique. O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus. *Fronteiras* (Dourados), Mato Grosso do Sul, v. 13, n. 23, p. 13-32, jan-jun 2011, p. 21.

Guilherme Piso.¹² Embora pontuemos as possíveis contribuições de Jorge Marcgrave quando necessário, a escolha da edição dirigida por Piso deveu-se justamente ao fato de ter sido o próprio Guilherme Piso o agente que organizou posteriormente suas anotações sobre o Novo Mundo. Consideramos também que, por sua formação como médico, seu texto específico poderia oferecer mais possibilidades de refletir sobre os cuidados médicos no Brasil holandês. Mas mais do que isso, focar na trajetória de Piso também nos possibilitou refletir sobre as mudanças e debates fomentados no ambiente intelectual europeu.

Por causa da grandiosidade da obra de Piso e Marcgrave, que permaneceu como referência pelo menos até o século XIX, autores como Cláudio Queiroz, Dante Gallian e Henrique Carneiro se surpreendem com a escassez de estudos sobre esses dois naturalistas e suas produções. Henrique Carneiro aponta que, no Brasil, há apenas os esboços biográficos realizados por Affonso de Taunay, José Honório Rodrigues, Alfredo de Carvalho e Juliano Moreira, além de algumas citações por Rodolfo Garcia.¹³

Em obras consideradas clássicas sobre o Brasil Holandês, como as de Pieter Netscher, Hermann Wätjen, Charles Boxer, José Honório Rodrigues, Evaldo Cabral de Mello e José Gonsalves de Mello, também encontramos citações sobre os dois naturalistas, sempre relacionadas ao período Nassoviano (1637 – 1644). De uma forma geral, tais autores apresentam o empreendimento que trouxe Piso e Marcgrave para o Brasil como uma iniciativa ligada principalmente ao esclarecimento de Nassau, encorpando sua fama de príncipe humanista e, mesmo reconhecendo a importância e o pioneirismo dos estudos realizados pelos naturalistas, sublinham que eles só foram possibilitados pelo mecenato de Nassau.

Em obras mais recentes, essa visão tem sido questionada. A principal obra nesse sentido é a de Heloisa Gesteira, que analisou os escritos de Piso e Marcgrave a partir da metáfora do *teatro da natureza*, pensando na relação entre a apreensão do mundo natural pelos neerlandeses e o domínio do espaço colonial. A autora aponta para o esforço científico como um esforço também de guerra por parte dos holandeses: para ela, a guerra tem

¹² Ambas as edições, de 1648, organizada por Laet, e de 1658, organizada por Piso, foram publicadas em latim. A primeira tradução para o português ocorreu apenas em 1942, através de uma iniciativa do Museu Paulista, na época dirigido por Affonso de Taunay. Entre 1942 e 1948, a edição de Laet, *História Natural do Brasil*, foi traduzida. E em 1957, a *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, de Piso, foi traduzida por Mário Lobo Leal e publicada pelo Instituto Nacional do Livro. Esta foi utilizada como fonte principal na pesquisa.

¹³ CARNEIRO, Henrique. O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus. *Fronteiras* (Dourados), Mato Grosso do Sul, v. 13, n. 23, p. 13-32, jan-jun 2011, p. 18.

desdobramentos políticos, econômicos, sociais e culturais. E o empreendimento científico seria um dos desdobramentos culturais da guerra contra a Coroa espanhola.¹⁴

Além disso, a mesma autora destaca o desenvolvimento científico-cultural da Holanda no século XVII, considerado sua “época de ouro”, e interpreta a produção de conhecimento sobre o Novo Mundo como um fator colonizador, ou seja, de conquista desse Novo Mundo. Para ela, o mecenato de Nassau não é suficiente para explicar as atividades artísticas e científicas dos holandeses no Brasil, já que o próprio interesse de Nassau era reflexo da “forma pela qual a cultura científica vinha se impondo na Europa desde o Renascimento”.¹⁵ Sendo assim, é necessário inserir Guilherme Piso e seus companheiros no contexto intelectual efervescente da Holanda e também da Europa no século XVII, o que abre um interessante espaço para estudo: o das trocas e relações entre Novo e Velho Mundo.

Além de Heloísa Gesteira, que demonstrou, em sua tese, como o conhecimento acerca do mundo natural americano foi construído no contato entre os naturalistas aqui presentes e as instituições neerlandesas (como a Universidade de Leiden e a própria WIC), Mariana de Campos França também adotou esta abordagem em *De Olinda a Holanda*, investigando a circulação não apenas de informações sobre o Brasil como também de artefatos brasileiros pela Europa.¹⁶ Os dois trabalhos, sem dúvida, contribuem para a compreensão da produção de um conhecimento e de um imaginário, na Europa, sobre o Novo Mundo. Entretanto, de uma forma geral, as investigações científicas aqui realizadas pelos naturalistas holandeses têm sido pouco exploradas em sua relação com o ambiente intelectual do período.

Dante Gallian e Claudio Queiroz, em um breve texto abordando a experiência de Piso e Marcgrave no Brasil, notam que seria importante analisar seus estudos considerando as transformações que se deram com a chamada *Revolução Científica* na Europa, a fim de compreender qual “a contribuição do Novo Mundo no contexto das revoluções do século XVII.”¹⁷ Dessa forma, “História Natural e Médica da Índia Ocidental” apresenta-se como

¹⁴ Ideia defendida em sua tese de doutoramento, *Teatro das coisas naturais: conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense: Niterói, RJ, 2001.

¹⁵ GESTEIRA, Heloisa Meireles. *O Recife Holandês: história natural e colonização neerlandesa (1624-1654)*. Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p. 15.

¹⁶ GESTEIRA, Heloisa Meireles. *Teatro das coisas naturais: conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense: Niterói, RJ, 2001.
FRANÇOZO, Mariana de Campos. *De Olinda a Holanda: o gabinete de curiosidade de Nassau*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

¹⁷ GALLIAN, D. M. C., QUEIROZ, C. M. T. de. *Primeiras experiências de ciência europeia nos trópicos: Maurício de Nassau, Willem Pies e George Marcgrave*. Disponível em

uma potencial contribuição à história das ciências, uma vez que se trata, efetivamente, da produção de conhecimento, nesse caso, sobre o Novo Mundo, e se enquadra em um contexto de mudanças no paradigma científico europeu.

No que diz respeito à abordagem da alimentação e da medicina, geralmente tais elementos são retratados de forma secundária pela historiografia do Brasil holandês, a partir de sua relação com o contexto de guerra: os cuidados médicos aparecem como uma necessidade de guerra, e a alimentação é referida a partir do problema do abastecimento: fome *versus* fartura, desencadeadas, respectivamente, por momentos críticos de cerco ou derrota e por breves momentos de paz e/ou vitória. Embora reconheçamos as importantes contribuições dessas abordagens, neste trabalho gostaríamos de deslocar o foco propriamente para os cuidados com o corpo, seja a partir da alimentação, seja a partir da assistência médica, aspectos que, como veremos, não eram tão circunscritos.

Dessa forma, buscaremos analisar as observações sobre as práticas alimentares e terapêuticas descritas na obra de Guilherme Piso e, partindo delas, investigar três aspectos principais e sua reverberação nessa obra: 1) a relação entre alimentação e medicina no século XVII, sobretudo nas práticas difundidas no Brasil holandês; 2) a influência que as reflexões fomentadas pelo processo de revolução científica, ainda em curso durante a pesquisa e escrita de Piso, poderiam ter desencadeado sobre seu pensamento e a forma como ele produziu um conhecimento sobre a natureza americana; 3) as tensões que teriam se apresentado durante o processo de construção deste conhecimento, sobretudo relacionadas à necessidade de adaptar-se ao diferente – e aos saberes do “outro” – para sobreviver.

No primeiro capítulo, abordaremos o ambiente político e intelectual no qual Guilherme Piso estava inserido. Inicialmente, discorreremos sobre o contato que os holandeses tinham com o Novo Mundo, mesmo antes de colocarem em prática seu projeto de expansão ultramarina. Embora aludir à guerra de invasão perpetrada pelos holandeses no nordeste brasileiro seja necessário, daremos maior destaque ao significado do Novo Mundo e de seu domínio para os intelectuais neerlandeses do período. Buscaremos analisar o impacto do *descobrimento* da América e das relações de alteridade pertinentes aos primeiros contatos na construção europeia do conhecimento sobre o mundo natural, o que inclui o conhecimento sobre animais e vegetais comestíveis e/ou medicinais. E, de forma mais ampla, analisaremos o

ambiente intelectual europeu e as discussões em pauta no século XVII, sobretudo os debates que fomentaram a chamada revolução científica.

No segundo capítulo, buscaremos analisar a apreensão do Novo Mundo por Guilherme Piso, a partir dos saberes que ele expõe sobre os vegetais e animais americanos em seu texto. Discorreremos sobre as plantas que receberam maior destaque nas descrições realizadas por Piso e suas aplicações nas práticas alimentares e terapêuticas relatadas pelo médico, sublinhando a intrínseca relação entre ambas as práticas. Examinando seus escritos sobre os animais, intentaremos compreender de que forma eles podem ter sido influenciados, em primeiro lugar, pelos debates científicos que se desenrolavam na Europa neste período e, em segundo lugar, pelas necessidades urgentes que se impunham aos europeus residentes na América, sobretudo relacionadas à alimentação e à cura das doenças.

Já no terceiro capítulo, aprofundaremos nossa análise sobre a relação entre alteridade e o saber médico elaborado por Piso, destacando a apropriação dos saberes e práticas de cura indígena por parte do médico. Partindo disso, examinaremos seu posicionamento no debate entre “antigos” e “modernos”, bem como sua visão sobre a presença de superstições e “práticas mágicas” no exercício médico. Além disso, buscaremos perquirir as visões que Piso deixa transparecer em seu texto sobre a sociedade que o cerca, como os breves comentários que apresenta sobre a colonização e a escravidão. Por fim, analisaremos a própria alteridade da prática médica, destacando os comentários de Piso em relação à saúde da mulher.

Antes de prosseguirmos, torna-se necessária uma breve nota sobre as terminologias adotadas neste trabalho. Para facilitar o entendimento, optamos por utilizar como sinônimos os termos *República das Províncias Unidas* (e sua forma abreviada, *República*), *Países Baixos*, *Províncias Unidas* e *Holanda*, uma vez que, apesar de designar apenas uma das províncias da República, “Holanda” já era um termo adotado para se referir ao “todo” desde o século XVII. Da mesma forma, utilizaremos os termos *neerlandês* e *holandês* ao que for relativo ou pertencente à Holanda. Adotaremos o termo *luso-brasileiro* para nos referirmos de forma generalizada aos habitantes das capitânicas ocupadas pelos holandeses, fazendo diferenciações quando for necessário. Além disso, a expressão *Brasil holandês* será empregada para designar a área ocupada pelos holandeses, considerando que ela se modificou no decorrer dos 24 anos de guerra. Quanto aos nomes próprios das personagens aqui abordadas, optamos por adotar suas formas mais comuns na literatura brasileira: Guilherme

Piso, Jorge Marcgrave, João Maurício de Nassau, Johannes de Laet, Carolus Clusius, Jacob Bontius, e assim por diante.

Capítulo 1 – O Brasil e os holandeses: contatos iniciais e produção do conhecimento sobre o Novo Mundo

Neste primeiro capítulo, buscamos apresentar as especificidades do ambiente político e cultural no qual Guilherme Piso e seus companheiros estavam inseridos, considerando o impacto que a América ainda tinha sobre o imaginário europeu, bem como os interesses econômicos a partir dos quais se vislumbrava conquistá-la. Inicialmente, analisaremos o conhecimento prévio que os holandeses detinham sobre o Brasil e a participação deles na produção e circulação de novas informações sobre o Novo Mundo.

Em um segundo momento, abordaremos o contato entre Novo e Velho Mundo, analisando as tensões postas entre a necessidade de adaptar-se e, ao mesmo tempo, a tendência em marcar a diferença entre o “nós” e o “outro”. Analisando a busca por equivalentes ao pão e ao vinho na América, introduziremos a problemática da alteridade na busca por sobrevivência, de uma forma mais imediata, e na construção de um conhecimento médico e natural sobre o Novo Mundo, de forma mais ampla, esboçando o posicionamento de Guilherme Piso perante tais tensões.

Por fim, nos voltaremos ao panorama intelectual europeu do século XVII, destacando as transformações que vinham se impondo já desde o Renascimento e o descobrimento da América, movimentos que coincidem temporalmente e impulsionaram mudanças no paradigma europeu. Destacaremos, nesse momento, a revolução científica, os debates configurados entre “antigos” e “modernos” e as mudanças no âmbito da medicina. Procuraremos enfatizar, entretanto, que as transformações não foram bruscas, mas, sim, sutis e graduais.

1.1 O Brasil dos holandeses

Inicialmente, é necessário dirigir nossa atenção ao contexto da luta por independência dos Países Baixos e consolidação da República das Províncias Unidas, bem como ao seu projeto de expansão marítima, ao qual está relacionada a ocupação holandesa de Pernambuco, entre 1630 e 1654.

Pertencentes à Casa de Habsburgo desde 1515, os Países Baixos gozavam de certa autonomia sob o governo de Carlos V, imperador do Sacro Império Romano e rei de Espanha. Entretanto, Felipe II, sucessor de Carlos V no reino da Espanha, alterou o tratamento dispensado à região, restringindo as práticas mercantis e fomentando a perseguição contra

não-católicos. Essas mudanças e suas consequências, como uma grave crise econômica ocorrida em 1557, foram o estopim para a guerra pela independência dos Países Baixos contra Espanha, iniciada em 1568, sob a liderança de Guilherme de Orange, e que se estendeu até 1648.¹⁸

A República das Províncias Unidas surgiu quando da assinatura da União de Utrecht, em 1579, pelas províncias do norte dos Países Baixos, como reação ao avanço da Coroa espanhola, sobretudo nas províncias do sul, mas só foi reconhecida oficialmente com a assinatura da Paz de Vestifália, em 1648. Evaldo Cabral de Mello destaca a ligação entre a guerra pela independência nacional e a expansão marítima holandesa, que projetou a República como “‘a primeira economia moderna’ e a principal potência marítima”:

Quando, no decênio final do século XVI, os Países Baixos consolidaram militarmente na Europa sua independência da Espanha, a ofensiva batava desdobrou-se em ofensiva ultramarina visando à destruição das bases coloniais da riqueza e do poderio ibéricos.¹⁹

Assim, uma das ofensivas foi a criação, em 1602, da Companhia das Índias Orientais²⁰, que visava quebrar o monopólio ibérico na Ásia, promovendo o comércio e o domínio neerlandês. Em 1609, porém, iniciou-se a trégua hispano-neerlandesa, que regularizou os contatos comerciais entre Holanda, Espanha e Portugal. Evaldo Cabral de Mello aponta que esses contatos foram muito importantes para que os holandeses obtivessem “conhecimento não só das condições econômicas e sociais, mas também do litoral do Nordeste, dos seus portos e até do traçado urbano de Olinda”, informações com importância estratégica²¹. Assim, quando terminou a trégua hispano-neerlandesa, em 1621, o projeto da Companhia das Índias Ocidentais, que havia sido desenvolvido por Willem Usselinx logo após a fundação da VOC, foi finalmente colocado em prática, em julho do mesmo ano. Tratava-se, basicamente da aplicação do modelo da VOC nas Américas e na África ocidental.

Já desde a fundação da Companhia das Índias Ocidentais, muitos funcionários, tanto dela quanto da VOC, e intelectuais da Universidade de Leiden – que mantinham estreitas

¹⁸ Um panorama mais completo sobre os Países Baixos e o contexto da guerra de independência pode ser encontrado em: ISRAEL, Jonathan. *The Dutch republic. Its rise, greatness and fall, 1477-1806*, Oxford, 1995; PRICE, J.L., *Holland and the Dutch republic in the Seventeenth century*. Oxford, 1994; e PARKER, Geoffrey. *The Dutch revolt*. Londres, 1977.

¹⁹ MELLO, Evaldo Cabral de. (org.) *O Brasil Holandês (1630 – 1654)*. São Paulo: Penguin Classics, 2010. p. 11 e 12. É importante lembrar que Portugal e suas colônias ficaram sob o domínio dos Habsburgos entre os 1580 e 1640, daí a lógica de atacar os domínios portugueses, mesmo visando atingir a Coroa Espanhola.

²⁰ Referida a partir de agora pela sigla VOC (Vereenigde Oost-Indische Compagnie).

²¹ MELLO, Evaldo Cabral de. *op. cit.*, p.13.

relações com as Companhias – escreveram e publicaram textos sobre os motivos e as vantagens de se ocupar o Brasil, a partir das informações obtidas principalmente no período de trégua. O panfleto escrito por Ian Andries Moerbeek²² é exemplo disso e resume bem os motivos mais apontados para se tomar o Brasil: 1) ele seria o elo frágil do império castelhano, uma vez que não era prioridade para o governo de Madri, logo, não estaria tão bem protegido; 2) a localização litorânea do Brasil o tornava um alvo ainda mais fácil; 3) era considerado também o lucro que poderia ser obtido com o domínio colonial sobre o Brasil e sobre o comércio do açúcar e do pau-brasil; 4) tratava-se também de uma conquista estratégica, pois o Brasil poderia servir como base contra a navegação ibérica no Caribe e no Oriente.

O primeiro alvo foi a Bahia, que os holandeses atacaram em 1624, sem encontrar muita resistência inicial. A dificuldade, entretanto, veio nas tentativas de ocupar efetivamente a área: a oposição crescente dos luso-brasileiros, bem como a reação da Coroa espanhola, dificultou a consolidação do domínio neerlandês em Salvador e os holandeses foram expulsos já no ano seguinte. O segundo alvo seria Pernambuco, que também apresentava uma considerável importância econômica e estratégica, e, por ser capitania donatária, os holandeses supuseram que estaria menos protegido e que a reação seria menor. Assim, em fevereiro de 1630, iniciou-se o ataque a Pernambuco. Frei Manuel Calado, religioso português que testemunhou as invasões holandesas e as relatou em *Valeroso Lucideno*, descreveu o ataque e saque à vila de Olinda, que foi incendiada em 1631, como algo que até lhe parecia o dia do “juízo final”.²³

Contudo, o Brasil e o *Novo Mundo* de forma mais geral já haviam despertado o interesse dos letrados holandeses antes mesmo da invasão de Pernambuco. As edições holandesas de cartas e relatos de viajantes, como Cristóvão Colombo, Américo de Vespúcio, Hernan Cortés, Hans Staden, entre outros, que proliferaram nas prensas da Antuérpia, de Amsterdam e Leiden nos séculos XVI e XVII, atestam a curiosidade pela literatura fruto dos *descobrimientos*.

Mariana de Campos França observa que esse mercado editorial se alimentava, sobretudo, de fontes ibéricas, sendo que “entre 1550 e 1650 nada menos que noventa e cinco

²² O panfleto se chama “Razões pelas quais a Companhia das Índias Ocidentais deve tomar as terras do Brasil do Rei de Espanha” e foi publicado em 1623. Moerbeek era funcionário da WIC. Cf. GESTEIRA, Heloisa Meireles. *Teatro das coisas naturais: conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense: Niterói, RJ 2001, pp. 38-39.

²³ CALADO, Manuel. *O Valeroso Lucideno, e triumpho da liberdade...* Bibliographia Brasiliana / Rubens Borba de Moraes, v.1, 1983. [1668]

obras espanholas foram traduzidas para o idioma holandês.” Entre essas fontes, estava *Historia General de las Indias*, de Francisco López de Gomarra, *De la naturaleza y virtudes de las plantas y animales*, de Francisco Jiménez, e *Crónica del Perú*, de Pedro Cieza de León. Há também notícias da existência de um manuscrito de *Diálogo das Grandezas do Brasil*, de Ambrósio Fernandes Brandão, na Universidade de Leiden, o que parece reafirmar a presença de uma rede de comunicação, provavelmente dentro da comunidade judaica ou cristã-nova, que possibilitava a circulação de informações e artefatos entre os países ibéricos e a Holanda.²⁴

Além da compilação e edição de crônicas de viagens, havia também um grande interesse pela publicação e divulgação de panfletos sobre questões políticas e teológicas. É o caso de *Mare Liberum* (1609), de Hugo Grotius, um importante letrado desse período, que defendia a livre navegação e, segundo Heloísa Gesteira, lançava algumas bases para “a investida batava no ultramar, bem como a montagem de um Império colonial articulado por duas companhias de comércio.”²⁵ O já citado panfleto de Moerbeek, intitulado *Razões pelas quais a Companhia das Índias Ocidentais deve tomar as terras do Brasil do Rei de Espanha* (1623), é outro importante exemplo do papel dos panfletos na cultura letrada holandesa e o fato de ele versar sobre o Brasil também denota a importância deste território na visão dos holandeses.

Desde a década de 1620, o Brasil aparecia com destaque nos escritos neerlandeses, e o conhecimento com o qual tiveram contato em tempos de trégua foi o diferencial para seu projeto expansionista. Além disso, a divulgação de informações geográficas e estratégicas que os ibéricos mantinham sob sigilo era vista pelos holandeses como uma forma de enfraquecer seus inimigos. Por outro lado, uma vez tendo conquistado o território, os holandeses buscaram construir um conhecimento sistemático sobre ele.

Johannes de Laet, um dos diretores da WIC, editou, em 1644, *História ou Anais da Privilegiada Companhia das Índias Ocidentais desde seu começo até o ano de 1636*, compilando relatórios, mapas, cartas e diversas informações sobre as viagens e conquistas ultramarinas, informações estratégicas, relatos da guerra e análises sobre as disputas europeias travadas no Novo Mundo. O texto foi escrito para os acionistas da WIC e ressalta os ganhos

²⁴ FRANÇOZO, Mariana de Campos. *De Olinda a Holanda: o gabinete de curiosidade de Nassau*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014, p. 55.

²⁵ GESTEIRA, H. M. *Teatro das coisas naturais: conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: Niterói, 2001. p. 19.

da Companhia. Embora o fator econômico fosse muito importante dentro do contexto de independência e expansão ultramarina dos Países Baixos, o interesse intelectual pelo Brasil não se esgotava nisso. Devemos lembrar que o século XVII foi um século de florescimento artístico e intelectual na Holanda, sendo inclusive considerado como sua *época de ouro*.

O mesmo Johannes de Laet escreveu, em 1625, *Novo Mundo ou Descrição das Índias Ocidentais*, texto no qual ele apresenta diversas informações sobre a América, sobretudo o Brasil. Para compor seu texto, Laet recorreu não apenas a informações coligidas no Novo Mundo, mas também a textos que circulavam na Europa, em sua forma impressa ou manuscrita. Entre os viajantes referenciados por Laet em sua obra estão o inglês Walter Raligh, os franceses Jean de Léry, André de Thevet e Claude d'Abbeville, e os espanhóis Jose de Acosta, Lopes de Gomarra e Antonio de Herrera. A presença de textos recém-publicados entre os citados por Laet demonstra a rapidez com que se dava a circulação desse material.

Além disso, seus escritos evidenciavam que Laet já recebia informações privilegiadas sobre o Novo Mundo, como relatórios abordando questões estratégicas, mesmo antes de os holandeses ocuparem efetivamente o território americano. Ele contou também com uma fonte um tanto peculiar para seus escritos: “treze índios potiguar que haviam embarcado no navio comandado por Boudewijn Hendricxsz em 1625, quando este parou na Baía da Traição no caminho de volta de Salvador a Amsterdã”. Referindo-se a eles como “nossos selvagens”, Laet os cita várias vezes em seu texto, e é possível perceber que os holandeses viam alguns grupos indígenas como possíveis aliados, e que a recíproca também é verdadeira.²⁶

A intenção de Laet era de que *Novo Mundo* servisse como um guia para o viajante que fosse ao Brasil e, portanto, apesar de as curiosidades também comporem a obra, o tom principal é bastante pragmático. O texto apresenta quatro edições: a primeira, de 1625, e a segunda, de 1630, ambas publicadas em holandês. A terceira, de 1633, foi publicada em latim, e a quarta, publicada em 1640 e em francês. Mais do que reimpressões, cada edição nova trazia acréscimos de informações, atualizações que iam chegando d'além-mar, além do cruzamento desses dados com, por exemplo, explicações botânicas provenientes de um dos mais respeitados naturalistas da época, Carolus Clusius (também conhecido como Charles L'Ecluse).

²⁶ FRANÇOZO, Mariana de Campos. *De Olinda a Holanda: o gabinete de curiosidade de Nassau*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014, pp. 65-71. A autora defende que o papel desses indígenas foi fundamental na invasão de Olinda e Recife em 1630, uma vez que forneceram importantes informações estratégicas aos holandeses.

A trajetória de Laet é algo a se destacar: ingressou na Universidade de Leiden, em 1597; calvinista, participou ativamente do Sínodo de Dordrecht, entre 1619 e 1621, ano em que também se tornou um dos diretores da WIC, representando Leiden. Laet elaborou uma vasta produção intelectual e daí o vínculo com a mais importante empresa tipográfica do período, a Elsevier. Em sua trajetória cruzam-se, portanto, vários elementos: o conhecimento formal (Universidade), a divulgação desse conhecimento (Elsevier), o comércio e a expansão ultramarina (WIC) e a religião ou, ainda, as disputas religiosas do período, pois Laet acreditava no poder das ideias como mais um instrumento de combate aos espanhóis e, de forma mais ampla, ao catolicismo.²⁷

Podemos considerar que uma trajetória como essa seria atípica para o período, mas o que observamos de uma forma geral é que os elos entre a cultura letrada holandesa e os planos da República eram bastante intensos. Diversos letrados estavam envolvidos diretamente na política e a própria Universidade de Leiden foi fundada em 1575 como “uma escola de preparação dos funcionários da burocracia do novo Estado independente, dos regentes, da nobreza e também dos predicantes para a igreja reformada.” Leiden se tornou um local de afirmação intelectual protestante e referência para universidades na Europa, contando com um jardim botânico, idealizado pelo naturalista Carolus Clusius, um anfiteatro de anatomia, idealizado por Peter Pawu, e um observatório astronômico.²⁸

Todas essas questões reforçam a ideia de que as pesquisas realizadas por Piso e seus companheiros faziam parte de um projeto previamente dirigido para produção de um conhecimento específico sobre o Novo Mundo, cujas motivações iam dos interesses colonizadores da WIC até interesses pessoais dos envolvidos – não apenas Nassau demonstrou entusiasmo pelo projeto como também o próprio Piso teria pedido permissão para encabeçar os estudos da natureza americana no Brasil holandês. Tal permissão foi, além de concedida, incentivada, desde que sua pesquisa fosse realizada sem detrimento de suas funções como médico do Príncipe e médico-chefe nos hospitais.

Além de contar com sua formação singular, adquirida nos melhores centros universitários da Europa, e com as informações prévias sobre o Novo Mundo, tomadas a

²⁷ Para esboçarmos a trajetória de Johannes de Laet, tomamos como base os textos seguintes: GESTEIRA, Heloisa Meireles. *Teatro das coisas naturais: conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense: Niterói, RJ, 2001; FRANÇOZO, Mariana de Campos. *De Olinda a Holanda: o gabinete de curiosidade de Nassau*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

²⁸ GESTEIRA, H. M. A História Natural do Colonialismo Holandês. *Insight Inteligência* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, Ano IX, nº 33, 2006. p. 107-108.

partir dos textos ibéricos que circulavam entre os holandeses²⁹, Piso recebeu o suporte necessário para realizar sua pesquisa, seja no Brasil, onde ele tinha à sua disposição um laboratório, um jardim botânico e a possibilidade de realizar expedições exploratórias, seja na República, uma vez que manteve contato com acadêmicos tanto de Leiden quanto de Amsterdam, com os quais Piso não apenas trocava informações, como também enviava espécies animais e vegetais para serem analisados.³⁰

Apesar de todo este suporte, a pesquisa de Piso não teria alcançado a mesma magnitude sem o auxílio dos nativos, que partilharam com ele diversos saberes acumulados durante gerações e aos quais dificilmente o médico poderia ter acesso tão rapidamente pela simples observação da natureza. Por tudo isso, a trajetória e o trabalho de Piso nos possibilitam refletir de forma mais ampla sobre as tensões que se expõem no contato entre Novo e Velho Mundo, e as próprias tensões existentes no campo da medicina, também um campo de disputa: a aceitação (ou não) da terapêutica indígena e sua relação com a questão da alteridade, e a adaptação dos europeus por meio do reconhecimento e descrição de doenças comuns no Novo Mundo, e do reconhecimento de novos alimentos e plantas medicinais – e também de perigos – até então desconhecidos.

1.2 Contatos iniciais, descrição e alteridade: a busca pela sobrevivência perante o desconhecido

As grandes navegações da época moderna e a *descoberta* da América contribuíram para a expansão não apenas das fronteiras territoriais do Velho Mundo, mas também das fronteiras do pensamento europeu, cujo repertório era atualizado a cada novidade que chegava

²⁹ Piso se refere muitas vezes aos cronistas espanhóis que escreveram sobre a natureza americana, sobretudo acerca das colônias espanholas. Estes são, sem dúvida, os cronistas de maior destaque em sua formação prévia. Entretanto, cita também médicos/naturalistas portugueses, como Garcia da Orta, e cronistas que escreveram sobre o Brasil, especialmente Léry e Thevet, além dos religiosos, como Manuel de Moraes “e muitos outros monges curiosos e dignos de fé” (p. 660). Vera Regina Beltrão Marques lembra-nos de que, na versão publicada por Laet, Piso lamenta o desleixo dos portugueses em relação à produção e divulgação de obras sobre a América. A autora aponta ainda que, de fato, algumas descrições já haviam sido produzidas por autores portugueses, porém não publicadas – aliás, excetuando o texto de Fernão Cardim que, mesmo atribuído a outro autor, foi publicado já no século XVII (em uma das edições de relatos de viagens organizadas por Samuel Purchas, em 1625), a maioria das crônicas escritas por viajantes portugueses circularam apenas como manuscritos e só começaram a ser editadas e publicadas a partir do século XIX. (Cf. MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Do espetáculo da natureza e natureza do espetáculo: boticários no Brasil setecentista*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, SP: Campinas, 1998, p. 27).

³⁰ Algumas menções a tal contato encontram-se nas páginas 231, 403 (Leiden) e 577 (Amsterdam).

de além-mar.³¹ Partilhando, desde o final da Idade Média, de um imaginário permeado por histórias de aventuras e narrativas de viagens, sobretudo ao Oriente, muitas pessoas se interessaram pelas histórias desse Novo Mundo, descoberto em 1492. Mas o conhecimento sobre o território recém-descoberto ia além de uma mera curiosidade pelo exótico ou do gosto pela aventura. Por um lado, era necessário incorporar a América ao aporte cultural europeu; por outro, o conhecimento era essencial não apenas para a conquista e manutenção dos novos territórios, mas para a própria sobrevivência nesses locais.

A descoberta da América foi, sem dúvida, uma propulsora das mudanças que se desencadearam no pensamento europeu entre os séculos XVI e XVII, uma vez que colocou novas problemáticas como pauta, sobretudo no que diz respeito ao conhecimento do mundo natural. Esse assunto será abordado no próximo item. Aqui, buscaremos refletir sobre uma questão posta aos europeus de forma mais imediata: a necessidade de adaptar-se ao Novo Mundo, o que só seria possível através do conhecimento da nova realidade.

Nesse sentido, o conhecimento do mundo natural americano foi fundamental, uma vez que este oferecia boa parte dos perigos, como plantas e animais venenosos, mas também oferecia os alimentos e os remédios, itens mais básicos para a sobrevivência individual e, em uma proporção ainda maior, elementares para o estabelecimento de novas sociedades no Novo Mundo. A descrição das plantas, dos animais, do clima, etc, sempre teve seu espaço nas crônicas sobre a América, em parte para descrever o *maravilhoso* existente nesse mundo, e em parte para informar sobre a possibilidade de habitar nele.

Tais descrições expandiram o repertório da história natural europeia, e o contato com as novas plantas e animais, seja *in loco*, seja por meio da importação até o Velho Mundo, interferiu no conhecimento farmacológico e nos hábitos alimentares europeus, a longo prazo. Novo e Velho Mundos foram afetados pelo contato ininterrupto iniciado em 1492, e isso se refletiu em questões cotidianas, como a alimentação.

Entretanto, sabemos que tal contato, muitas vezes, se deu de forma nociva às populações americanas nativas, e que se trata, fundamentalmente, de uma relação entre colonizado e colonizador. Nessas circunstâncias, notamos que refletir sobre alimentação, dietética e medicina é, como afirma Leila Mezan Algranti, uma forma de analisar o processo de colonização, um caminho para “captar as formas de comunicação entre conquistadores e

³¹ Sobre o imaginário no qual as navegações e os descobrimentos estavam envoltos, destaca-se a obra de HOLANDA, S. B. de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. [1959]

conquistados, de ação, integração e modificação entre o mundo europeu e o Novo Mundo (...)"³². E essa interação entre conquistador e conquistado, entre Velho e Novo Mundo está longe de ser neutra.

O contato entre europeus e indígenas se dava pela chave da alteridade, ou como afirma Tzvetan Todorov: “Toda a história da descoberta da América, primeiro episódio da conquista, é marcada por esta ambiguidade: a alteridade humana é simultaneamente revelada e recusada.”³³. Também os habitantes do Novo Mundo tiveram espaço nas crônicas e relatos de viagem. Ora descritos como figuras dóceis e ingênuas, ora como bárbaros, selvagens, violentos e preguiçosos, na maioria das descrições, eles são apresentados como seres inferiores, e os letrados europeus, leigos ou religiosos, não tardaram em discutir sobre sua origem e, dentro de uma visão cristã de mundo, sobre a possibilidade de sua salvação.³⁴ Mesmo o mundo natural foi visto e descrito a partir dessas lentes, oscilando entre sua identificação com o Paraíso e com o Inferno.³⁵

Em *O Espelho de Heródoto*, François Hartog analisa a retórica de alteridade presente nos relatos de viagens e, embora seu foco esteja nos escritos de Heródoto e, portanto, remeta à Antiguidade, acreditamos que sua análise também possa ser aplicada aos relatos da época moderna, inclusive porque muitos deles seguiram uma inspiração clássica. Segundo Hartog, a retórica de alteridade é própria das narrativas de viagem, nas quais:

[...] um narrador, pertencente ao grupo a, contará b às pessoas de a: há o mundo em que se conta e o mundo que se conta. (...) Dizer o outro é enunciá-lo como diferente – é enunciar que há dois termos, a e b, e que a não é b (...) Mas a diferença não se torna interessante senão a partir do momento em que a e b entram num mesmo sistema. Não se tinha antes senão uma pura e simples não-coincidência. Daí para a frente, encontramos desvios, portanto uma diferença possível de ser assinalada e significativa entre os dois termos.³⁶

³² ALGRANTI, Leila Mezan . “História e historiografia da alimentação no Brasil (séculos XIV-XIX)”. In: CAMPOS, A. P.; SILVA, G. V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P.; FELDMAN, S. A. (Orgs.). *A cidade à prova do tempo: vida cotidiana e relações de poder nos ambientes urbanos*. Vitória: GM Editora, 2010, p. 142.

³³ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.47.

³⁴ Sobre as visões dos europeus acerca dos indígenas americanos, ver KALIL, Luís Guilherme Assis. *Filhos de Adão: análise das hipóteses sobre a chegada dos seres humanos ao Novo Mundo (séculos XVI e XIX)*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000938814>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

³⁵ Sobre esse tema, ver: SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. 2.ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009. Capítulo 1, “O Novo Mundo entre Deus e o diabo”.

³⁶ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 229.

Supomos, então, que poderia existir uma determinada tensão entre alteridade e necessidade de adaptação, nas circunstâncias dos primeiros contatos dos europeus com o Novo Mundo. No que diz respeito à alimentação, Maria Barreto Ribas afirma que a maior dificuldade que os europeus enfrentaram não estava na diferença de sabor ou mesmo de aparência dos alimentos americanos, mas na dimensão simbólica da alimentação.³⁷

No terreno do simbólico, os elementos mais importantes da alimentação europeia eram o pão e o vinho. Massimo Montanari aponta sua importância como símbolos da “civilização” para os gregos e romanos, uma vez que demonstra que uma sociedade “não repousa sobre recursos ‘naturais’, mas que é capaz de fabricar, ela própria, seus recursos”. Montanari aponta ainda que o cristianismo, ao sacralizar o pão e o vinho, assim como o óleo, “reforçará, ainda mais, os valores do modelo alimentar romano”.³⁸ Trata-se, portanto, de dois alimentos que têm sua importância dentro do consumo cotidiano e que forjaram o paladar dos europeus, mas que também são símbolos da religião cristã, indispensáveis para a realização do sacramento da eucaristia.

A inexistência do pão de trigo e do vinho no Novo Mundo era logo notada e abordada nos relatos de viagens. Muitos questionavam sua ausência, se seria “culpa” da terra ou de seus habitantes, prevalecendo a ideia de que os “bárbaros pagãos” que habitavam a terra seriam os culpados por não existir, nela, pão e vinho. Devido ao papel central desses produtos na alimentação europeia, a busca por “culpados” logo cedeu lugar à busca por equivalentes ao pão e ao vinho na América. Tal busca, entretanto, deveria obedecer a alguns limites, conforme aponta Rubens Panegassi:

[...] por um lado estes gêneros não poderiam ser totalmente substituídos, notavelmente em ocasiões com a missa. Por outro, o significado social inerente ao preparo dos alimentos deveria reiterar a superioridade cultural europeia. Tal processo revelaria, simultaneamente, a aptidão do cristianismo a dar uma dimensão humana à alteridade, bem como a convicção exacerbada de sua dignidade moral. Nesse quadro, a mandioca seria equiparada ao pão ou ao vinho em função de sua utilização.³⁹

³⁷ RIBAS, Maria Aparecida de Araújo Barreto. *Europeus cristãos, índios pagãos: um encontro alimentar no limiar dos tempos modernos*. Anais do IV Encontro Internacional de História Colonial. Belém, 3 a 6 de setembro de 2012. p. 1.

³⁸ FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, pp. 111-118.

³⁹ PANEGASSI, Rubens Leonardo. *O mundo universal: alimentação e aproximações culturais no Novo Mundo ao longo do século XVI*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 67.

A imensa maioria dos cronistas aponta para a mandioca como substituta do trigo. Para dar alguns exemplos, o padre jesuíta Fernão Cardim descreve a mandioca como o principal mantimento do Brasil, que faz o lugar de pão, e Gabriel Soares de Sousa compara a mandioca com o trigo, atribuindo a ela o status de pão da terra, como assim o fazem José de Acosta e Nicolas Monardes.

François Hartog afirma que a comparação/analogia é um dos elementos da retórica da alteridade e “uma maneira de reunir o mundo que se conta e o mundo em que se conta, passando de um a outro.”⁴⁰ Conferir à mandioca o status de pão da terra é uma forma de apontar supostos traços em comum entre os dois mundos, buscar equivalentes. E tal busca tem sempre como referencial o grupo ao qual pertencem quem conta e a quem algo é contado, nesse caso, o referencial é europeu. Ilustrativo exemplo disso é a forma como Piso se refere à mandioca:

Até esta época muitas regiões das Índias careceram de trigo; todavia, a benigna mãe Natureza não quis que faltassem aquelas cousas que sustentam a vida dos homens e dos brutos e fazem às vezes de trigo. Pois a raiz cultivada ou tratada, pelos bárbaros chamada *Mandihoca*, reduzida a farinha e cozida como pão, compete com o melhor pão de flor de farinha.⁴¹

Segundo Gabriel Soares de Sousa, até mesmo os governadores (Tomé de Souza, D. Duarte e Mem de Sá) preferiam a farinha de mandioca à de trigo, uma vez que esta, quando encontrada no Brasil, era cara e de má qualidade, enquanto a primeira era fresca e de boa qualidade. Várias receitas portuguesas executadas no Brasil foram atualizadas com a substituição do trigo pela mandioca, e Frei Vicente de Salvador afirma que, exclusivamente no quesito alimentar, o Brasil se bastava, não necessitando de alimentos de outros territórios. Para ele, segundo afirma Maria Barreto Ribas, o problema era com relação ao “alimento espiritual”, ou seja, a inquietação não dizia respeito à “falta de trigo para o alimento cotidiano”, mas para a produção de hóstias,

⁴⁰ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 240.

⁴¹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p.261.

[...] o divino pão, papel que a farinha de pau jamais cumpriria. Gaspar Coelho foi parar na mesa do Santo Ofício por desconsiderar esta questão. Sugeriu que se fizesse as hóstias de tapioca.⁴²

Ribas afirma ainda que:

Dentre todos os embates culturais deflagrados pela expansão europeia no Novo Mundo, há que se considerar o embate entre o ‘divino trigo’ e a ambivalente mandioca: ‘a água que dela sai é a mais fina peçonha’, do veneno retiravam o alimento. É o que nos informam todos os cronistas. E o pior, dela faziam o cauim, com que se embebedavam e invocavam os demônios em seus rituais antropofágicos.⁴³

A questão religiosa manteve-se, portanto, paralela às trocas alimentares e foi o campo de maior tensão, justamente por repousar no terreno do simbólico. Quanto aos alimentos cotidianos, não apenas a mandioca integrou a mesa dos recém-chegados, mas uma variedade de produtos da terra. Esse processo, entretanto, não se deu sem tensões, afinal muitos alimentos estavam sendo ingeridos pelos europeus pela primeira vez, o que poderia causar estranhamento e até mesmo medo. Além disso, havia a necessidade de marcar sua identidade e diferenciar-se dos nativos, consumindo ou os alimentos que chegavam da Europa ou os alimentos nativos mais próximos àqueles. Massimo Montanari pontua que, mesmo que os europeus tenham tido que reinventar algumas de suas práticas alimentares na América, esse movimento foi totalmente etnocêntrico, ou seja, partiu das referências europeias em busca de equivalências, ignorando potenciais contribuições da cultura alimentar americana. Por outro lado, como nota Panegassi, mesmo que os recém-chegados buscassem manter “seus padrões culturais de origem, a necessidade de sobreviver impõe inúmeros ajustes, principalmente nos primeiros anos de presença na nova área.”⁴⁴

Podemos observar uma tentativa de preservar os padrões culturais europeus na insistência da importação do trigo e na contínua produção de pão, mesmo que com a mandioca. Porém, manter os hábitos alimentares de origem era uma tarefa difícil, afinal, o abastecimento de produtos europeus nem sempre era satisfatório, nem acessível a todos. Além

⁴² RIBAS, Maria Aparecida de Araújo Barreto. *Europeus cristãos, índios pagãos: um encontro alimentar no limiar dos tempos modernos*. Anais do IV Encontro Internacional de História Colonial. Belém, 3 a 6 de setembro de 2012, p. 7.

⁴³ Ibidem, p. 6.

⁴⁴ Cf. MONTANARI, Massimo. *A fome e a abundância: história da alimentação na Europa*. Trad. Andréa Doré. Bauru, SP: EDUSC, 2003; PANEGASSI, Rubens Leonardo. *O mundo universal: alimentação e aproximações culturais no Novo Mundo ao longo do século XVI*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008., p. 47.

disso, boa parte dos alimentos se deteriorava nos meses de viagem marítima, o que contribuía para a preferência de alimentos nativos, frescos.

O mesmo ocorria com relação aos remédios. Em *A ciência dos trópicos – a arte médica no Brasil do século XVIII*, Márcia Moisés Ribeiro observa que, já no século XVIII, as raras boticas espalhadas por alguns centros coloniais eram abastecidas de forma esporádica, o que gerava reclamações, e que a deterioração dos remédios por conta de sua longa permanência nos navios e depois nas prateleiras das boticas fez com que as autoridades coloniais sugerissem o uso de elementos próprios da Colônia para a composição de remédios. Imaginamos, portanto, as dificuldades encontradas no período inicial da colonização.

Considerando a experiência dos lusitanos com a descoberta de ouro nas Minas e a necessidade de desbravar o sertão, Márcia Moisés Ribeiro afirma que para “vencer os obstáculos da natureza” e atingir os objetivos das explorações era necessário adaptar-se e, assim, a “submissão aos conhecimentos indígenas foi extremamente necessária.” A autora afirma ainda que “diante da falta de físicos e cirurgiões e do desconhecimento da natureza e das drogas medicinais do Brasil, o colonizador mais assimilou os hábitos da terra do que impôs os seus aos povos conquistados”.⁴⁵ Acreditamos que essa seja uma das peculiaridades de se estudar as práticas de cura e a alimentação: numa relação colonial, muitas vezes esses elementos invertem, ainda que momentaneamente, a figura do dominado e do dominador, por criar uma dependência deste com relação àquele.

No caso dos holandeses e, mais especificamente, de Guilherme Piso, há que se fazer algumas considerações com relação ao que tratamos até agora. O livro organizado por Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, não é uma crônica de viagem, mas sim um “produto das viagens”, assim definido por Heloisa Gesteira:

(...) todo material impresso que se sustenta com as informações recolhidas em território distante. Diferenciam-se dos ‘relatos de viagens’ porque não se ocupam em relatar aventuras e episódios vivenciados em terras distantes pelo narrador.⁴⁶

Uma peculiaridade da obra de Piso é que parte das informações que a sustentam foram recolhidas por ele próprio, em sua estadia no Brasil. Entretanto, o intervalo de mais de dez

⁴⁵ RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos – a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, pp. 17 e 28

⁴⁶ GESTEIRA, Heloisa. *Teatro das coisas naturais: conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: Niterói, 2001, p. 13.

anos entre o retorno de Piso à Europa, em 1645, e a publicação da sua versão da obra, em 1658, parece demonstrar que as informações colhidas no Brasil precisaram ser processadas na Europa, inclusive com o auxílio de outros letrados e de uma instituição acadêmica, a Universidade de Leiden.

Lembramos ainda que o processo de compilação de informações *in loco* só foi possível por conta da ocupação de Pernambuco, que, por sua vez, fazia parte do projeto de expansão ultramarina dos Países Baixos. Dessa forma, Piso acabou se tornando também um importante agente da colonização neerlandesa: considere-se ainda que, diferentemente dos pintores e de Jorge Marcgrave que eram pagos pelo próprio Nassau, Piso era um funcionário da Companhia (WIC). Heloísa Gesteira aponta que “a presença de médicos na empresa colonizadora neerlandesa pode ser entendida como uma busca de garantia para a adaptação dos europeus em meio ambiente diverso do original” e que o alto desempenho de Piso em sua missão, por assim dizer, científica de catalogar doenças e remédios da região correspondia aos interesses colonizadores, desvelando a íntima relação entre estes e a produção do conhecimento.⁴⁷

Além disso, o contexto de colonização neerlandesa implicava também um contexto de guerra, mais um motivo para a presença médica na comitiva holandesa. Mesmo sendo médico oficial de Maurício de Nassau, Piso relata seus cuidados com os soldados e, embora seu foco fosse explorar o mundo natural americano, a guerra ainda apareceu como pano de fundo em alguns dos seus relatos. Um dos poucos relatos diretos que Piso faz dos horrores da guerra refere-se à sua participação no cerco a Salvador: ao descrever o *Urubú Fétido*, o médico menciona que nesse cerco, assim como em outros combates, “havia montões de cadáveres de homens e animais” e que ele observou os urubus engolirem “avidamente as vísceras e os excrementos com os próprios cadáveres”, e prossegue:

Lembro-me de que, mesmo muito afastados dos nossos arraiais, desprendiam um cheiro tão intolerável que muitos se sentiam mal, e foram curados não sem trabalho. Por isso aconselhei a todos os viajadores que se afastassem deles, quando do alto espaço e dos sertões desconhecidos voavam, aos bandos, para o litoral, a fim de se apascentarem nos cadáveres.⁴⁸

⁴⁷ GESTEIRA, Heloisa. *Teatro das coisas naturais: conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: Niterói, 2001, p. 109.

⁴⁸ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 673.

Em relatórios da WIC, a guerra, embora não apareça de forma tão tocante, é mais presente, bem como a preocupação com a sobrevivência, sobretudo com a escassez de alimentos, que era uma questão recorrente.⁴⁹ Mesmo em um período de relativa estabilidade como foi o governo de Nassau, tal preocupação ainda era cotidiana e parecia perturbar o próprio conde, uma vez que uma das funções do jardim botânico por ele construído na Ilha de Antônio Vaz era contribuir para o fornecimento local de alimentos.⁵⁰

A fome aparece poucas vezes no relato de Piso, sempre com indicações de alternativas a ela: tanto a polpa da *Aninga*, “úmida, que, madura e exsicada, adquire sabor de farinha”, quanto a raiz da *Acutiguépo-obi*, assada ou cozida, “come-se em época de fome”.⁵¹ Entretanto, parece ser a abundância, assentada na variedade de espécies oferecidas pela natureza americana, a protagonista no texto de Piso. Já em seu primeiro capítulo, apenas a título de apresentação, o médico faz uma extensa lista de alimentos de uso cotidiano:

São principalmente de uso cotidiano (os outros dizem respeito à História Natural) o *Ananas*, a *Mangaba*, o *Acajú*, o *Araçá* maior e menor, a *Guajába*, várias espécies de *Murucujá*, a *Ibapitanga*, a *Masarandíba*, o *Acajá*, o *Araticú Guiticarói*, a *Biringéla*, o *Pinoguacú*, os *Cocos*, a *Banána*, a *Pacóba* e os figos silvestres. Todos êstes são considerados indígenas e a maior parte dêles nascem [sic] espontaneamente; alguns são cultivados nas hortas, pelos batavos e lusitanos, com um resultado tão feliz que os frutos perdem o preço. Entre as plantas subterrâneas, estão as raízes *Patatá* e *Umbú*, e as glandes americanas *Munduy*, de ótimo sabor e nutrição, e delícias da sobremesa. Não longe do litoral, nos lugares arenosos e encharcados de salsugem, tão espontaneamente brota certo gênero de beldroega e couve-marinha ou soldanela, que fornecem saladas diárias. Entre as feras há muitíssimas que podem servir de alimento. Os javalis maiores e menores (...) são considerados de carnes ótimas e

⁴⁹ Embora, nos termos econômicos, prevaleçam os comentários sobre o açúcar (quantos engenhos estão em condições de produzir, qual o gasto e a produção anuais, etc), diversos relatórios tocam no problema do abastecimento: em seu relatório apresentado à Câmara dos XIX, em Amsterdã, em 1640, Adriaan van der Dussen, funcionário da WIC, descreve períodos de escassez de víveres e de dinheiro para adquiri-los. Ele destaca a indignação gerada pela falta de farinha de trigo e pela impossibilidade de comprar mesmo a farinha de mandioca. Outra escassez preocupante segundo Dussen foi a de gado. Em documento semelhante, apresentado aos XIX em 1647, Hendrick Hamel, Andriaen van Bullestrate e Dirck van der Burgh, membros do Alto e Secreto Conselho, que governaram o Brasil holandês após a partida de Nassau, também relatam problemas de abastecimento e sua tentativa de solucioná-lo: a exigência de que todos os habitantes plantassem algumas covas de mandioca, de acordo com suas possibilidades. Esses e outros documentos estão em MELLO, José Antônio Gonsalves de. Fontes para a história do Brasil holandês. Recife: CEPE, 2004. O relatório de van den Dussen se encontra no primeiro volume, pp. 137-222 e o relatório dos conselheiros está no segundo volume, pp. 205-300.

⁵⁰ Para mais informações sobre o jardim, conferir SILVA, Maria Angélica da. “João Maurício e suas plantas” IN: TOSTES, V.L.B; BENCHETRIT, S.F.; MAGALHÃES, A.M. (orgs.) *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. (2004) Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2005. pp. 197-224.

⁵¹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], pp. 461 e 470.

salubérrimas. Os porcos anfíbios chamados pelos lusitanos *Capiverres*, posto que inferiores aos outros em qualidade, proporcionam bom alimento a coortes inteiras de soldados e de bárbaros. Diga-se o mesmo dos ouriços. As antas lucífugas, animais de estranho aspecto, lembram as carnes bovinas. As cabras, as lebres e os coelhos não ficam aquém dos europeus. Finalmente, os tatus (...) e os lagartos (...) são servidos entre as finas iguarias. (...) Há pouco foram trazidos pelos europeus rebanhos de gados, sobretudo bois, porcos e carneiros [...]

De nenhum modo faltam aves silvestre de ótimo paladar (...) não quero contudo omitir as que favorecem o apetite e a saúde (...): faisões, perdizes, aves de rapina de várias espécies, de carne ótima e muito delicada. Ajuntem-se-lhes os papagaios, as cordornizes, as rôlas, os pombos, os tordos, os tendilhões, as pombas silvestres [...]

Duvido que possa haver região mais fértil do que esta pela preciosidade e quantidade de seus peixes. (...) os melhores sem dúvida são: os cripinos, as mugens, as tincas, as carpas, as trutas, as douradas, os lóbos-marinhos e até os próprios aselos (...), os orbes, os linguados, as sardas, as agulhas, as raias de diversa espécie. Produzem muitos caranguejos, tartarugas, camarões, lagostas, conchas, ostras, e todos os testáceos e crustáceos, principalmente as lagoas [...] ⁵²

Por último, é necessário considerar a experiência de Piso como um contato inicial, mesmo ela ocorrendo no século XVII. Levamos em consideração que, nesse período, o Novo Mundo já não era uma novidade absoluta, pois muitas informações tinham sido divulgadas durante o século XVI, como vimos no primeiro item deste capítulo. Entretanto, consideramos que apenas a leitura de alguns autores sobre a natureza americana e os habitantes nativos não seria suficiente para um contato direto com o Novo Mundo. Ler sobre um determinado lugar é realmente diferente de estar nele, pois a leitura de um texto sobre a América, embora pudesse perturbar os paradigmas de quem lia, não o atingia tão diretamente quanto a estadia, ainda que por pouco tempo, na América.

No primeiro caso, o leitor poderia manter-se em um local relativamente confortável, um local não afetado pelo outro, senão pelo julgamento dele como incivilizado e até mesmo indesejável. É a alteridade, o reconhecimento do outro e, posteriormente, como afirma Todorov, a negação da alteridade, e a relegação do outro como o bárbaro, distante da civilização e, portanto, do “eu”/“nós”. No segundo caso, o expectador não é apenas um expectador direto, mas também um agente dentro daquele mundo, o que implica a necessidade de uma abertura, ainda que parcial e cheia de tensões, ao outro.

⁵² PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 61.

Não podemos, entretanto, ceder à tentação de imaginar que leitores distantes, que nunca estiveram na América, teriam maior preconceito contra esse mundo e seus habitantes do que os europeus que os conheceram de perto. Michel de Montaigne, por exemplo, nunca esteve na América, e desenvolveu uma interessante reflexão sobre alteridade em seu ensaio *Dos Canibais*.⁵³ Por outro lado, diversos cronistas que visitaram a América detratam seus habitantes e, vez ou outra, até mesmo seu mundo natural. O próprio Guilherme Piso, muitas vezes, refere-se aos indígenas como bárbaros, preguiçosos, indolentes, supersticiosos e muito dados às bebidas e aos prazeres⁵⁴. Assim, devemos ter em mente que o olhar de Piso ainda era europeu, ou seja, sua produção de conhecimento partia do referencial europeu e, conseqüentemente, trazia desconfianças e até mesmo hostilidades sobre os indígenas e seus costumes. Para citar um exemplo, ele assim descreve a pintura com jenipapo feita pelos indígenas:

(...) e com ele pintam o corpo, de jeito que de longe simulam uma veste negra, de aspecto medonho, para que, indo à guerra, pareçam espantosos aos inimigos. *Nenhum outro uso* tem este suco, excogitado somente para artimanhas.⁵⁵

Ao que parece, ao focar no uso do caldo de jenipapo “somente para artimanhas”, Piso deixou de analisar e assimilar os seus outros usos, como seu uso repelente, que, aliás, seria interessante aos europeus, que faziam muitas reclamações sobre os insetos. É nesse sentido que afirmamos que a alteridade, ou, melhor dizendo, sua negação poderia se apresentar como um empecilho à adaptação às circunstâncias do Novo Mundo, e notamos que tal barreira não existiu apenas nos primeiros anos de interação entre os dois mundos, mas durante todo o período de colonização, sendo reforçado, provavelmente, pelos lugares sociais que cada agente ocupava: colonizado/dominado e colonizador/dominador.

⁵³ Nesse texto, Montaigne aponta a parcialidade dos que julgam os nativos americanos como “bárbaros”: “(...) cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. E é natural, porque só podemos julgar da verdade e da razão de ser das coisas pelo exemplo e pela ideia dos usos e costumes do país em que vivemos. Neste, a religião é sempre a melhor, a administração excelente, e tudo o mais perfeito”, indo além, o autor reprova o canibalismo dos indígenas (no caso os Tupinambás, descritos por André Thevet e Jean de Léry) como uma crueldade, mas alerta que esse julgamento não pode cegar os europeus para suas próprias crueldades, seja a violência usada pelos espanhóis na América, seja a “traição, a deslealdade, a tirania e a crueldade, nossos defeitos habituais”, e completa: “Podemos portanto qualificar esses povos como bárbaros em dando apenas ouvidos à inteligência, mas nunca se os compararmos a nós mesmos, que os excedemos em toda sorte de barbaridades.” In: MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. Coautoria de Sergio Milliet. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1996, pp.195-199. O texto foi escrito por volta de 1580 e uma possível barbaridade europeia à qual Montaigne se referia era a perseguição religiosa na França, que encontrou seu ápice em 1572, no massacre de protestantes que ficou conhecido como Noite de São Bartolomeu.

⁵⁴ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], pp. 50-53.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 313. Grifos nossos.

Portanto, não se trata de esperar, ingenuamente, uma superação dos julgamentos vigentes com relação aos indígenas e o mundo que construíram, mas de observar circunstâncias nas quais interagir com o outro e adaptar-se ao mundo dele, inclusive recorrendo ao auxílio do outro, foram imperativas. Nesse sentido, observamos que as grandes contribuições de Piso ao estudo das doenças e da terapêutica americanas estão bastante ligadas à tentativa de adaptação ao Novo Mundo: Piso pode ser considerado o primeiro médico, no Brasil, a olhar com certo apreço a terapêutica indígena; foi responsável por um extenso levantamento das virtudes medicinais das plantas existentes no Brasil e, por fim, também são notórios seus estudos dos venenos e antídotos, tema de grande preocupação entre os europeus recém-chegados à América.

Ao analisar os primeiros viajantes a descreverem a natureza brasileira, como Frei Cristóvão de Lisboa, Pero Magalhães Gandavo, Gabriel Soares de Sousa, entre outros, Vera Beltrão Marques identifica uma forma mais ou menos comum no procedimento de descrição da natureza: eles identificam a planta desconhecida, “descrevem seus caracteres externos”, sempre buscando equivalentes no mundo europeu, e relatam os usos indígenas, deixando transparecer seu olhar estrangeiro sobre tal civilização. Segundo Marques, a preocupação desses cronistas não era a de produzir “registros padronizados nem descrições organizadas” sobre o mundo natural americano, mas sim “dar visibilidade” à natureza então desconhecida. Para a autora, Guilherme Piso “ainda se encontrava na fase do dar a ver”, como os demais cronistas, no entanto, sua especificidade foi comprovar os “efeitos terapêuticos das plantas usadas pelos indígenas”.⁵⁶

Por outro lado, Daniela Calainho aponta que Guilherme Piso, sendo médico e podendo, portanto, testar e comprovar “o efeito terapêutico de várias plantas utilizadas pelos indígenas”, foi “além da mera descrição do que via” e realizou o “primeiro relato a dar conta efetivamente da história natural do Brasil, alicerçado nas indicações fundamentais dos índios e de sua medicina.”⁵⁷ As observações de ambas as autoras podem nos indicar um aspecto importante tanto da obra quanto da trajetória de Piso: sua característica fronteiriça, de uma personagem, em muitos sentidos, entre dois mundos.

⁵⁶ MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Do espetáculo da natureza e natureza do espetáculo: boticários no Brasil setecentista*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, SP: Campinas, 1998, p. 23-27.

⁵⁷ CALAINHO, Daniela Buono. “Cruzando mares: drogas medicinais do Brasil no império português” IN: MONTEIRO, R.B. e VAINFAS, R. *Império de várias faces: relações de poder no mundo ibérico da Época Moderna*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 259.

De fato, ao analisarmos os escritos de viajantes como Gabriel Soares de Sousa, chamamos a atenção a permanente tentativa de fazer com que seu grupo, a quem eles contam o Novo Mundo, consiga ver através da descrição. Para isso, constroem uma retórica de alteridade baseada principalmente em analogias e comparações entre os dois mundos. E esses elementos, como bem notou Vera Beltrão Marques, também estavam presentes nos escritos de Piso. Entretanto, tais elementos, pertinentes a uma retórica de alteridade, muitas vezes são substituídos por uma minuciosa descrição de cores e formas, ou são misturados a elas, como na seguinte passagem (para citar apenas uma), sobre o fruto *Içicá*:

Esta árvore cresce como a faia; o caule não muito grosso; a casca glaba e gris. (...) As folhas são semelhantes às da pereira, oblongas, acuminadas na parte anterior, grossas como um pergaminho, de um verde alegre e lustroso, com o nervo no sentido longitudinal, entrecortadas obliquamente por veias. Nos raminhos, junto ao comêço das fôlhas, nascem copiosos flósculos, aglomerados, dispostos em cachos ou verticilados, pequenos, formados por quatro folíolos verdes, quase da figura de uma estrelinha; (...) Depois da flor vem o fruto, do formato e tamanho da azeitona, da côr da romã, tendo dentro uma polpa odorífera, como a lágrima da árvore.⁵⁸

A mistura de elementos que observamos neste e em diversos outros trechos da obra de Piso parecem indicar, a nível pessoal, as mudanças em curso. O médico continua tentando “fazer ver” através das suas descrições, sobretudo utilizando-se de comparações (“são semelhantes às da pereira”, “do formato e tamanho da azeitona”, “da cor da romã”), entretanto adota um relato mais descritivo, indicando cores, tamanhos e formatos sem precisar recorrer sempre às analogias. Em alguns momentos da descrição, inclusive, Piso parece usar um vocabulário propositalmente mais acadêmico, até mesmo “científico”, por assim dizer.⁵⁹

Dessa forma, podemos considerar Piso como uma personagem entre dois mundos, em um sentido mais óbvio, porque ele partilhou do Velho e Novo Mundo, seja em suas experiências estritamente pessoais, seja em sua formação, seja na construção e transmissão de um conhecimento natural e médico sobre este Novo Mundo. Mas também em um sentido

⁵⁸ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 279.

⁵⁹ Segundo Steven Shapin, o termo “científico” não foi inventado antes do século XIX, nem usado de forma recorrente antes do século XX; dessa forma, seria anacrônico considerar o pensamento de Guilherme Piso como científico nos parâmetros do século XIX. Adotamos esse termo, mesmo correndo o risco do anacronismo, apenas para sublinhar que o pensamento de Piso estava, em grande parte, em consonância com as mudanças ocorridas no século XVII na ciência (considerando a designação que recebia no século XVII: a de qualquer “corpo de conhecimento propriamente constituído”), ou seja, de adoção de práticas experimentais e da tentativa de uma despersonalização da ciência, que deveria ser, sobretudo, descritiva. Cf. SHAPIN, Steven. *La Revolución científica*: uma interpretación alternativa. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000.

figurado, de quem estava no limiar das mudanças que dividiram o ambiente intelectual europeu em “dois mundos”, um antigo e um moderno.

1.3 Antigos e Modernos: concepções sobre a natureza e a medicina no século XVII

Tzvetan Todorov afirma que, entre finais do século XV e início do século XVI, houve um alargamento das concepções europeias de tempo, com a redescoberta do mundo greco-romano, o que “multiplicava por dez ou por vinte a duração da história, e, correlativamente, a estatura da humanidade”, e de espaço, com as navegações e os descobrimentos.⁶⁰ De forma mais específica, também houve uma ampliação do mundo natural conhecido e a descoberta do Novo Mundo, assim como a necessidade de adicioná-lo ao conhecimento global constituiu um grande desafio à História Natural renascentista, que acabava de se estabelecer como disciplina. Heloisa Meireles Gesteira aponta que

[...] os registros produzidos pelos homens que entraram em contato com o Novo Mundo – direta ou indiretamente – contribuíram para fortalecer o movimento renascentista de crítica ao saber herdado da antiguidade, mesmo que este ainda fosse um referencial importante e exemplar.⁶¹

Segundo Daniela Buono Calainho, desde o século XV ocorria, junto com o movimento renascentista, um “renascimento farmacológico”, com a difusão dos herbários e de textos antigos sobre o mundo natural.⁶² Entretanto, ao longo do século XVI, manifestaram-se várias deficiências dos herbários: ilustrações antiquadas, omissão de plantas comuns na Europa e nos Alpes, falta de informação química. Além disso, havia a necessidade de atualizar os herbários com novas informações sobre as plantas, tanto do Oriente quanto da América, que chegavam através dos viajantes. Dessa forma, os naturalistas precisaram superar o saber clássico europeu, que se baseava em autores como Dioscórides e Plínio.

Henrique Carneiro elenca três momentos de ruptura na história das ciências naturais, antes mesmo da biologia moderna, de Lineu e de Darwin. A primeira ruptura teria se dado no final do século XV, através da difusão de livros clássicos, sobretudo da cultura greco-romana;

⁶⁰ TODOROV, Tzvetan. *Viajantes e indígenas*. In: GARIN, Eugenio (org.) *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p. 231.

⁶¹ GESTEIRA, H.M. *A cura do corpo e a conversão da alma: conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII*. Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, n.8, 2004. p. 73.

⁶² CALAINHO, Daniela Buono. *Cruzando mares: drogas medicinais do Brasil no império português*. IN: MONTEIRO, R.B. e VAINFAS, R. *Império de várias faces: relações de poder no mundo ibérico da Época Moderna*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 255.

a segunda, na primeira metade do século XVI, através da busca de maior precisão nas descrições da natureza, a fim de compor as *compilações do saber*; a terceira ruptura se deu no final do século XVI, quando Garcia da Orta, Nicolas Monardes, Francisco Hernandez, Cristovão Acosta, entre outros, aumentaram o repertório europeu, descrevendo plantas orientais e americanas e buscando desenvolver os primeiros métodos de classificação.⁶³

Keith Thomas narra a instituição de sistemas classificatórios cada vez menos antropocêntricos, que resultaram no que o autor chamou de “revolução das percepções”. Mas assinala que, inicialmente, mesmo os naturalistas seguiam classificando o mundo natural de acordo com os usos humanos, até porque, por exemplo, com frequência o interesse pelos estudos botânicos ligava-se à preocupação em conhecer as “virtudes” das plantas e seus usos medicinais. Tratou-se, portanto, de um processo lento e gradual de mudança na forma de compreender o mundo. Porém, para o historiador, “ocorreu uma verdadeira revolução no conhecimento das plantas”, sendo que “em fins de séculos XVII, a botânica estava deixando de ser um simples ramo da medicina; cada vez mais, as plantas eram estudadas em si próprias.” Os usos práticos ainda eram importantes, mas as diferenças entre os princípios classificatórios dos naturalistas e os dos médicos, químicos e jardineiros começaram a ser enfatizadas.⁶⁴

Além dessas mudanças, também vigoraram na Europa, entre os séculos XVI e XVII, vários debates teóricos no campo das ciências naturais, tendo como alguns dos principais temas: a geração espontânea (ideia de que alguns organismos se geravam espontaneamente); a origem da fauna, da flora e dos habitantes do Novo Mundo; modelos cosmológicos (geocentrismo *versus* heliocentrismo), etc. Peter Burke afirma que no século XVII, com a chamada “nova filosofia”, “filosofia natural” ou “filosofia mecânica”, houve um “processo ainda mais autoconsciente de inovação intelectual do que [no] Renascimento, pois envolvia a rejeição tanto da tradição clássica quanto da medieval”, sendo que não apenas Dioscórides e Plínio foram rejeitados ou, ao menos, questionados com maior rigor, como também Aristóteles e Ptolomeu.⁶⁵

⁶³ CARNEIRO, Henrique. *Amores e sonhos da flora: afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia*. São Paulo: Xamã, 2002, p. 23-32.

⁶⁴ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudança de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 93.

⁶⁵ Cf. BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 42.

Esse processo de inovação intelectual do século XVII ficou conhecido como *revolução científica*. Tal expressão se refere às mudanças nas categorias de pensamento ocorridas na Europa entre os séculos XVI e XVIII e se popularizou após Alexandre Koyré utilizá-la pela primeira vez, em 1939. Atualmente, tal noção é usada com mais cautela entre os historiadores, que questionam tanto a noção de “revolução”, que até o século XVIII “evocava a ideia de um ciclo periodicamente recorrente”, quanto de “ciência”, uma vez que esse termo também adquiriu um sentido mais rígido no século XIX.⁶⁶

A discussão acerca da revolução científica é bastante latente e polêmica entre os historiadores da ciência. Destacaremos aqui o trabalho de Steven Shapin, *A Revolução Científica*, publicado em 1996. Já na introdução de seu livro, ele faz uma declaração controversa: “A Revolução Científica nunca existiu, e esse livro trata dela”. Na verdade, o autor tenta mostrar que a revolução científica nunca existiu da forma como foi contada: mudanças bruscas e radicais, que causaram verdadeiras rupturas com o paradigma anterior.⁶⁷

Para Shapin, o que havia, de fato, “era uma diversidade de práticas culturais que se propunham compreender, explicar e controlar o mundo natural”. O autor não identifica uma “essência” da revolução científica e afirma que as mudanças se deram em diversos sentidos (mecanicismo e teologia natural, por exemplo) e de diferentes formas em toda a Europa. Entretanto, foca sua análise em quatro elementos que ele considera como base de uma “coerência artificial” da ideia de revolução científica: 1) mecanização da natureza (uso de metáforas mecânicas); 2) despersonalização; 3) tentativa de mecanicizar a produção do conhecimento, através de um método que visava controlar ou eliminar dessa produção as paixões e os interesses humanos; 4) concepção do conhecimento como benigno e desinteressado.⁶⁸

A principal contribuição de Shapin é pensar a ciência como uma “atividade social historicamente situada”, cujas mudanças não ocorrem apenas sob influência das descobertas nos laboratórios, mas também em decorrência de mudanças políticas e sociais. Ele coloca ainda importantes aspectos para se pensar os conceitos de *revolução* e de *ciência*, e sua adoção na tentativa de interpretar esse período. Shapin aponta que a palavra “ciência”, no século XVII, designava qualquer “corpo de conhecimento propriamente constituído”,

⁶⁶ SHAPIN, Steven. *La Revolución científica: una interpretación alternativa*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000. p. 19. Tradução nossa.

⁶⁷ *Ibidem*, p.17. Tradução nossa.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 20, 30 e 31. Tradução nossa.

entretanto, para se referir aos estudos sobre o mundo natural, eram mais comuns os termos “história natural” e “filosofia natural”. Em seu livro, o historiador opta por usar estes últimos como alternativa à “ciência”, bem como a designação de “filósofos naturais, naturalistas, matemáticos, astrônomos, químicos” como alternativa à “cientista” e “científico”, termo que “não se inventou até o século XIX, e não se empregou habitualmente até começos do século XX.”⁶⁹

Peter Burke também apresenta uma discussão semelhante em seu livro, *Uma história social do conhecimento*, com relação ao termo “intelectuais”. Ele questiona quando teria se dado o “surgimento” dos intelectuais, se nas universidades medievais ou na Rússia do século XIX, e aponta que, além de se tratar de uma questão de definição, também está ligada a ideias de continuidade e descontinuidade na história cultural europeia. “Para evitar confusão”, Burke sugere a utilização do termo “letrados”, uma vez que, “do século XV ao XVIII, os acadêmicos se referiam regularmente a si mesmos como cidadãos da ‘República das Letras’.”⁷⁰

As escolhas dos termos “naturalistas” e “letrados” nos parecem, portanto, adequadas para designar Guilherme Piso, Jorge Marcgrave e os demais envolvidos intelectualmente com a produção de suas obras, como Johannes de Laet. Temos, porém, a especificidade de que Piso era médico, formado em medicina, e que se posiciona diversas vezes em seu texto a partir de tal lugar social. A forma como os protagonistas se enxergam e se identificam dentro do processo de inovação também foi considerada por Shapin, que observa que muitas figuras-chave das mudanças que ocorreram entre os séculos XVI e XVII manifestaram sua convicção de estar propondo e realizando mudanças muito importantes no conhecimento do mundo natural e na própria produção desse conhecimento. Eles próprios, por exemplo, se identificavam como “modernos”.

Isso retoma o questionamento do quão “revolucionária” (no sentido relativo a mudanças) teria sido a “revolução científica”. Nenhum dos dois termos usados para designar esse processo era vigente na época, com o mesmo sentido de hoje, mas a ideia de que se estava propondo algo novo estava presente não apenas nos estímulos dos principais letrados envolvidos, como também em seus discursos. Como em todo movimento que se propõe inovador, a novidade pode aparecer mais como uma questão retórica do que como uma

⁶⁹ SHAPIN, Steven. *La Revolución científica: una interpretación alternativa*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000, p.26, e 22. Tradução nossa.

⁷⁰ BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 26.

realidade, e, de fato, como insiste Shapin, não houve uma mudança brusca e absoluta, mas houve mudanças e os envolvidos tinham consciência de estar fazendo algo, em determinada medida, novo.⁷¹

E não apenas eles tinham essa consciência, como também os que buscaram reagir às novidades propostas por esse movimento. No extenso e polêmico debate sobre o conhecimento do mundo natural e a medicina, basicamente, a disputa se configurava entre “antigos” (aqueles que valorizavam os estudos dos clássicos como a maior autoridade) e “modernos” (aqueles que queriam uma ciência inteiramente nova). A realidade, entretanto, era mais complexa, demonstrando justamente a construção gradual de um conhecimento “novo”. Na introdução do terceiro volume da *The Cambridge History of Science*, as historiadoras que o organizam, Katharine Park e Lorraine Daston, destacam que, de fato, a Idade Moderna, que elas delimitam de 1490 a 1730, pode ser considerada a “era das novidades”, não apenas pela descoberta de coisas, lugares e métodos novos, mas também pela redescoberta de outros textos e culturas, o que implicou em uma expansão dos horizontes e, principalmente, das bases teóricas para os estudantes, sobretudo os que se voltavam ao estudo da natureza e da medicina.⁷²

Park e Daston afirmam que não se deve considerar esse movimento intelectual de busca por novas ideias como, essencialmente, um ataque ou uma oposição direta às doutrinas que concerniam o aristotelismo e seus comentadores medievais, pois “*for many sixteenth-century scholars (...), the works of medieval interpreters seemed not so much wrong as old-fashioned, poorly informed, and narrowly conceived*”.⁷³ Na verdade, muitos desses trabalhos foram reinterpretados a partir do século XVI, a partir de novas descobertas. Segundo as autoras, figuras como Galileu, consagradas pela posteridade como desafiantes do “escolasticismo”, eram raras. Park e Daston sublinham que:

[...] *the process of change was gradual and sporadic, shaped well into the first half of the seventeenth century by serious, widespread, and*

⁷¹ Cf. SHAPIN, Steven. *La Revolución científica: una interpretación alternativa*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000, p. 91-2.

⁷² PARK, K; DASTON, L. “Introduction: The Age of the New” IN: THE CAMBRIDGE History of Science. Cambridge: Cambridge University Press, 2003-2009, v. 3 – Early Modern Science, pp. 1-7.

⁷³ Ibidem, p. 8.

*accepted efforts to accommodate ancient texts to newer methods and discoveries.*⁷⁴

Steve Shapin demonstra que, na prática, havia muitos “antigos-modernos” e “modernos-antigos”, ou seja, justamente um misto entre teorias antigas e práticas modernas e vice-versa. Francis Bacon, um dos principais expoentes da “nova filosofia”, condenava tanto os empíricos desconhecedores das teorias quanto os escolásticos que apenas se baseavam nas teorias. Andrea Vesalius baseou seus estudos sobre a anatomia humana na dissecação de cadáveres, porém afirmava que seu objetivo era tão somente aprimorar os estudos do mestre Galeno; Georgius Agricola, para escrever o seu *De re Metallica*, buscou o conhecimento prático dos mineiros, mas sempre dialogando, de alguma maneira, com os clássicos. A nova astronomia de Copérnico preservava a ideia aristotélica de perfeição do movimento circular, na qual também se apoiou a descoberta da circulação sanguínea por William Harvey.⁷⁵ A lista de exemplos nesse sentido é bastante extensa. Como afirmam Park e Daston, “*the transformations that occurred between about 1490 and 1730 were huge, and hugely varied*”, e é justamente essa variedade de processos e transformações, em direções e momentos diferentes, que frustram as tentativas de alocá-las em um único e singular evento histórico.⁷⁶

Em relação aos estudos de medicina, desde a Antiguidade, a teoria mais aceita era a humoral. Ela teria nascido com os gregos, entre os séculos VI e V a.C. (Hipócrates), sido modificada para os romanos (Galeno; 130-201 d.C.) e para os islâmicos (Avicena; 980-1037). Basicamente, a teoria humoral considerava que o corpo humano era constituído por fluidos (ou humores), classicamente “o sangue, a bílis (ou bílis amarela), a fleuma e a melancolia (bílis escura)”, sendo cada um equivalente a um dos quatro elementos que, para os gregos, formavam o mundo: ar, água, fogo e terra. Tais fluidos possuíam qualidades (quente/fria e seca/úmida) combinadas duas a duas e cujo desequilíbrio (aumento ou diminuição dessa qualidade) gerava a doença. Assim, a doença era considerada um desequilíbrio interno e que o próprio organismo do doente combateria, por exemplo, através de febres ou de uma hemorragia. Os médicos deveriam interferir somente em último caso, forçando a eliminação

⁷⁴ PARK, K; DASTON, L. “Introduction: The Age of the New” IN: THE CAMBRIDGE History of Science. Cambridge: Cambridge University Press, 2003-2009, v. 3 – Early Modern Science, p. 8.

⁷⁵ SHAPIN, Steven. *La Revolución científica: una interpretación alternativa*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000, p. 93 e 94.

⁷⁶ PARK, K; DASTON, L. *Op. cit.*, p. 13.

dos excessos através dos purgantes, da sangria e de remédios e, sobretudo, alimentos, de natureza contrária à da manifestação da doença.⁷⁷

No século XVI, essa teoria começou a ser rejeitada, e a principal figura nesse processo foi a de Theophrastus Bombastus Von Hohenheim (1490-1541), ou Paracelso. Sua rejeição à medicina clássica chegou ao ponto de ele queimar publicamente livros de Galeno e Avicena. Ele defendia que o verdadeiro conhecimento seria adquirido apenas pela leitura do livro sagrado, a Bíblia, e do livro divino da natureza, que deveria ser examinada de forma direta e atenta. Para Paracelso, os curandeiros populares sabiam mais do que os mestres do passado, pois havia, então, doenças desconhecidas dos antigos, como a sífilis e os ferimentos causados pela pólvora, cujo uso nos armamentos só foi adotado no século XV.⁷⁸

Mas a questão, para Paracelso, não era apenas a desatualização dos textos antigos perante as novas doenças. Para ele, a própria interpretação dos antigos sobre o que é a doença estava errada. Paracelso não a interpretava como um desequilíbrio no organismo, mas como uma agressão externa, que o corpo, sozinho, não conseguia combater. O papel do médico, nesse caso, seria o de fornecer ao corpo as mesmas armas da doença. Tal ideia se baseava na medicina germânica popular, que considerava que “iguais curam iguais”. Ao contrário dos remédios usados na medicina clássica, todos mais fracos e feitos à base de ervas, os remédios indicados por Paracelso e os paracelsianos eram fortes e tinham base em minerais, que à época eram considerados por muitos médicos como um veneno a ser evitado.⁷⁹

Os questionamentos e mudanças propostos pelos paracelsianos tiveram grande influência no desenvolvimento da ciência moderna. A começar por sua contribuição em avanços específicos, como seu conceito de doença e da importância da química para a medicina. Por outro lado, como já afirmamos, as mudanças não foram bruscas e, portanto, a aceitação da doutrina paracelsiana, e mesmo das críticas direcionadas à teoria hipocrática-galênica, não se deram de forma imediata, nem absoluta.

De uma forma geral, a característica mais revolucionária desenvolvida pelos médicos “modernos” foi o pressuposto experimental, demonstrado, sobretudo, pela importância que a anatomia galga nos estudos médicos. Como a Medicina, no século XVI, era o eixo das ciências, ficando entre “o micro e o macro, o corpo e o universo”, o experimentalismo surgiu

⁷⁷ VIGARELLO, Georges (dir.) et al. *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009, pp. 442-446.

⁷⁸ GARIN, Eugenio (org.) *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p. 140-143.

⁷⁹ Idem.

como oposição à tradição, sobretudo aristotélica, no estudo da natureza e suas leis, sendo hoje considerado o pilar da ciência moderna.⁸⁰

Paracelso, Garcia da Orta, Ambroise Paré, Miguel Servet, Francis Bacon e Galileu, apesar de não formarem um todo coerente entre si, foram expoentes dessa nova forma de pensar as ciências naturais. Guilherme Piso, Jorge Marcgrave e Johannes de Laet também são figuras inseridas nesse contexto de mudanças, e reagem a elas, a seu modo. Retomamos a afirmação de Heloísa Gesteira sobre a missão científica e artística trazida ao Brasil por João Maurício de Nassau: tratava-se, acima de tudo, de um reflexo da “forma pela qual a cultura científica vinha se impondo na Europa desde o Renascimento.”⁸¹ O empreendimento holandês ia muito além do interesse humanista nutrido por Nassau. Uma particularidade desse empreendimento – e que diferenciou os estudos realizados por Piso e Marcgrave dos realizados por cronistas portugueses, por exemplo – foi a ligação entre os naturalistas e uma instituição científica, a Universidade de Leiden.

Quando Piso e Macgrave estavam no Brasil, realizando seus estudos, eles praticaram intercâmbios tanto de ideias quanto de plantas e animais com os Países Baixos: para a Universidade de Leiden e de Amsterdã eram enviados espécimes brasileiros e de Leiden e outras partes da Europa e das *Índias Orientais* eram trazidos espécimes para serem aclimatados no jardim botânico construído por Nassau. Após o término das pesquisas, elas foram amadurecidas e organizadas na República: para a conclusão dos trabalhos realizados no Brasil foi importante o contato com o ambiente acadêmico – considere-se ainda que Laet, responsável pela publicação da primeira edição da *Historia Naturalis Brasiliae*, era um importante acadêmico do período.⁸²

Como já dissemos, vários letrados neerlandeses estavam envolvidos diretamente na política, tanto que a preocupação em formar homens capacitados política e intelectualmente para a República estava presente já na fundação da Universidade de Leiden, o que reforça a ideia de que o projeto expansionista e a produção do conhecimento estavam relacionados, uma vez que a expansão ultramarina, dentro do contexto de guerra com a Espanha, era de suma importância política.

⁸⁰ CARNEIRO. O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus. *Fronteiras* (Dourados), Mato Grosso do Sul, v. 13, n. 23, p. 13-32, jan-jun 2011, p. 26 e 27.

⁸¹ GESTEIRA, H.M. *O Recife Holandes: historia natural e colonização neerlandesa (1624/1654)*. Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, 2004. p. 15.

⁸² FRANÇOZO, Mariana de Campos. *De Olinda a Holanda: o gabinete de curiosidade de Nassau*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

Considerando a relevância do conhecimento, inclusive técnico, para seu projeto expansionista, a partir do século XVII, os holandeses investiram na formação de agrimensores e engenheiros militares, através da fundação da “Duytsche Mathematique” (Matemática Holandesa), que seria um curso menos erudito, lecionado em língua vernácula, que objetivava difundir ciência e tecnologia nos Países Baixos. Segundo Beatriz Piccolotto Bueno, Marcgrave se formou na “Duytsche Mathematique” da Universidade de Leiden, e através dos conhecimentos assim adquiridos, Marcgrave realizou levantamentos terrestres “fundamentais para a administração local [no Brasil].”⁸³

Nesse sentido, tanto a formação que Piso e Marcgrave receberam na Europa quanto a experiência adquirida no Brasil foram fundamentais para a construção do conhecimento sobre o Novo Mundo. Heloisa Gesteira destaca quatro pontos importantes presentes no processo de elaboração desses saberes por parte dos dois naturalistas: a visão da natureza como um teatro, “espetáculo a ser descoberto e dominado pelo homem”; a racionalização considerada típica da época moderna; a laicização do conhecimento; e a ideia de conhecer para dominar.⁸⁴ E, sobre a experiência de Piso no Brasil, Henrique Carneiro afirma:

O pressuposto experimental, pilar da ciência moderna, vicejou em Piso, refletindo uma época em que a Holanda, na vanguarda da revolução das ideias na Europa, abrigava Descartes e Spinoza, desenvolvia o telescópio e o microscópio, publicava Galileu e praticava através da sua marinha audaciosa um exercício de experimentalismo náutico e de contato pioneiro com novas terras.⁸⁵

Tanto Heloisa Gesteira quanto Henrique Carneiro priorizam aspectos dos estudos de Piso e Marcgrave que se relacionam diretamente com os processos de mudanças que se desenrolaram no século XVII. Por outro lado, Katharine Park e Lorraine Daston alertam para os riscos de resumir tais processos no que as autoras chamam de “mitologia da Revolução Científica”, que não apenas apresenta muitas incoerências em sua manutenção, como também representa uma tentativa velada de justificar

[...] *the inevitable rise to global domination of the West, whose cultural superiority is inferred from its cultivation of the values of inquiry that,*

⁸³ BUENO, Beatriz P. S. A guerra de papel: confecção e disputa pelos mapas. In: TOSTES, V.L.B.; BENCHETRIT, S.F.; MAGALHÃES, A.M. (orgs.) *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. (2004) Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2005. p. 161.

⁸⁴ GESTEIRA, H. M. *A História Natural do Colonialismo Holandês*. Insight Inteligência (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, Ano IX, nº 33, 2006. p. 114.

⁸⁵ CARNEIRO, O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus. *Fronteiras* (Dourados), Mato Grosso do Sul, v. 13, n. 23, p. 13-32, jan-jun 2011, p. 22.

*unfettered by religion or tradition, allegedly produced the sixteenth- and seventeenth-century “breakthrough to modern science”.*⁸⁶

Segundo as autoras, este mito alimenta um outro: o mito da modernidade, que é um pensamento que poderia ser observado já na própria Idade Moderna, especialmente em representações do encontro com o “Novo Mundo”. Elas tomam como exemplo a ilustração do encontro entre Américo Vespúcio e “América”, personificada por uma mulher nua, na obra *Nova reperta*:

*The image emphasizes the enormous cultural difference between the elegantly clothed and technologically advanced Europeans and the culturally back-ward Americans, in a timeless rural landscape, who evoke simultaneously the primitives inhabitants of the “New” World and – in the context of the entire series – Europe’s own primitive past.*⁸⁷

Assim, é preciso tomar cuidado para considerar as grandes mudanças ocorridas durante o século XVII no pensamento europeu, mas sem incorrer em anacronismos, nem na corroboração dos mitos que rondam tal tema, como o mito de um evento único (ainda que plural), o mito da modernidade e o mito da superioridade europeia.

Como o enfoque desse trabalho recai sobre os estudos de Piso, tendo em vista a abordagem do mundo natural a partir do ponto de vista médico, gostaríamos de introduzir sua obra, já discutindo brevemente qual seria o seu posicionamento perante as novidades, tanto fornecidas pela vivência na América, quanto por sua pertença aos âmbitos letrados da Europa.

Em *História Natural e Médica da Índia Ocidental* (1658), são cinco os livros apresentados como de autoria de Guilherme Piso: 1) Dos ares, das águas e dos lugares; 2) Da natureza e cura das doenças da Índia Ocidental, sobretudo das familiares ao Brasil; 3) Dos animais aquáticos, voláteis e terrestres que se podem comer; 4) Das árvores, arbustos e ervas medicinais e alimentícias, que nascem no Brasil e nas regiões vizinhas; 5) Das plantas daninhas, dos animais venenosos e seus antídotos; ao que estão anexadas vivisseções de certos animais, bem como algumas metamorfoses de insetos.

Observamos já no primeiro capítulo o alinhamento de Piso com a tradição hipocrática-galênica, uma vez que, antes mesmo de discorrer sobre as doenças e as curas, busca conhecer

⁸⁶ PARK, K; DASTON, L. “Introduction: The Age of the New” IN: THE CAMBRIDGE History of Science. Cambridge: Cambridge University Press, 2003-2009, v. 3 – Early Modern Science, p. 15.

⁸⁷ Ibidem, p. 17.

o ambiente no qual elas se dão.⁸⁸ Além de citar Hipócrates como referência diversas vezes em seu texto, Piso também afirma que todas as novidades e descobertas devem ser verificadas e conferidas “com as opiniões dos antigos e mais dignos de fé, sobretudo de Hipócrates, o mais fiel intérprete da Natureza e da Medicina.”⁸⁹ Apesar disso, são escassas as vezes em que ele recorre a Hipócrates e outros médicos clássicos na identificação de doenças e na prescrição de tratamentos, enquanto que, para todas as doenças descritas por Piso, são indicados remédios indígenas, facilmente preparáveis com plantas nativas. Como buscaremos demonstrar no próximo capítulo, a principal característica da medicina humoral adotada por Piso é a importância das prescrições dietéticas.

O domínio da alimentação no tratamento das doenças fica evidente na análise das indicações feitas por Piso em seu segundo capítulo, quando trata das doenças americanas. E reitera a ideia de que, ainda no século XVII, não havia uma separação muito clara entre remédio e alimento, botica e cozinha. Já no século XVI os herbários geralmente traziam informações sobre as virtudes alimentares e medicinais das plantas, tendo em vista o seu “temperamento”: quente, frio, úmido, seco. Tendo em mente o que a teoria humoral propunha, podemos entender a estreita relação que havia entre alimentação e medicina nessa época. Os alimentos poderiam ser remédios ou venenos e os tratados de medicina também se ocupavam em prescrever restrições alimentares ou dietas específicas para cada tipo de humor, de doença ou de necessidade. Por outro lado, não era raro encontrar, em obras de cozinha, verdadeiros tratados de dietética, pois o cozinheiro também deveria ter noções de complementaridade de temperamentos e sabores, a fim de tornar o alimento mais saboroso e, conseqüentemente, melhor digerível.⁹⁰

O terceiro e o quarto capítulo são os que mais apresentam as modificações realizadas por Piso, em relação à primeira edição da obra, publicada em 1648. A principal delas é a apropriação das descrições das plantas realizadas por Marcgrave, às quais Piso acrescenta informações sobre as suas qualidades terapêuticas. Keith Thomas observa que, na Idade Moderna, “o principal estímulo para os estudos botânicos era medicinal”, tanto que os primeiros botânicos eram médicos e boticários, preocupados com as “virtudes medicinais” das

⁸⁸ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], pp. 29-30.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 558.

⁹⁰ Cf. FLANDRIN, Jean-Louis. “Tempero, cozinha e dietética nos séculos XIV, XV e XVI” In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. pp. 478-496.

plantas. Ele ainda nota que a descoberta do Novo Mundo intensificou a busca por plantas – e animais – que tivessem utilidade medicamentosa e/ou alimentar.⁹¹

Guilherme Piso, sendo médico, não deixou as observações sobre as qualidades medicamentosas dos alimentos fora de suas descrições. Para todas as doenças por ele elencadas, são oferecidas indicações dietéticas como tratamento. Várias vezes ele prescreve restrições alimentares, outras vezes faz observações sobre o comportamento alimentar do doente. Além disso, em suas descrições sobre as plantas, não é raro que Piso destaque suas propriedades diuréticas, adstringentes, antidotais, purgativas, etc. Muitas vezes, aliás, é difícil separar remédio e alimento, pois grande parte das plantas citadas assumem as duas funções.

O quinto capítulo da obra de Piso é provavelmente o que concentra as novidades mais polêmicas, pois aborda desde os riscos de envenenamentos no Novo Mundo até a geração e metamorfose de alguns animais. Nele, encontram-se tanto superstições, ora reprovadas pelo médico, ora reconhecidas em sua eficácia, quanto técnicas modernas da produção do conhecimento, como descrições das dissecções e vivisseccões realizadas por Piso. Curiosamente, este é o capítulo que apresenta o maior “exotismo” nas descrições, pois, embora não pareça ser esse o intuito de Piso, é possível imaginar que os leitores fossem tomados de grande assombro ao lerem as descrições dos perigos do Novo Mundo, materializados em uma enorme variedade de animais monstruosos – mais pelos danos que poderiam causar do que por sua aparência e estruturas – e de vegetais aparentemente inofensivos, mas que poderiam transformar-se em veneno, dependendo de seu uso, como é o caso da mandioca.

Todas essas questões aqui apresentadas de forma inicial serão aprofundadas nos próximos capítulos, mas gostaríamos de destacar ainda que, em toda sua obra, está patente que Piso incorporou saberes nativos, fato que muitas vezes ele próprio cita, e que também desvela as tensões existentes entre a alteridade, a necessidade de adaptação e o interesse médico. Lembramos ainda que tal incorporação dos saberes nativos concorria com a própria formação do médico, bem como com os debates e disputas relacionados a ela.

Tanto a filiação que Piso reivindica para si, ao retomar Hipócrates, quanto o critério por ele utilizado para selecionar e descrever os animais e vegetais do Novo Mundo, ou seja, apenas animais e vegetais com utilidade alimentícia e/ou medicinal, denotam seu alinhamento

⁹¹ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudança de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 73.

ao grupo dos “antigos” no debate europeu. Entretanto, o conteúdo de seus escritos nos revela diversas práticas experimentais, inclusive a dissecação e a vivissecção, que estariam mais alinhadas aos pressupostos defendidos pelos “modernos”. Tal contradição, que repercute em toda a obra de Piso, é menos uma marca pessoal do médico do que uma chancela do ambiente de mudanças do qual partilhava. Mais uma vez afirmamos que Guilherme Piso, como diversos outros “antigos-modernos” e “modernos-antigos”, foi uma personagem no limiar das mudanças.

Capítulo 2 – O saber entre Velho e Novo Mundo: alimentação, dietética e cura nos escritos de Guilherme Piso

Nesse capítulo, buscaremos discutir a apreensão do Novo Mundo por Guilherme Piso, a partir da constituição de saberes sobre os vegetais e animais americanos e da incorporação de saberes e práticas indígenas relacionadas à alimentação e à terapêutica. No primeiro item, analisando o estudo de Piso sobre as plantas medicinais e alimentícias, buscaremos observar a forma como se deu a elevação do status de plantas e produtos considerados ordinários à qualidade de “preciosidades”, levando em conta os interesses que perpassam todo o trabalho do médico, assim como a necessidade de adaptação à nova realidade.

No segundo item deste capítulo, buscaremos enfatizar a estreita relação entre alimentação e práticas de cura no século XVII, a partir da análise dos estudos de Guilherme Piso sobre as doenças americanas e suas curas. Considerando a relevância da teoria humoral na formação médica, analisaremos as diversas abordagens do alimento no texto de Piso e, inserindo-o no debate europeu entre “antigos” e “modernos”, perscrutaremos o posicionamento do médico com relação à preparação de medicamentos. Por fim, o último item trata dos escritos sobre os animais, os quais abordaremos a fim compreender de que forma eles podem ter sido influenciados, em primeiro lugar, pelos debates científicos que se desenrolavam na Europa neste período e, em segundo lugar, pelas necessidades urgentes que se impunham aos europeus residentes na América, sobretudo relacionadas à alimentação e à cura das doenças.

2.1 O ordinário como precioso: a mandioca, o tabaco e as palmeiras na descrição de Guilherme Piso

Guilherme Piso inicia o quarto capítulo de sua obra, *Das árvores, frútices e ervas medicinais e alimentícias*, explicando o critério utilizado por ele na seleção dos vegetais que ali deveriam constar: apenas aqueles de uso alimentício e medicamentoso, que ainda não tinham sido, na opinião de Piso, “suficientemente bem expostos” anteriormente por outros autores.⁹² O médico deixa claro que seu foco principal é fornecer informações sobre as virtudes e aplicações medicinais dos vegetais selecionados, com base na experiência dele e de seus colegas, alegando que deseja contribuir, assim, para o desenvolvimento da arte médica.

⁹² PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 248.

É importante lembrarmos que, com relação às controvérsias sobre a autoria dos estudos, a principal acusação contra Piso é a de ter se apropriado, em sua obra publicada em 1658, de descrições e ilustrações de plantas e animais, que teriam sido realizadas por George Marcgrave. Tal questão já foi brevemente discutida, mas aventamos aqui a possibilidade de Piso ter enfatizado o critério médico na seleção e descrição dos vegetais como uma forma de destacar as suas próprias contribuições à construção de um conhecimento sobre a natureza brasileira. Talvez nessa tentativa, ele elabora a seguinte justificativa para os critérios adotados:

[...] julguei a propósito apresentar não um acervo de cousas, como acontece às vezes acumular-se, com ostentação fácil e tola, numa congêrie de cousas exóticas, mas sem indicações úteis à matéria médica; isto é, apresentei-as, antes, à imitação de Dioscórides do que de Plínio e Teofrasto, pois estes se atêm às maravilhas da Natureza, como aquêle ao uso médico.⁹³

Dessa forma, Piso poderia justificar a desvantagem quantitativa de suas descrições em relação às de Marcgrave, sublinhando que seu objetivo não era fazer um inventário de “coisas exóticas”, e ainda validar sua produção, não apenas destacando a importância do conhecimento médico, mas também demonstrando a autoridade de sua abordagem, ao citar que segue o exemplo de um autor clássico na área botânica, como Dioscórides.

Os critérios utilitários não foram adotados por Piso apenas na seleção dos vegetais, mas também na classificação, segundo o médico afirma:

Ora, não me adstringi tão escrupulosamente à ordem habitual dos botânicos, de sorte que as ervas, frútices e árvores viessem cada qual na sua classe. Mas, *dos vegetais mais importantes e usuais, descí aos outros*, consoante se ofereciam nos diversos lugares e circunstâncias.⁹⁴

Dessa forma, cria-se, no leitor, a expectativa por saber qual seria o vegetal mais importante em suas virtudes alimentícias e medicinais, que, segundo os critérios apresentados por Piso, deveria ser o primeiro em sua descrição. Entretanto, tal expectativa acaba sendo frustrada, uma vez que o primeiro vegetal descrito é a cana-de-açúcar, escolha que parece dever muito mais à sua importância econômica do que aos usos médicos, pois a partir do século XV, há um crescimento contínuo da demanda europeia por açúcar, proveniente da América. Alain de Lempis afirma que, enquanto nas colônias espanholas a produção de

⁹³ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 248.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 249, grifos nossos.

açúcar, ainda que em grande quantidade, era para consumo local, no Brasil quase todo o açúcar produzido era enviado à Europa: “para Lisboa e sobretudo para Antuérpia, que se tornou, em detrimento de Veneza, o grande centro de refinação e redistribuição do açúcar na Europa do Norte”.⁹⁵

Ao apresentar a planta, Piso escreve que “nenhuma mercadoria desta terra existe que dê mais lucro e ganho aos negociantes”⁹⁶ e fornece informações sobre as espécies, o cultivo e sobre a produção do açúcar, bem como as aplicações dele e de outros produtos derivados da cana, citando brevemente a *garapa*. Aqui parece se configurar novamente a importância estratégica do conhecimento como uma arma da expansão holandesa, pois, se para os holandeses conhecer era sinônimo de dominar, o conhecimento da cana-de-açúcar não poderia ocupar outro lugar senão o de destaque que Piso lhe reservou.⁹⁷

Indicativo de que o estudo do açúcar foi mais valorizado por questões econômicas do que por suas virtudes medicinais é que estas foram abordadas apenas no último parágrafo, de forma breve e apenas repetindo o que já era conhecido “na maior parte, dos europeus (...)”.⁹⁸ Se o interesse de Piso fosse discorrer sobre uma planta já conhecida dos europeus, mas com virtudes medicinais ainda desconhecidas, podemos pensar que seria mais compreensível que

⁹⁵ LEMPS, Alain Hurtz de. “As bebidas coloniais e a rápida expansão do açúcar” IN: FLANDRIN; MONTANARI. *História da Alimentação*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, pp. 612-613.

⁹⁶ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 251.

⁹⁷ Sobre a importância do açúcar para os holandeses e seu peso na tomada de decisão de atacar o Brasil, Marcos Guimarães Sanches aponta que há pensamentos divergentes na historiografia: Para Kossman, o comércio do açúcar era secundário e a WIC havia sido criada com o maior intuito de hostilizar a Espanha. José Gonsalves de Mello defende o oposto, que a economia holandesa era baseada no comércio e que o refino do açúcar, nos Países Baixos, dependia do fornecimento do açúcar brasileiro. A historiografia recente, porém, aponta “que o envolvimento nos negócios do açúcar não é a única causa da ação da Companhia no Brasil, devendo ser levados em conta o quadro internacional, a consolidação das práticas consideradas típicas do mercantilismo e até os primeiros sinais de declínio dos rendimentos do açúcar” (SANCHES, M. G. “A mais deliciosa, próspera e abundante – A capitania de Pernambuco e o projeto holandês no Brasil” IN: TOSTES, V.L.B; BENCHETRIT, S.F.; MAGALHÃES, A.M. (orgs.) *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. (2004) Rio de Janeiro, RJ: Museu Histórico Nacional, 2005., pp. 176-177).

⁹⁸ PISO, Guilherme. *op. cit.*, p. 256-7. De fato, depois de seis páginas descrevendo a planta e seu cultivo, Piso assim resume seu uso médico: “As virtudes médicas do açúcar, porquanto conhecidas, na maior parte, dos europeus, serão aqui explanadas apenas em poucas palavras. O caldo recém-espremido da cana é frio, e, se se destilar no alambique, muito mais durável e eficaz. Cura muitos males dos olhos, bem como ardores do fígado e dos rins. Mas, como esta substância das canas passa por muitas mudanças antes que, repurgada, seja reduzida a torrões, deixa em parte a primeira natureza, e até reveste uma estranha, às vezes mais agradável ao paladar do que profícua à saúde, se aperfeiçoada, para delícia nossa, por uma boa dose de cal e de forte lixívia. Por isso o que é levado à farmácia, para remédio, convém que somente se repurgue um pouco: pois que o natural reserve as forças, e dulcifica mais intensamente os *serapia*, os electuários e semelhantes. E até o açúcar vermelho, tido como inferior aos outros (como também o que é tirado da Ilha de São Tomé, isento de toda lixívia), não é de desprezar, mormente nos clisteres. E assim, embora o açúcar no primeiro grau seja quente e úmido, contudo, quanto mais antigo e purificado, tanto mais cáldo é, e facilmente se converte em bile, e mais intensamente se digere e dissolve. O novo, porém, não só ao peito e estômago, mas também à bexiga e aos rins é útil. Finalmente, em todo condimento dos doentes, deve de preferir-se de muito ao açúcar velho.”

ele falasse sobre o cacau, o que, porém não aconteceu: ele cita a bebida chocolate, mas não faz menção nem à planta do cacau, nem aos seus usos medicinais. O que chama mais a atenção ainda é que, segundo Leila Mezan Algranti, um dos usos medicinais que os indígenas faziam da bebida ou da pasta do cacau era como antídoto, função que, como sabemos, era muito estimada por Piso.⁹⁹

Após discorrer sobre a cana e seus produtos, o médico elege algo um tanto inesperado para dar sequência à sua descrição: o mel silvestre. Inesperado por ter sido elencado entre os vegetais, o que desnuda a dificuldade em classificar este produto de origem mista, mas também inesperado por ter sido colocado em um lugar de destaque, antes mesmo da mandioca, cuja importância é notória, tanto entre os indígenas quanto aos europeus recém-chegados. A descrição da mandioca segue-se à do mel silvestre, e depois é sucedida, respectivamente, pela copaíba, cabureíba, caju, jabuticaba, e assim por diante.

Considerando a advertência de Piso, de que ele começaria a descrição da natureza americana a partir dos vegetais mais importantes, do ponto de vista médico, nos causa estranheza não apenas que a cana-de-açúcar e o mel silvestre encabecem a lista, mas também que a ipecacuanha, cujas virtudes são tão exaltadas pelo médico no capítulo sobre as doenças e suas curas¹⁰⁰, demore tanto a aparecer no capítulo sobre os vegetais. Aparentemente, outras questões também pesaram na classificação, e apenas avançando no capítulo descobrimos quais vegetais são, por suas virtudes alimentícias e medicinais, considerados os mais importantes de fato para Piso: a mandioca, descrita à larga pela maioria dos cronistas, que viam nela o pão da terra, substituto do trigo; as palmeiras, louvadas pela diversidade de espécies e de víveres que ofereciam e o tabaco, cujas virtudes logo se sobrepuseram ao seu polêmico uso em rituais indígenas.

Os três produtos selecionados são elencados por Guilherme Piso como as três preciosidades americanas, para as quais ele não encontra correlatos no Velho Mundo, em grau de nobreza e excelência:

Examinando-se profundamente toda a natureza dos vegetais, creio que o Velho Mundo dificilmente produzirá algumas plantas tão preciosas como as nossas três americanas, nobilíssimas e excelentes: a primeira

⁹⁹ Cf. ALGRANTI, Leila Mezan. “ ‘Bebida dos deuses’: técnicas de fabricação e utilidades do chocolate no império português (séculos XVI-XIX)” IN: ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula T. (orgs.) *O império por escrito*. São Paulo: Alameda, 2009. pp. 409-410.

¹⁰⁰ Piso afirma que a Ipecacuanha é a “âncora sagrada” e que “nenhum outro remédio mais útil e seguro a natureza excogitou” (p. 106).

é a raiz *Mandihoca*, que fornece alimento, veneno e antídoto a imensas regiões de todo o mundo, como em seu lugar provei; a segunda é aquela palmeira que produz as nozes *Cocos*, donde se preparam vários medicamentos, bem como bebidas, para não dizer alimento e vestuário, e outras utilidades fornecidas das várias partes da árvore; e a terceira é este *Petúme*, que quanto em qualidade alimentícia cede às duas precedentes, tanto mais as supera em virtudes medicamentosas.¹⁰¹

A mandioca é a que recebe a maior atenção por parte de Piso e o maior espaço no capítulo sobre os vegetais. Ela é apresentada já nas primeiras linhas como uma substituta do trigo, na tentativa de estabelecer um paralelo entre a base alimentar europeia e a indígena, a partir do pão. É interessante notar que Piso atribui algo cultural, como discutido brevemente no primeiro capítulo, à Natureza: pois, nas palavras do médico, a Natureza, não querendo que “faltassem aquelas cousas que sustentam a vida dos homens e dos brutos”, deu aos habitantes da América a mandioca para fazer “as vezes de trigo”.¹⁰² Em seguida, Piso discorre sobre seu uso na América espanhola, citando para isso Nicolas Monardes, e sobre as diversas espécies que, genericamente, recebem o nome de mandioca:

E assim, a primeira espécie deste decantado arbusto é chamada pelos brasileiros do litoral *Mandiibabuára*, *Mandiipparata*, bem como outras de raízes e troncos esbranquiçados, *Mandiipéba*, *Mandiipuçu*, *Mandiibimána*, *Aipi* (que por sua vez se divide em outras espécies, *Tapecima*, *Aipipóca*, *Mandijupéba*, *Aipimacaxera* (...)) Às raízes de todas estas estirpes foi dado um só nome de *Mandihoca* [...] ¹⁰³

Todas as plantas descritas por Piso apresentam sua nomenclatura indígena, às vezes seguida de uma tradução ou da indicação de como elas são chamadas pelos “lusitanos”. O exemplo acima é interessante para pensarmos a retórica de alteridade que permeia o texto do médico holandês, pois, segundo François Hartog, recursos como o utilizado por Piso no excerto citado produzem um efeito que é, ao mesmo tempo, exótico e sério: exótico porque, afinal, trata-se da linguagem do *outro*, e sério porque por meio disso o escritor demonstra seu conhecimento e domínio da língua nativa, reiterando sua autoridade em relação ao assunto tratado. Além disso, tais recursos causam, de certa forma, um efeito de realidade, porque o uso de uma linguagem diferente mostra ao interlocutor que realmente há, no Novo Mundo, povos diferentes do que se conhecia até então, e parece aproximar esse diferente do leitor que se encontra do outro lado do Atlântico. Ao analisar a importância dada por Jean de Léry à

¹⁰¹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p.434.

¹⁰² Ibidem, p. 261.

¹⁰³ Ibid., p. 262.

linguagem dos nativos, Hartog afirma: “entre o Antigo e o Novo Mundo, a tradução é o que mantém e reduz a distância oceânica.”¹⁰⁴

Consideramos que essa distância pode ser diminuída ou ampliada por quem a descreve, de acordo com os interesses do momento. Por exemplo, por um lado, espera-se que o Novo Mundo tenha elementos diferentes, exóticos e até mesmo assombrosos, dessa forma, o próprio exotismo da narração ou descrição cria um efeito de realidade no leitor. Isso pode acontecer, como no trecho acima citado, através da ausência de tradução, que, de acordo com Hartog, “vem a ser verdadeiramente o indício de uma ausência na tabela de equivalências”¹⁰⁵: de fato, a única equivalência que Piso encontra para a mandioca é o pão e/ou o trigo, não por semelhanças entre os produtos, mas por terem, respectivamente, a mesma importância na alimentação indígena e europeia. Ou pode ocorrer através da simples descrição, como no caso seguinte, em que Piso descreve a polêmica prática da antropofagia entre os indígenas:

As carnes de um e outro (salvo na morte por peçonha), raspadas até os ossos com os dentes, servem-lhes de selvagem repasto. Os cadáveres dos próceres são comidos assados pelos outros nobres, exceto os ossos que, conservados pelos consanguíneos próximos para os banquetes nupciais, e, esmagados em partículas muito diminutas, são devorados em vez de doces.¹⁰⁶

Segundo Hartog, a simples descrição é uma enunciação na qual a alteridade não está explicitada. Nela, não é necessário comentar ou enfatizar a diferença, pois o leitor a percebe através da leitura e análise dos relatos.¹⁰⁷ A descrição da prática antropofágica é, certamente, um caso extremo desse recurso, porém podemos considerar as descrições de plantas desconhecidas pelos europeus, em todo seu “exotismo”, como uma forma de desnudar a diferença, sem, contudo, precisar explicitá-la.

Por outro lado, a “distância oceânica” pode ser diminuída a partir do esforço de não apenas conhecer as diferenças, como também aprender a usufruir delas. Este parece ser o esforço de Piso, ao descrever os vegetais e animais comestíveis, as doenças e suas curas, e os venenos e antídotos: oferecer aos novos habitantes da América informações que contribuam para uma estadia salutar nesse Novo Mundo.

¹⁰⁴ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 252.

¹⁰⁵ Ibidem p. 258.

¹⁰⁶ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 54.

¹⁰⁷ HARTOG, F. *op. cit.*, p.252.

Ainda com relação à mandioca, Piso apresenta, além de uma breve descrição e uma ilustração, informações úteis para o cultivo, para a produção da farinha de mandioca e para sua conservação, inclusive através de bolos, chamados *Beijus*, e menciona outros usos alimentares, como o consumo das folhas enquanto salada. Ele aponta também a preferência dos europeus pela mandioca, em detrimento do pão de trigo, fazendo notório, entretanto, que essa preferência se dá *apesar* de a mandioca ser, a seu ver, menos nutritiva. Uma vez que o médico não apresenta nenhum motivo para considerar essa diferença nutritiva entre o trigo e a mandioca, podemos questionar se sua intenção, nesse momento, não seria garantir, de algum modo, a superioridade do produto europeu, mesmo tendo que constatar o desinteresse de seus compatriotas por ele.¹⁰⁸

Quanto às virtudes medicinais, Piso afirma que as farinhas chamadas *Carimá* e *Tipióca* são antidotais, e esta última, “se for purificada e seca com muita lavagem, e se preservar bem de toda umidade, administrada segundo a arte, serve de remédio aos fracos e disentéricos”, além de curar febres, envenenamentos e hemorragias, sobretudo as provenientes de ferimentos, atribuição fundamental para a sobrevivência nas circunstâncias em que viviam os holandeses: de guerra com os portugueses e luso-brasileiros, por um lado, e de risco de ataques indígenas, por outro.¹⁰⁹ Já no capítulo sobre as doenças e suas curas, identificamos o uso da mandioca e seus derivados, sobretudo a *Tipióca*, como alimento para reestabelecer a saúde do doente, e como remédio contra, por exemplo, cólera, catarros e lues índica, além de seu uso externo no tratamento de úlceras.¹¹⁰

Porém Piso alerta para a ambivalência do vegetal, que, ao mesmo tempo em que oferece alimento e antídoto, oferece também veneno: o suco chamado *Manipuera*. Esse alerta aparece já na descrição da mandioca no capítulo sobre os vegetais, mas é aprofundado no capítulo sobre os venenos. Indo muito além de apenas apresentar os perigos, Piso demonstra ter incorporado saberes indígenas para lidar com eles, e menciona a forma como deve ser subtraído esse suco da mandioca, sem riscos aos criados que o realizarem, e depois enumera os antídotos, todos nativos e fáceis de serem encontrados, sendo os principais deles a *Ipecacuanha*, *Caiapiá*, *Tipióca* e *Iaborandí*. Ele afirma também, novamente mostrando o aprendizado que obteve junto aos indígenas, que se o suco *Manipuera* for cozido, ele perde

¹⁰⁸ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], pp. 265-268.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 267-268.

¹¹⁰ Ibid., pp. 86, 99, 110, 116, 120.

sua propriedade de veneno.¹¹¹ É interessante notar ainda o destaque que Piso dá à técnica dos indígenas em tornar algo venenoso em algo benéfico, seja alimento, seja remédio, pois a própria *Tipiôca* é derivada desse suco, segundo suas observações.¹¹²

Tal ambivalência pode ser o próprio motivo pelo qual Piso considera a mandioca uma preciosidade, pois, como ele próprio descreve, ela é poderosa “em qualidades alimentícias, medicamentosas e venenosas”. Além de ter tantas utilidades e formas de preparo e consumo, um aspecto importante era sua abundância, pois oferecia todo o necessário para a sobrevivência (destaque-se o fato de ela ser considerada a substituta do trigo) e era de fácil acesso. Contudo, a facilidade em sua manipulação dependia, como vimos, da abertura do europeu aos ensinamentos dos indígenas.¹¹³

Enquanto as diferentes espécies da mandioca, embora elencadas, são generalizadas na descrição de Piso, cuja atenção maior se volta aos produtos derivados dessa raiz e seus usos, no caso das palmeiras ocorre o contrário: a preciosidade reside na própria variedade de espécies, que são descritas de forma particular, tendo seus principais usos enfatizados. Entre as espécies nativas, estão: a *Inaiá*, cujas folhas servem de telhado, e cujos frutos tem utilidade alimentícia e medicinal; a *Carnaíba*, destacada pela beleza de sua madeira; a *Urucury*, que fornece alimento, a partir tanto do seu fruto quanto de sua madeira; a *Gioçará*, cuja flor pode ser usada como vassoura ou chicote e fornece um fruto comestível; a *Tucún*, de cujo fruto produz-se um óleo; a *Airi*, da qual se produz flechas e um tipo de vinho; a *Aqué*, que fornece um fruto saboroso, do qual se fabrica vinho; a *Iraibá*, que fornece alimento; a *Mirití*, cujo fruto é comestível e cujas folhas são usadas como telhas; e a *Maraiáiba*, que fornece frutos comestíveis e saborosos e de cuja madeira os indígenas produzem arcos.¹¹⁴

Várias delas são descritas como muito úteis para os viajantes, principalmente por oferecerem frutos comestíveis. Sobre a *Iraibá*, Piso escreve: “Socorre a fome aos que viajam por aquelas florestas e alongados sertões.”¹¹⁵ Outra observação interessante nesse sentido é

¹¹¹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 633.

¹¹² Ibidem, p. 266.

¹¹³ Ibid., p. 262 e 269.

¹¹⁴ Ibid., pp. 287-294.

¹¹⁵ Ibid., p. 294.

sobre uma espécie de bromélia que nasce na árvore de *Urucury*, de nome *Caraguatá* e que, segundo Piso, “fornece aos viajantes uma água potável”.¹¹⁶

Entre as espécies citadas, queremos destacar alguns aspectos das descrições sobre a *Urucury* e *Inaiá*. Esta, segundo Piso a mais comum, era chamada pelos portugueses de *Pindóva*, e é descrita pelo médico como tendo “pouca ou nenhuma utilidade”, a não ser de adorno. Porém cabe questionar a quem essa árvore é de pouca utilidade, pois ele prossegue dizendo que “os lusitanos enfeitam com ela os átrios e as paredes dos templos” e, em seguida, que “o gentio cobre com ela as suas cabanas, ao invés de telhas, para resguardá-las das chuvas”.¹¹⁷ Assim, apesar de reconhecer o uso indígena dessa planta, o referencial de Piso para sublinhar sua utilidade é europeu: como os portugueses só a utilizam como enfeite, ele a considera pouco útil.

Vemos, portanto, que, da mesma forma que produtos que seriam comuns para os indígenas foram elevados por Piso e outros europeus à categoria de preciosidades, também produtos de grande utilidade para os indígenas foram diminuídos e até mesmo ignorados quando não tinham ou mesmo não aparentavam ter utilidade aos europeus. Retomando a reflexão inicial sobre os critérios utilizados por Piso na seleção e classificação das plantas descritas em seu capítulo, podemos também questionar qual seria a importância da cana-de-açúcar para os indígenas, e certamente ela não se equipararia à importância que lhe era atribuída pelos europeus, que visavam o comércio de açúcar.

É preciso ter em mente que Piso, apesar de colocar-se como um observador dos costumes indígenas e mesmo de abrir-se para alguns de seus saberes, o faz como europeu e que isso é um fator limitante de seu olhar. Note-se, por exemplo, que, apesar de ver pouca utilidade na técnica indígena de cobrir suas “cabanas” com a folha da *Inaiá*, Piso destaca os usos de seu fruto, por ele chamado *Coco* e pelos indígenas, *Inaiá-miri*, como alimento e na produção de um óleo, com propriedades medicinais, e que era empregado, quando novo, “nos alimentos e para iluminação, quando velho”. E finaliza sinalizando que “existe no vértice do lenho uma medula de cor esbranquiçada do sabor da noz fresca e que, comida com pão e sal, proporciona ótimo alimento”.¹¹⁸ Assim, quando consideramos o olhar de Piso como limitado, o fazemos com o intuito de sublinhar seu direcionamento a partir de um critério europeu,

¹¹⁶ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 292.

¹¹⁷ Ibidem, p. 287.

¹¹⁸ Ibid., p. 287.

presente em sua formação, que é justamente no que reside a especificidade de seu trabalho, e interessa em nossa abordagem.

Também ao tratar da espécie *Urucury* Piso enfatiza seus usos medicinais e alimentícios, sobretudo dois que sabemos serem muito valorizados por ele: como pão e como antídoto. Segundo Piso, a partir da madeira se produzia uma farinha, chamada *Urucurívi* pelos indígenas e *farinha de pao* pelos portugueses, que era “usada como pão na falta da farinha comestível de *Mandihoca*”. Já do fruto, *Urucuri*, se fabricava um óleo “muito medicinal e empregado sobretudo contra as picadas venenosas das raias”. O médico acrescenta: “Julgo mesmo que não há melhor remédio contra este mal.”¹¹⁹

A única espécie de palmeira transplantada sobre a qual Piso discorre, e é a que ele diretamente cita na passagem em que faz referência às “preciosidades americanas”, são os *Coquoeiros*, ou na língua indígena, *Inaiaguaçuiba*. Após uma minuciosa descrição da planta, ele aborda os frutos, *Cocos* ou *Inaiaguaçu*, cuja água e polpa eram, segundo Piso, muito procuradas “pelos viajantes cansados da viagem marítima e atacados de escorbuto”. Prossegue afirmando que “o óleo que dele se extrai tem muita aplicação na cozinha e na farmacopeia e não cede em excelência ao óleo de amêndoas”, e finaliza com a descrição da *Palma* e de seus usos como alimento.¹²⁰

Concluindo sua abordagem sobre as palmeiras, Piso apresenta, resumidamente, aspectos que podemos considerar como decisivos para a estima delas como preciosidades:

E isto é o que eu pretendia narrar sobre as palmeiras e seus usos medicinais; algumas das quais, sobretudo o *Cocoqueiro*, além das virtudes mencionadas, supeditam muita cousa para alimento e vestuário do gênero humano; pois a substância filamentosa congênita do cáudice fornece matéria para a vestimenta; as folhas servem para cobrir os tetos das casas; os frutos verdes, de bebida; os maduros proporcionam alimento muito agradável; além disso, extraem deles, em alta escala, óleo, vinagre e espírito.¹²¹

A preciosidade do tabaco, contudo, já é exposta logo no início de sua descrição:

A célebre erva *Tabaco*, ou *Petum*, chamada pelos brasileiros *Petúme*, em quase todas as Índias Ocidentais é, desde remotos tempos, estimada pelos próprios íncolas para sarar feridas. Logo que os europeus souberam disto, pesquisando-lhe as virtudes recônditas,

¹¹⁹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 292.

¹²⁰ Ibidem, p. 298-299.

¹²¹ Ibid., p. 299.

aplicaram as folhas frescas, bem como o suco das mesmas, a usos humanos; depois, secas, nos abusos e prazeres também.¹²²

Piso conta que se trata de uma planta bastante conhecida e amplamente descrita, e que, por isso, focou apenas nas “propriedades com que a erva, brotando neste seu *habitat*, costuma concorrer para o alívio dos doentes.” E prossegue, afirmando que “com razão esta erva nicotiana é chamada pelos lusitanos *erva santa*”, por causa de seu manifesto “poder abtersório, purificativo, erosivo, resolutivo, adstritório e até antidotal”. Ele também afirma que o tabaco, apesar de não ter tanta utilidade alimentícia quanto as outras duas preciosidades, as excede em virtude medicinal, e que suas eficácias são tantas que seria difícil enumerá-las, assim, notifica que apresentou apenas “um resumo das que comprovei no uso frequente”¹²³, e são elas:

As folhas frescas, o seu suco e bálsamo, não só contêm as cêras cancerosas, mas também curam as mordeduras envenenadas. A água ou outro líquido conveniente, em que foi macerado o tabaco, mata os piolhos e expurga muitos males cutâneos da cabeça. As cinzas das folhas secas matam os vermes; mastigadas, aplacam o cansaço e a fome dos que viajam nos sertões como a mim e aos companheiros de jornada aconteceu. Fortificam o estômago e o coração com a virtude aromática.¹²⁴

No capítulo sobre as doenças e suas curas, além de descrever o proveito do bálsamo feito a partir dessa erva para curar feridas, Piso também menciona a utilidade do xarope de tabaco para curar lombrigas e catarros.¹²⁵ No primeiro caso, ele destaca a utilidade do suco “para as feridas produzidas pelas setas empeçonhadas dos índios e também para as mordeduras de alguns animais venenosos”, usos que certamente interessavam aos recém-chegados.¹²⁶ Já o xarope de tabaco é reiterado no capítulo sobre as plantas, e Piso afirma que ele “é muito útil contra a asma e a hidropsia, sobretudo quando nelas predomina causa fria e víscida, porque corta e limpa energicamente.”¹²⁷

Assim como a mandioca, o tabaco apresenta uma ambivalência em seus usos, já apresentada no primeiro parágrafo da descrição feita por Piso: além das aplicações

¹²² PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 434.

¹²³ Ibidem, p. 434-5.

¹²⁴ Ibid., p. 436.

¹²⁵ Ibid., pp. 123, 89 e 117.

¹²⁶ Ibid., p. 123.

¹²⁷ Ibid., p. 436.

medicinais, ele é usado “nos abusos e prazeres também”, através do fumo.¹²⁸ Apesar de controverso por ser utilizado em rituais indígenas considerados selvagens e demoníacos pelos europeus¹²⁹, cronistas do período colonial demonstram certa naturalidade ao descrever seus usos: Gabriel Soares de Sousa a descreve como corriqueira entre “indígenas, mamelucos e portugueses”¹³⁰ e Fernão Cardim assim alude à prática de “beber fumo”:

[...] é uma das delícias, e mimos desta terra, e são todos os naturais, e ainda os portugueses, perdidos por ela, e têm por grande vício estar todo o dia e noite deitados nas redes a beber fumo, e assim, se embebedam dela, como se fora vinho.¹³¹

Piso, por sua vez, ao referir-se ao fumo, tenta colocar-se em uma posição neutra, evitando discutir as consequências mais abstratas desse uso:

O fumo aspirado por meio de um tubo, ou o seu pó mastigado em lugar de esternutatório, expurgará o cérebro? Ou a uns causará sono, a outros embriaguez? Sabem-no com certeza os que sempre os levam consigo.¹³²

A circunspeção com que o médico encerra o comentário sobre o fumo não deve, entretanto, ser atribuída ao desconhecimento de uma resposta às perguntas por ele próprio colocadas, pois o mesmo relata ter mascado as “cinzas das folhas secas”, fazendo referência ao hábito de mascar fumo, que aparentemente seria comum entre os viajantes, para abrandar a fome e a sede nos sertões.¹³³ Uma vez que a nicotina está presente nas folhas do tabaco, é provável que Piso, mesmo não tendo ainda o aparato científico para aprofundar um estudo sobre isso, tivesse obtido uma resposta particular para suas perguntas – e talvez pela própria falta de uma pesquisa mais ampla, decidiu pela omissão de suas observações.

Dessa forma, contornando as controvérsias relacionadas ao tabaco, Piso louva suas vastas propriedades medicinais, sobretudo quando utilizadas as folhas frescas ou o xarope, cuja receita é por ele apresentada, mas alerta “para que ninguém celebre esta erva como panaceia, lançando mão dela em todos os casos.”¹³⁴ Assim, uma vez que a ênfase está nos

¹²⁸ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 434.

¹²⁹ Cf.: VAINFAS, Ronaldo. *A Heresia dos Índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995; CARNEIRO, Henrique. *Amores e sonhos da flora: afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia*. São Paulo: Xamã, 2002.

¹³⁰ SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Org. de Fernanda Trindade Luciani. São Paulo, SP: Hedra, 2010 [1587]. p. 198.

¹³¹ CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Hedra, 2009. p. 135.

¹³² PISO, G. *op. cit.* p. 436.

¹³³ *Ibidem*, p. 436.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 436.

usos medicinais da erva, mesmo a censura à utilização indiscriminada do tabaco é direcionada ao seu uso farmacêutico.

O tabaco por sua utilidade medicinal; as palmeiras por sua diversidade e multifuncionalidade, indo desde a fabricação de utensílios (flechas, cestas, vasos) até o fornecimento de alimento e remédio; a mandioca por suas amplas “qualidades alimentícias, medicamentosas e venenosas”: são todas descritas como plantas preciosas, “nobilíssimas e excelentes”.¹³⁵ Entre elas, duas são citadas como alternativa ao pão, embora todas tenham a virtude de ao menos abrandar a fome, e as três são apresentadas como antídoto. Acreditamos que a seleção dessas três plantas e a ênfase nas propriedades e usos supracitados demonstram as especificidades da apreensão do Novo Mundo pelo médico holandês, na qual se misturam pressupostos europeus, curiosidade médica/acadêmica, interesses coloniais e, aspecto que parece ter se sobreposto aos demais, necessidade de adaptação para criação de condições satisfatórias de subsistência na América.

Conforme a descrição do médico, essas três plantas eram produtos cotidianos para os indígenas e logo seu conhecimento e uso espalhou-se entre europeus. Apesar de seu uso corrente, PISO as eleva à categoria de preciosidades. Uma preciosidade que não residia em seu valor econômico, mas em sua trivialidade, combinada às inúmeras possibilidades de uso.¹³⁶ Talvez para os diretores da Companhia das Índias Ocidentais, ou mesmo para aqueles que tinham ficado na República recém-criada, a mandioca, o tabaco e as palmeiras ou os cocos não se apresentassem como produtos tão preciosos, apesar de exóticos, porém para um médico que habitou o nordeste brasileiro durante o governo Nassoviano, observando e até mesmo participando de experiências de guerra e de escassez, além de deparar-se constantemente com novos perigos, como plantas e animais venenosos, o status desses produtos foi modificado, de ordinário para precioso.

¹³⁵ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 434.

¹³⁶ Nas *Nótulas Diárias*, apenas o tabaco parece ter desempenhado alguma importância econômica, sendo citado ao lado do açúcar em dois dos três documentos nos quais aparece. A mandioca é sempre referida a partir da preocupação com a escassez de víveres, citada em dez documentos. Por fim, os cocos são citados em três documentos, como produtos de comércio local. Cf. DAGELYKSCHE NOTULEN der Horge Regeering in Brazilie (*Nótulas Diárias do Alto Governo Neerlandês no Brasil*), Coleção Monumenta Hyginia – Laboratório Liber (Universidade Federal de Pernambuco) – Manuscritos de José Hygino e traduções de Pablo Galindo, Judith de Jong e Anne Brockland. Disponível em: www.liber.ufpe.br/hyginia

2.2 Alimentação como técnica de cura no Brasil holandês

Como já dissemos, Guilherme Piso inicia sua obra fazendo claras referências à tradição hipocrática-galênica, primeiramente ao nomear seu capítulo inicial como *Dos ares, das águas e dos lugares*, mas principalmente por aplicar os ensinamentos de tal teoria na organização do supracitado capítulo, que inicia-se com a afirmação de Piso de que “não se pode inventar mais adequada norma para ordenar ou instituir a Medicina, entre gentes remotas, do que a transmitida por Hipócrates”. Na introdução do capítulo, Piso cita diretamente os ensinamentos do médico grego, expostos em sua obra “O Ar, as Águas e os Lugares”. A citação é longa e parece resumir bem a teoria hipocrática-galênica, segundo a qual “quem quiser saber, corretamente, a arte médica” deve observar as estações do ano e sua influência; o clima de cada região; a qualidade das águas; a posição e o giro dos astros e a própria qualidade da terra, além de “inquirir sobre o modo de viver dos homens, se são amigos do vinho, da boa mesa e do ócio, ou laboriosos, dados aos exercícios físicos, comendo muito e abstendo-se do vinho.”¹³⁷

Com isso, desde o início Piso deixa clara sua filiação à tradição médica clássica, especificamente a tradição hipocrática-galênica. Segundo Innocenzo Mazzini, a medicina antiga estava assentada sobre três ramos fundamentais: a cirurgia, a farmacologia e a dietética. Esta, por sua vez, abordava não apenas a alimentação, mas também exercícios corporais, atividade laboral, banhos, sono, atividade sexual e excreções (por exemplo, com a prática de vômitos e purgações no intuito de curar as doenças e manter o corpo saudável). A base principal para as análises e indicações feitas por Piso era a teoria humoral¹³⁸: ela postulava a doença como um indício de desequilíbrio nos humores do corpo do doente, que deveria ser reequilibrado com a administração de alimentos ou com a prática de purgações, sangrias e vomitórios.¹³⁹

Embora a dieta fosse concebida como a totalidade de hábitos que interferissem no bem estar (saúde) do indivíduo, a alimentação desempenhava um papel fundamental na concepção hipocrática-galênica, sendo assim destacada por Galeno: “Não temos necessidade o tempo

¹³⁷ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 29-30.

¹³⁸ A teoria humoral foi desenvolvida por Políbio, genro e discípulo de Hipócrates, em seu texto *De natura hominis*, que faz parte do *corpus hipocraticum*, tendo sido bastante trabalhada e divulgada por Galeno. Cf. ASFORA, Wanessa. *Apício: história da incorporação de um livro de cozinha na Alta Idade Média (séculos VIII e IX)*. Tese de Doutorado – São Paulo: USP, 2009, pp. 88-90.

¹³⁹ Cf. MAZZINI, Innocenzo. “A alimentação e a medicina no mundo antigo” IN: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, pp. 254-257.

todo de outras ajudas, mas sem a alimentação nem os homens saudáveis, nem os doentes podem viver.”¹⁴⁰ Em sua obra, aparecem diversas sobreposições entre medicamento e comida, como a identificação de um tipo de droga/fármaco que, sendo assimilado pelo corpo, agia também como comida, e a adoção de procedimentos de cozinha na preparação de medicamentos, indicando também que “o processo de transmutar comida em medicamento ou medicamento em comida encontra-se, em muitos casos, em procedimentos culinários como temperar e cozinhar”.¹⁴¹

Considerando a relevância da alimentação dentro da terapêutica humoral, que, conforme destaca Leila Mezan Algranti, “fazia da ingestão de alimentos ponto alto do processo de cura”¹⁴², nosso objetivo nesse item é enfatizar a estreita relação entre alimentação e práticas de cura no século XVII, a partir da análise do particular estudo de Guilherme Piso sobre “a natureza e cura das doenças da Índia Ocidental, sobretudo das familiares ao Brasil”, título do segundo capítulo de sua obra. Tal objetivo se divide em dois momentos: primeiramente, evidenciar que a alimentação foi tratada não apenas como uma forma de conservar a saúde, mas também como uma técnica de cura, figurando ao lado de sangrias, purgações, entre outros procedimentos, e sublinhar a função dupla de alguns produtos como alimento e remédio; e em segundo lugar, elucidar a visão de Piso sobre a preparação de medicamentos, a partir da observação de receitas que o médico comunica em seu texto.

Em se tratando das doenças e suas curas, os alimentos assumem três aspectos nos escritos de Piso: os alimentos podem ser a causa das doenças; eles podem compor prescrições dietéticas para se conservar a saúde ou não debilita-la ainda mais e, por fim, eles podem ser considerados e ministrados como remédios, propriamente ditos.

Na visão de Piso, o alimento poderia ser a causa das doenças tanto pelo consumo de determinados alimentos que levariam os humores do corpo ao desequilíbrio, uma visão, portanto, bastante alinhada à teoria hipocrática-galênica, quanto pelo consumo de alimentos deteriorados, que, sabemos, não era algo raro de acontecer quando se buscava consumir alimentos importados da Europa, e essa situação ainda é agravada pelo contexto de guerra no

¹⁴⁰ GALENO. *De alimentorum facultatibus*. Apud: MAZZINI, Innocenzo. “A alimentação e a medicina no mundo antigo” IN: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 258.

¹⁴¹ Cf. ASFORA, Wanessa. *Apício: história da incorporação de um livro de cozinha na Alta Idade Média (séculos VIII e IX)*. Tese de Doutorado – São Paulo: USP, 2009, pp. 88-90.

¹⁴² ALGRANTI, Leila M. “Saberes culinários e a botica doméstica: beberagens, elixires e mezinhas no Império português. (Séculos XVI-XVIII).” *Saeculum (UFPB)*, v. 27, p. 13-29, 2012.

qual os holandeses estão inseridos. Quanto a isso, Piso aconselha a nunca consumir nada embolorado, mas sim substituir o que apresentar mofo ou bolor por alimentos frescos. Sobre os “males dos olhos”, Piso escreve:

Os pobres e os soldados em serviço comem alimentos deteriorados, salgados, bebem águas estagnadas e vinho ardente, râncido e toldado. Eu acrescento que a intolerável irradiação do sol a pino obscurece e debilita muito a agudeza dos olhos no litoral tórrido (...) e solve os catarros até aos nervos óticos. [...] Êstes incômodos e névoas nos olhos, ao modo dos nativos costumam curar-se ou corrigir-se destarte: primeiramente, proibindo-se os alimentos que, por muito tempo guardados em depósito, contraíram bolor e mofo. Em lugar dêstes substituam-se os frescos, secos e temperados [...]¹⁴³

O mesmo modelo é seguido quando Piso discorre sobre a *lues índica*, que ele afirma ser “oriunda, sobretudo, do alimento estragado e salgado, da bebida rânvida e deteriorada” e para a qual são prescritas “carnes frescas, principalmente de caças, tostadas.”¹⁴⁴ Observe-se que, em ambos os exemplos, assim como os alimentos deteriorados foram apresentados como a causa ou uma das causas da doença, os alimentos frescos foram apresentados como um complemento da cura e indispensáveis para a boa recuperação do doente. Assim sendo, fica patente que a prevenção e recuperação das doenças citadas só seriam possíveis a partir do consumo de frutos e outros alimentos nativos – ou seja, dependiam da adaptação do europeu à nova realidade.

As próprias prescrições médicas feitas por Piso já remetem por si só a essa dependência do europeu perante os saberes e práticas indígenas, pois, no caso dos “males dos olhos”, Piso descreve como “ao modo dos nativos costumam curar-se ou corrigir-se” as névoas incômodas nos olhos. Com relação à *lues índica*, o médico destaca que os remédios indígenas bastam para sarar os doentes e, indo além, explica como os nativos procedem na cura dessa doença (“eliminam as feridas só com o atrito ou loção de *Caaróba* e com o suco de outras ervas secativas e abstergentes”) e afirma ter se apropriado desse conhecimento: “Mandei imitar isto algumas vezes, pelos cirurgiões, no nosocômio, o que nos satisfiz inteiramente.”¹⁴⁵ Esta apropriação do conhecimento terapêutico indígena pelos europeus, especialmente por Piso, será tratada com maior ênfase no próximo capítulo.

¹⁴³ PISO, Guilherme. História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 90.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 118-9.

¹⁴⁵ Ibid., p. 199.

O segundo aspecto assumido pelos alimentos no texto de Piso se dá no campo das prescrições dietéticas. Elas ajudam a conservar a saúde ou, no caso de já estar doente, buscam impedir o agravamento da doença ou uma maior debilitação do doente. As prescrições podem ser no sentido do que se deve comer ou do que deve ser evitado. Um exemplo do segundo caso é a prescrição feita aos que padeciam de “úlceras e inflamação no ânus”: “Quanto à alimentação, convém usar principalmente alimentos frios e fortificantes; evitem-se os excitantes mais do que um cão ou serpente.”¹⁴⁶ E ao tratar sobre o “estupor dos membros”, Piso nos dá um exemplo da primeira aplicação:

Beba-se vinho diluído, aquecido no ato, uma decocção de pau de sassafrás nativo. A comida seja ótima de nutrimento, porém seca. Sejam servidas ao doente aves montesinas, perdizes, faisões, pombos, e outras deste gênero, assadas. Se ele gostar mais das cozidas, sejam condimentadas com especiarias. Ajunte-se alho, cebola e pimenta brasileira, se a febre não o impedir e as evacuações já tiverem começado; lembra-me que as bebidas de caldos e leite de cabra fortificam e são muito úteis.¹⁴⁷

Mas, indo além, a dieta é vista como uma complementação do procedimento de cura, ou seja, o alimento se torna um complemento do remédio. Após citar os remédios utilizados no tratamento dos males dos olhos, Piso prossegue: “Completa-se a cura acrescentando a estes remédios uma pequena dieta.” Também para tratamento das obstruções das vísceras naturais, Piso assevera que “é mister que a farmácia purgativa auxilie a dieta”, reafirmando, mais uma vez, a complementaridade entre elas.¹⁴⁸

As prescrições alimentares figuram ao lado de prescrições comportamentais, por assim dizer, como indicações de banhos, de abstinências, etc. Há uma valorização da vida moderada, que é também um traço característico da medicina humoral¹⁴⁹ e que poderia, nesse contexto, ter sido reforçado pela moral calvinista do período.¹⁵⁰ Tais indicações visavam tanto auxiliar a recuperação dos doentes, quanto alertar aos sãos sobre como conservar a saúde. E as próprias prescrições dietéticas indicam costumes que eram considerados perniciosos ou

¹⁴⁶ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], pp. 115-6.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 95.

¹⁴⁸ *Ibid.*, pp. 91, 98.

¹⁴⁹ Innocenzo Mazzini aventa a hipótese de essa valorização da moderação estar relacionada à influência do estoicismo. Cf. MAZZINI, Innocenzo. “A alimentação e a medicina no mundo antigo” IN: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 261.

¹⁵⁰ Nesse momento, a Holanda era majoritariamente calvinista e, embora existissem vertentes em conflito, a valorização da vida moderada é central no calvinismo.

saudáveis. Piso condena, por exemplo, o ato de praticar qualquer atividade, física ou intelectual, após uma refeição:

[...] se deve observar com rigoroso escrúpulo a prescrição de Celso (...) que diz: ‘Se alguém durante o dia encher o estômago, depois da refeição não deve expor-se ao frio nem ao calor, nem entregar-se ao trabalho’.¹⁵¹

Por fim, algumas vezes o alimento aparece como a cura, como o próprio remédio. Alguns produtos, como a banana, apresentam a dupla função de alimento e medicamento, ou nas palavras de Piso: alimento medicamentoso.¹⁵² Nesse caso, tanto o preparo quanto o consumo do produto como remédio se assemelha ao preparo e consumo como alimento, inclusive observa-se frequentemente a indicação de se temperar o “remédio”, que poderia ser um xarope, ou caldos, papas, sucos, etc, com a pimenta, o açúcar, o mel silvestre, entre outras especiarias, como no seguinte exemplo, no tratamento das úlceras: “Deve preferir-se muito aos outros remédios o *Laborandi-miri* com uma pitada de sal e de pimenta brasileira.”¹⁵³

Segundo Bruno Lauriox, “a arte de temperar assemelhava-se à prática farmacêutica”¹⁵⁴, e, de acordo com a teoria humoral, isso seria uma forma de modificar o “temperamento” dos alimentos a fim de torna-los mais adequados ao consumo do doente ou do que deseja conservar a saúde. Além disso, Leila Mezan Algranti destaca a cozinha como um espaço privilegiado, onde eram elaboradas preparações com finalidade tanto culinária quanto medicinal. O espaço, os modos de fazer, os utensílios e, principalmente, a matéria-prima eram os mesmos adotados no preparo do alimento e do remédio, dois elementos distintos, mas que, muitas vezes, fundiam-se em um só:

[...] usadas como complemento aromático ou base da alimentação, raízes, caules e folhas rapidamente mudavam de função e, a partir de um saber culinário calcado na experiência cotidiana, iam para a panela com a finalidade de servirem de mezinhas ou elixires para a cura de vários males. Uma das grandes expressões desse conhecimento que associava comida e medicamento se apresenta nos caldos recomendados para os doentes e que despontam com frequência nos receituários de cozinha da época.¹⁵⁵

¹⁵¹ PISO, Guilherme. História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 104.

¹⁵² Ibidem, p. 112.

¹⁵³ Ibid., p. 116.

¹⁵⁴ LAURIOX, Bruno. “Cozinhas medievais (séculos XIV e XV)” IN: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 488.

¹⁵⁵ ALGRANTI, Leila M. Saberes culinários e a botica doméstica: beberagens, elixires e mezinhas no Império português. (Séculos XVI-XVIII). *Saeculum* (UFPB), v. 27, p. 13-29, 2012.

Por isso, muitas vezes, é difícil separar remédio e alimento, seja porque grande parte das plantas citadas assumem as duas funções, seja porque a forma de preparo de um e outro se assemelham, ou mesmo se cruzam, como no caso da preparação de alimentos que seriam servidos ao doente, como os já citados caldos: “os caldos para uso do doente temperem-se com o açafraão indígena Urucú, a pimenta brasileira sativa e silvestre; e, se nada o impedir, com cebolas e alhos”.¹⁵⁶ Um exemplo que demonstra a reciprocidade da relação entre cozinha e botica é quando Piso apresenta a *Pacóba* e a *Banána* como alimento medicamentoso, discorrendo sobre suas virtudes medicinais, e em seguida descreve uma receita alternativa ao pão, passando da botica para a cozinha de forma espontânea:

*A Pacóba e a Banána, semiassadas, sejam ingeridas frequentemente como alimento medicamentoso. Também, êstes mesmo frutos cortados em pedaços e secos ao sol, formando uma como que massa, com um pouco de vinagre, podem-se cozer em lugar do pão.*¹⁵⁷

Conforme afirma Innocenzo Mazzini, o próprio preparo de alimentos cozidos está relacionado à preocupação com a saúde:

A cocção dos alimentos é considerada um progresso para a saúde. Ela é identificada com a própria descoberta da medicina por um dos textos médicos mais antigos do corpus de Hipócrates, o *De antiqua medicina*, e essa ideia aparece constantemente nas obras posteriores. Os diferentes modos de cocção tornam-se inclusive meios para modificar as propriedades naturais dos alimentos com a finalidade de trazer benefícios para a saúde.¹⁵⁸

Mas, quando é apresentado como a cura da doença, o alimento passa a figurar ao lado de sangrias, purgações e outros procedimentos médicos, sendo, inclusive, indicado antes que seja necessário recorrer a esses procedimentos, considerados mais agressivos:

Se houver ocasião para medicamentos, antes de recorrer ao seu auxílio, institua-se, primeiro, ótima e estrita dieta por muito tempo, constante, principalmente, de alimentos e bebidas frescos, de partes tenras e de fácil digestão. (...) Deve-se primeiro lançar mão de medicamentos mais brandos, incisivos e aperientes, para que as forças se não afrouxem, nem se provoquem cólicas e cruezas internas; remédios tais como raízes das ervas *Acaricoba*, *Iuripeba*, *Pagimirióba*, *Tapyrapecú*, *Aguapé* e *Aguaxima*, e também as cascas

¹⁵⁶ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 104.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 112.

¹⁵⁸ MAZZINI, Innocenzo. “A alimentação e a medicina no mundo antigo” IN: FLANDRIN; MONTANARI. *Op. Cit.*, pp. 261.

de raízes de árvores de limões, de alcaçuz, *Araçá*, *Ibiraée* e semelhantes, das quais se reiteram com sucesso as decocções.¹⁵⁹

Isso nos faz considerar a alimentação, então, como uma técnica de cura, adotada não apenas como complementação de um remédio, mas como o próprio remédio. Dentre as 18 doenças descritas por Piso no excerto selecionado¹⁶⁰, a alimentação, ou, melhor dizendo, a má alimentação aparece como causa de 5; alimentos são indicados como cura para 14 delas; e prescrições dietéticas são estipuladas em 16, ou seja, apenas 2 não apresentam prescrições dietéticas.¹⁶¹ É interessante notar que embora as indicações sobre o que e como comer e o que deixar de comer figurem ao lado de indicações comportamentais, relacionadas à higiene, às atividades físicas e ao consumo de bebidas alcoólicas, as primeiras, ou seja, as prescrições alimentares, superam, quantitativamente, todas as outras no texto de Piso. Por um lado, é compreensível que isso ocorra, já que a dieta, mesmo quando não pode interferir diretamente na doença, ao menos poderá ajudar ao doente na recuperação de suas forças. Por outro lado, tal fato também reafirma a estreita relação entre alimentação e práticas de cura, justamente pelo alcance das prescrições dietéticas.

Por diversas vezes, ao indicar o que deve ser consumido para combater determinada doença, Piso descreve minuciosamente a forma como deve ser preparado e consumido. Para tratamento da disenteria, por exemplo, ele escreve:

A bebida utilizada pelo doente deve ser uma tisana de decocção de *Carimá*. É útil, também, um ôvo que se possa beber com três ou quatro gotinhas de óleo de *copaíba*, o que, aliviando, fortificará ao mesmo tempo as partes afetadas.¹⁶²

Ou, para curar catarros, prescreve: “Beba-se água purificada, da fonte, com cascas de *Ubirareé* ou *Grajací*, salsaparrilha, sassafrás e alcaçuz nativo.”¹⁶³ São diversos exemplos

¹⁵⁹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 98.

¹⁶⁰ São elas: febres; catarros; males dos olhos; espasmo; estupor dos membros; obstruções das vísceras naturais; hidropisia; prolapso da cartilagem mucronada; fluxos do ventre; tenesmo; cólera; disenteria; fluxo hepático do ventre; úlcera e inflamação do ânus; lombrigas; lues índica; feridas e úlceras; furúnculos e impigem. Piso ainda aborda o escorbuto, porém de forma difusa, referindo-se à debilitação que ele causa nos doentes, abrindo caminho para outras doenças.

¹⁶¹ A alimentação aparece como causa de: males dos olhos, espasmos, obstruções das vísceras naturais, hidropisia e lues índica; alimentos são indicados como cura para: febres, catarros, males dos olhos, espasmos, estupor dos membros, fluxos do ventre, tenesmo, cólera, disenteria, fluxo hepático do ventre, úlcera e inflamação do ânus, lombrigas, lues índica, feridas e úlceras; e as orientações dietéticas são prescritas para: febres, catarros, males dos olhos, espasmo; estupor dos membros; obstruções das vísceras naturais; hidropisia; prolapso da cartilagem mucronada; fluxos do ventre; cólera; disenteria; fluxo hepático do ventre; úlcera e inflamação do ânus; lues índica; feridas e úlceras; furúnculos e impigem.

¹⁶² PISO, Guilherme. *op. cit.*, p.112.

¹⁶³ *Ibidem* p. 88.

nesse sentido, pois Piso sugere receitas assim para a maioria das doenças descritas. Entre elas, 5 receitas são apresentadas de uma forma diferenciada: a do xarope de tabaco, a de um antídoto a base de *Ibiraée*, de uma infusão de Ipecacuanha, de um vomitório à base da noz *Munduy-guaçú*, e um suco à base de tabaco e outras ervas para ser usado em banhos ou unguentos. A única não ingerível é esta última, e consideramos que essas receitas são apresentadas de forma diferenciada pois são as únicas a conter medidas exatas dos ingredientes e modo de preparo, incluindo indicações de tempo.

De todo modo, é possível observar a preferência de Piso por preparos simples, de acordo com a experiência adquirida em meio aos nativos, sobre quem Piso comenta: “os mais velhos e mais experimentados são exímios botânicos e facilmente preparam medicamentos de todo gênero, com ervas oriundas de todas as florestas”¹⁶⁴. Reiterando a simplicidade com que as curas eram alcançadas pelos indígenas, Piso observa:

Também na preparação dos medicamentos os americanos diferem dos europeus. Prescindem de laboratórios, e, ademais, sempre têm à mão sucos verdes e frescos de ervas. Enjeitam muito os remédios compostos de vários ingredientes, preferem os mais simples, em qualquer caso de cura, visto que por estes medicamentos os corpos não ficam tão irritados.¹⁶⁵

Piso ainda compara as práticas simples dos indígenas com a medicina moderna dos europeus:

Quando considero que esta gente, com os símplices e ervas comuns, de baixo preço, cura bem as afecções externas e internas contra a natureza, não duvido que a antiga Medicina fosse exatamente esta, e que a maior parte dos medicamentos compostos foram inventados pelos modernos, mais para seu proveito que para o dos doentes.¹⁶⁶

Nesse ponto, podemos perceber o posicionamento de Piso em relação a um aspecto do debate entre “antigos” e “modernos”, que estava ocorrendo na Europa: o predomínio do conhecimento químico na preparação de remédios. Uma das principais críticas dos “antigos” a Paracelso e aos paracelsianos era direcionada à sua prática de indicar remédios preparados à base de minerais e bem mais fortes do que a medicina clássica recomendava. Com se vê no excerto citado, Piso considera os “modernos”, ou seja, aqueles mais alinhados à Paracelso, como aproveitadores que inventavam remédios compostos em busca de lucro, sem se

¹⁶⁴ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 75.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 79.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 79.

interessarem realmente pela recuperação do doente. E, ao reafirmar a eficácia da terapêutica indígena, Piso inclusive a compara com a “antiga Medicina”, que entendemos como sendo a medicina praticada e ensinada por Hipócrates, Galeno e Avicena. É interessante que, no intuito de criticar os “modernos” e exaltar a medicina clássica em sua efetividade, Piso acabe por exaltar também o conhecimento indígena, dando-nos a entender até mesmo que ele o considerava superior aos saberes e práticas dos “modernos” seus contemporâneos.

Isso porque outro aspecto que o próprio Piso critica com relação aos “modernos” é atenção dada por eles a pessoas não versadas na arte médica. Em carta direcionada a um acadêmico de Leiden e amigo seu, D. João Antonides Van Der Linden, Piso afirma que os “modernos” abandonaram a medicina antiga por “falácias feiticeiras” e para confiar no “espírito leviano da plebe”.¹⁶⁷ Contudo, como vimos, Piso também se pôs a ouvir e confiar no que chamou de “espírito leviano da plebe”, ou seja, leigos, pessoas não versadas na arte hipocrática, e, em seu caso, com um agravante: indígenas, cujas práticas poderiam ser – e muitas vezes foram – consideradas feitiçaria por contemporâneos a Piso.

Esta aparente contradição em âmbito pessoal nos revela, entretanto, a complexidade do momento intelectual vivido por Piso: embora no próprio discurso dos envolvidos no debate europeu existisse uma forte divisão entre “antigos” e “modernos”, grupos com os quais os letrados se identificavam e aos quais se filiavam por vontade própria, as mudanças impostas à realidade vivida por esses agentes exigiam uma abertura muito maior do que nos contam seus discursos.

E é provável que Piso também estivesse, em alguma medida, consciente disso, pois, na mesma carta a Van der Linden, ele crê serem necessárias algumas advertências:

A primeira é que as principais coisas narradas, posto que à primeira vista pareçam novas e mesmo portentosas, não somente se encarem como antiquíssimas, mas como perfeitamente consentâneas com as leis da Natureza, e ainda com as de Deus, seu autor.¹⁶⁸

Assim, em seu discurso, Piso se aparta, de antemão, de futuras ligações com os “modernos”, negando que as novidades a ele apresentadas no Novo Mundo fossem de fato novas – o que nos ajuda a compreender a comparação que o médico faz entre a terapêutica indígena e a medicina antiga – e alegando que tudo isto segue perfeitamente as leis da

¹⁶⁷ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 559.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p.558.

Natureza e de Deus, conforme ele próprio observou, manuseando “o livro da Natureza”.¹⁶⁹ Porém, esta última afirmação, inclusive a expressão “manusear o livro da Natureza”, por ele utilizada, toca novamente nas contradições do momento intelectual, já que ela reflete a importância atribuída pelos “modernos” à observação da natureza, que culminou no experimentalismo próprio da ciência moderna, como superior à autoridade dos clássicos: o livro da Natureza, “lido” com atenção, poderia ensinar mais do que os livros escritos pelos homens, por maior que seja a autoridade deles no assunto.¹⁷⁰

Embora Piso adote a observação da natureza e mesmo o pressuposto experimental como base de seus estudos realizados no Brasil, ele reitera que todas as descobertas devem ser postas à prova das autoridades, sobretudo de Hipócrates, indo assim em um sentido oposto ao estabelecido pelos “modernos”, cujos “falsos caminhos” ele pretende evitar, verificando e conferindo diligentemente todas as descobertas “com as opiniões dos antigos e mais dignos de fé, sobretudo de Hipócrates, o mais fiel intérprete da Natureza e da Medicina”.¹⁷¹

Entre os autores antigos, não é apenas Hipócrates que Piso cita. Embora ele seja o de maior destaque, também são citados Galeno, Tácito, Aristóteles, Plínio, Dioscórides, entre outros. Porém muitas vezes Piso os cita para corrigi-los, como no caso seguinte:

Ao contrário do que Aristóteles, Plínio e outros julgaram, não somente este clima é habitável, mas os orvalhos perpétuos e as chuvas e as brisas agradáveis do mar o fazem temperado e fértil por toda parte (...)¹⁷².

Por outro lado, ao descrever espécies do Novo Mundo, Piso cita autores contemporâneos a ele: alguns que não tinham estado na América, como Carolus Clusius, já citado como um importante botânico da Universidade de Leiden, e muitos cronistas espanhóis, como Francisco Ximenes, Nicolas Monardes, Gomarra, Oviedo, entre outros, o que denota o conhecimento prévio que Piso tinha sobre o Novo Mundo, além de já demonstrar a percepção de que os autores “antigos” ou “clássicos” não davam conta de determinados temas concernentes ao mundo recém-descoberto pelos europeus.

¹⁶⁹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 558.

¹⁷⁰ Cf. SHAPIN, Steven. *La Revolución científica*: una interpretación alternativa. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000, p. 95.

¹⁷¹ PISO, Guilherme. *op. cit.*, pp. 558 e 559.

¹⁷² *Ibidem*, p. 33.

Quanto à medicina, sua tentativa de afirmar as “supostas” novidades como “antiquíssimas” toma um contorno mais claro: Piso frequentemente faz comparações entre os ameríndios e os romanos e gregos, buscando paralelos entre as novidades americanas e o mundo clássico. Algumas relações, contudo, parecem ser um tanto forçadas pelo autor, por exemplo, quando ele descreve uma doença que ele diz ser comum na América, “que ataca os nervos e causa profundo torpor aos membros. Sua natureza ninguém (...) descreveu. Chamam-na os lusitanos *Air* (...)”, porém, em seguida, após discorrer sobre algumas observações que ele teria feito da doença, inclusive através da “dissecção de um etíope”, cita Hipócrates e Galeno, tentando encaixar essa doença, que ele próprio confirmou não haver sido descrita anteriormente, na tradição médica clássica.¹⁷³

Além disso, suas descrições, muitas vezes assombradas, da natureza e das doenças americanas, bem como a contínua necessidade de recorrer ao conhecimento indígena para aprender questões básicas para a sobrevivência nesse Novo Mundo, parecem desnudar o aspecto exclusivamente retórico de sua negação das novidades. Assim, retomando nosso objetivo inicial, notamos que um dos poucos elementos da “medicina antiga”, mais especificamente da teoria hipocrática-galênica, que prevalece sobre as “modernidades” é a importância da alimentação, tanto na conservação da saúde, quanto na cura – seja o alimento o protagonista ou o complemento do remédio.

2.3 A fauna nos escritos de Guilherme Piso: História Natural, dietética e cotidiano

Guilherme Piso dedica o terceiro capítulo de sua obra para tratar dos animais do Novo Mundo. Nele, o médico aborda os peixes e outros animais aquáticos, as aves, e os animais quadrúpedes. Considerando apenas aqueles animais cujas descrições foram feitas de forma completa (e não apenas citados), temos, nesse capítulo, 151 animais descritos, sendo: 91 animais aquáticos, 38 aves e 22 quadrúpedes e répteis. As descrições seguem um modelo razoavelmente comum: Piso aborda a aparência externa do animal; especula suas semelhanças com outras espécies, fazendo um esforço classificativo; apresenta informações adicionais variadas, como o habitat, a descrição das estruturas internas investigadas através de dissecções e/ou vivisseccões, informações sobre a reprodução da espécie, etc. E, por fim, tece comentários sobre o sabor e a nutrição de sua carne, a melhor forma de obtê-la e prepará-la,

¹⁷³ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 93-94.

quem são seus maiores consumidores e quais são utilizadas com sucesso na alimentação dos doentes.

Com relação a estas descrições, é necessário fazer a mesma ressalva que fizemos sobre o capítulo destinado às plantas: boa parte do conhecimento e imagens reproduzidas acerca dos animais foi apropriada por Piso dos estudos realizados por Marcgrave, já sublinhado como seu “auxiliar”. Novamente, Piso justifica a reprodução dos estudos de Marcgrave, sem citá-lo, ao mesmo tempo em que busca destacar a sua própria contribuição, enfatizando a utilidade do critério por ele adotado:

[...] houve por bem relatar singularmente, neste livro, que peixes, aves e animais, dos mencionados no livro *Das Águas, dos Ares e dos Lugares*, se destinam ao proveito do homem, bem como ajuntar breve e sucinta descrição deles, com gravuras copiadas do natural, e isto não só para deleite e admiração do leitor, mas, principalmente, para servir aos médicos e enfermos. [...] Visto que neste imenso acervo de coisas se ocultam muitíssimas qualidades e propriedades, houve por bem não encher páginas com as que me parecem duvidosas e pouco provadas, mas só estudar algumas, e estas já comprovadas pelo uso cotidiano.¹⁷⁴

Piso já havia citado e descrito sucintamente alguns animais em seu primeiro capítulo (*Das Águas, dos Ares e dos Lugares*) e se aprofundará nas descrições de ordem mais zoológica de alguns deles, incluindo descrições anatômicas e observações de metamorfoses e reproduções, no capítulo quinto (*Dos vegetais e animais prejudiciais e venenosos, e de seus antídotos, ao que se ajuntam algumas metamorfoses de insetos, bem como vivissecções de alguns animais*), então, para elaborar o terceiro capítulo, no qual tratará exclusivamente dos animais, Piso selecionou apenas os que “se destinam ao proveito do homem”, na alimentação e na medicina.

Aliás, tal critério já está posto no próprio título do referido capítulo, a saber, “Dos animais americanos: aquáticos, voláteis e terrestres comestíveis”, o que abre espaço para duas questões que serão abordadas neste item. A primeira questão refere-se à produção do conhecimento na interação entre Novo e Velho Mundo: buscaremos analisar de que forma o conhecimento produzido por Piso sobre a fauna americana relacionou-se com os estudos e discussões sobre a fauna realizados na Europa. A segunda questão remete à importância de apropriar-se de saberes alimentares nativos para a sobrevivência no Novo Mundo, tema que está presente em toda a obra de Piso, aparentemente sempre preocupado em tratar das

¹⁷⁴ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 126.

questões mais úteis possíveis – e é necessário indagarmos qual o critério para que determinada informação seja ou não considerada útil.

A abordagem utilitarista da fauna americana por parte de Piso de fato não passou despercebida. Uma das principais críticas do zoólogo Dante Martins Teixeira aos estudos de Piso e Marcgrave reside justamente neste aspecto: os dois naturalistas parecem ter se limitado a descrever os animais de alto valor econômico, os que se destacariam por serem considerados exóticos pelos europeus, e os que seriam úteis conhecer, seja “para a alimentação e medicina, bem como por sua periculosidade potencial como praga ou organismo peçonhento.” Segundo Teixeira, a construção do conhecimento zoológico no Brasil holandês foi limitada pelos interesses dos “vários atores envolvidos no descobrimento e descrição do Novo Mundo”, sendo os principais deles Maurício de Nassau e os diretores e funcionários da WIC. Nassau por seus interesses privados, no sentido de organizar um extenso “gabinete de curiosidades” no Palácio de Friburgo (Vrijburg), que posteriormente seria transferido para sua casa em Haia. E a WIC, de uma forma geral, pelos interesses próprios à colonização: conhecer e dominar espécimes que pudessem ser úteis (como em remédios, por exemplo), tanto na América, quanto na Europa; além, é claro, de espécimes que pudessem gerar retorno financeiro, de algum modo.¹⁷⁵

De fato, é perceptível o direcionamento que interesses secundários dão à pesquisa de Piso e Marcgrave sobre a fauna e a flora americanas. Por outro lado, seria inviável que uma comitiva tão pequena desse conta da observação e descrição de todos os aspectos da natureza, ainda mais considerando que essa dedicação não era exclusiva. Além disso, é preciso considerar que tais estudos filiam-se a uma tradição, que é a História Natural renascentista. Segundo Maria Elice Prestes, “as enciclopédias de animais do Renascimento não se pretendem amplas nem completas” e a investigação da natureza, dentro dessa visão, deveria ser direcionada a partir das necessidades dos homens, postura bastante de acordo com a marcante presença do humanismo no pensamento deste período.¹⁷⁶

Assim, o critério utilitário pode até nos parecer não ser o ideal do ponto de vista zoológico, mas estabeleceu-se como legítimo para Piso, uma vez que se adequava, de forma mais ampla, à tradição renascentista de estudos acerca da natureza, e, de forma particular, a

¹⁷⁵ TEIXEIRA, Dante Martins. “O mito da natureza intocada: a história natural no Brasil holandês (1624 – 1654)” In: TOSTES, V.L.B; BENCHETRIT, S.F.; MAGALHÃES, A.M. (orgs.) *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. (2004) Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2005, p. 273-4.

¹⁷⁶ PRESTES, Maria Elice de Brzezinski. *A investigação da natureza no Brasil-Colônia*. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, 1997, p. 30.

uma lógica segundo a qual o conhecimento deveria servir à colonização. No caso de Piso, havia ainda outras questões: sua formação médica certamente o impulsionava à pesquisa de virtudes terapêuticas da fauna e da flora americanas; a necessidade de diferenciar seus escritos dos de Marcgrave o impelia a enfatizar sua própria contribuição, traduzida na adoção do critério médico e alimentar; e, por fim, sua própria experiência no Novo Mundo deve ser contada como mais um fator de direcionamento do seu olhar.

Como um terceiro interesse influenciando os estudos dos naturalistas no Brasil holandês, havia ainda a própria demanda por parte dos leitores europeus pelo exotismo das “maravilhas do Novo Mundo”, ao que os relatos descritivos com motivações estéticas e utilitárias conseguiram satisfazer perfeitamente.¹⁷⁷ De fato, segundo François Hartog, as descrições são uma forma de enunciação na qual a alteridade aparece apenas de forma implícita, uma vez que a descrição de algo exótico, por si mesma, é capaz de impressionar o leitor.¹⁷⁸ Entretanto, trata-se de algo subjetivo, pois não há como saber se todas as descrições teriam o mesmo efeito sobre o leitor, ou quais produziriam esse sentido de exotismo especificamente. O que podemos analisar, nesse sentido, é se a forma como Piso realiza as descrições reitera uma retórica de alteridade e destaca os elementos exóticos da natureza americana. Uma vez que são mais de 150 descrições, todas feitas seguindo um mesmo modelo, tomaremos inicialmente três exemplos, selecionados por já serem representados como exóticos nos primeiros textos sobre o Novo Mundo: o tamanduá, o tatu, ambos nativos da América, e as “nereidas”, que já permeavam o pensamento europeu antes mesmo dos descobrimentos.

Curiosamente, a descrição do tamanduá não está inserida no terceiro capítulo, sobre os animais, e sim no primeiro e no quinto. Inicialmente, o animal aparece descrito de forma bem sucinta, tendo sua existência relacionada por Piso à existência incômoda das formigas:

Oxalá criasse a natureza muitas feras devoradoras de formigas, que comessem tantas miríades delas, como o fazem os animais quadrúpedes de aspecto estranho, denominados *Tamendoá*, do tamanho de um cão, providos de longas unhas, que, cavando profundamente, descobrem os esconderijos das formigas e logo lhes introduzem sua língua fina, que se estende quase a vinte e sete

¹⁷⁷ Cf. TEIXEIRA, Dante Martins. “O mito da natureza intocada: a história natural no Brasil holandês (1624 – 1654)” In: TOSTES, V.L.B; BENCHETRIT, S.F.; MAGALHÃES, A.M. (orgs.) *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. (2004) Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2005, p. 276.

¹⁷⁸ Cf. HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

polegadas; quando ela está coberta de formigas, contraem-na de súbito e engolem-nas, colhidas na armadilha.¹⁷⁹

Nesse caso, vemos como a simples descrição deste “animal de aspecto estranho” é passível de satisfazer os leitores ávidos pelo exotismo. O trecho que citamos acima é tudo que Piso nos diz sobre o tamanduá no primeiro capítulo, reforçando, portanto, o argumento de Dante Martins Teixeira, tanto no que diz respeito ao exotismo, quanto ao utilitarismo, pois o tamanduá só se tornou digno de nota por ser útil contra a “praga das formigas”, estas também descritas em proporções monstruosas, o que é compreensível, considerando o risco que elas ofereciam às plantações e o incômodo que representavam para os recém-chegados. Uma vez que Piso não insere o tamanduá novamente no terceiro capítulo, específico sobre os animais, podemos supor que ele não era visto como útil para a alimentação. Entretanto, nas páginas dedicadas a este animal no capítulo quinto, Piso afirma que “na falta de melhor alimento são mortos e comidos pelos bárbaros, pois a carne, como a da raposa, cheira a carne de animal bravo”.¹⁸⁰

De fato, sua ferocidade é um ponto destacado por Piso, embora ele afirme que tais criaturas são muito mais nocivas às formigas do que aos homens. No demais, o capítulo quinto traz informações sobre os hábitos desta espécie, sempre relacionados à sua “caça” às formigas. Por fim, Piso apresenta informações obtidas a partir de experimentos com o animal, como a de que “esfolados, ainda vivem por algum tempo, tolerando a fome por mais de doze dias”, e realiza uma descrição anatômica com base na dissecação do animal. Este conteúdo constitui aproximadamente um parágrafo e destoa do interesse que parece nortear as descrições anteriores, uma vez que, apesar de o tamanduá não ser considerado uma iguaria pelo médico, nem uma fonte de remédios, ele foi analisado minuciosamente a partir de seu bisturi.¹⁸¹

Por sua vez, o tatu ocupou um grande espaço no terceiro capítulo e sua descrição é uma das mais longas, concentrando todas as informações relevantes sobre o animal apresentadas por Piso. Nas primeiras descrições sobre o Novo Mundo, o tatu se tornou um dos símbolos da América¹⁸² e, conseqüentemente, do exotismo de sua natureza, mas o mais

¹⁷⁹ PISO, Guilherme. História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 42.

¹⁸⁰ PISO, Guilherme. História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 662.

¹⁸¹ Ibidem, p. 663.

¹⁸² Uma das representações mais famosas da América foi criada em 1589, pelos pintores holandeses Adriaen Collaert e After Maerten de Vos. Nela, uma mulher representando América aparece montada em um tatu,

próximo de reforçar seu exotismo que Piso chega é dizer que ele é um “animal de conformação insólita”. No demais, ele discorre sobre os nomes recebidos pelo animal, a descrição da sua aparência física e a preparação de sua carne. Piso ainda cita outros autores que descreveram o tatu antes dele, como Monardes, e relata ter dissecado um desses animais, a fim de entender a conformação de sua couraça tão resistente e de suas estruturas internas, fazendo inclusive observações sobre seu sistema reprodutivo.¹⁸³

Por fim, as nereidas são assim abordadas por Piso, no primeiro capítulo, enquanto ele discorre sobre os perigos oferecidos pela fauna americana:

Nos meses chuvosos aparece grande cópia de cetáceos, porque nessa época dão à luz as crias. (...) Entre estes monstros acham-se as vacas-marinhas e as nereidas, chamadas pelos brasileiros *Iupipiápre*, pelos lusitanos peixe-mulher, dos quais disse Vergílio: “A fronte semelha a humana, o ventre acaba em peixe”.¹⁸⁴

A referência é à Eneida de Virgílio, e retoma o mito grego das nereidas, ninfas do mar, que, por sua vez, alimentou no imaginário europeu, especialmente no período das navegações, a ideia da existência de seres que eram metade mulher, metade peixe. Embora tal referência reforce o exotismo desses seres, a descrição de Piso, em si, não apresenta nada de fantasioso, ao contrário das descrições de diversos outros cronistas americanos, que insistiam na existência das sereias. Excetuando-se o uso do termo “nereidas” e a citação de Virgílio, Piso não fornece motivos para que se cogite que tais animais descritos sejam sereias, ou mulheres com rabo de peixe, uma vez que os classifica como pertencentes à família dos cetáceos, e mesmo a citação de Virgílio escolhida por ele refere-se a apenas uma semelhança humana.

Vemos, portanto, que, embora as descrições realizadas por Piso pudessem impressionar ou maravilhar seus leitores na Europa, não há indício de que elas foram escritas primordialmente com esse propósito. Mesmo os três casos que consideramos um pouco mais exóticos não excedem os limites da descrição centrada da natureza, à qual Piso se propõe.

obviamente de tamanho desproporcional. Posteriormente, já no século XVII, ela foi inserida na série “Os Quatro Continentes”, de Cornelis Visscher. A obra e mais informações podem ser encontradas em: <http://www.metmuseum.org/art/collection/search/385685>, último acesso em 28/09/2017.

Sobre o tatu e suas representações que repercutiram na Europa, ver TEIXEIRA, Dante Martins. “A curiosa história dos tatus – Um improvável símbolo renascentista do Novo Mundo” In: THOMAS, W.; STOLS, E.; KANTOR, I.; FURTADO, J. (orgs.) *Um mundo sobre papel: livros, gravuras e impressos flamengos nos Impérios Português e Espanhol (Séculos XVI-XVIII)*. São Paulo/Belo Horizonte, Editora da Universidade de São Paulo/Editora UFMG, 2014.

¹⁸³ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], pp. 234-6.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 48.

Destacamos que um dos elementos considerados pela historiografia como um diferencial do empreendimento holandês seria o que se chamou de uma “mentalidade moderna”, marcada pela racionalidade e na qual não havia espaço para o supersticioso, para o maravilhoso no sentido de fantasioso, mas apenas para o maravilhoso como o deslumbrante, digno de ser descrito, pintado, estudado.¹⁸⁵

Certamente, é preciso evitar a tentação de sugerir que Piso e os demais estudiosos holandeses estivessem “a frente de seu tempo” e de atribuir aos estudos de Piso uma *racionalização* quase anacrônica, por ser pautada nos critérios científicos que só se estabeleceram muito tempo mais tarde. Dessa forma, não é com os futuros cientistas que Piso deve ser comparado, mas com seus contemporâneos que escreveram sobre a América. E, nesse sentido, sim, podemos afirmar que há um esforço diferenciado por parte de Piso em suprimir tudo aquilo que fosse de caráter duvidoso, por vezes contornando estrategicamente alguns debates em voga na época. Também isso foi notado por Teixeira:

Não deve causar surpresa (...) que os originais do Brasil holandês em geral se mantenham totalmente ao largo das principais discussões teóricas vigentes no campo das ciências naturais do século XVII, raro havendo espaço para temas candentes, como, por exemplo, a existência da geração espontânea em determinados grupos animais, a disputa entre o “animalismo” e o “ovismo” ou a origem da fauna, flora e dos habitantes do Novo Mundo, questão de importância fundamental para verdadeiros filósofos como Joseph de Acosta (1590) ou Athanasius Kircher (1675). Na verdade, o descaso em relação a esse último problema supera todas as expectativas, conforme demonstra a sintomática iniciativa de Piso (1658) de comparar os “quadrúpedes” brasileiros “aos asiáticos e europeus” pela “semelhança do gosto” da carne e não pela “forma exterior”.¹⁸⁶

Sobre essa dura crítica, há que se ponderar algumas questões. Primeiramente, é preciso recolocar Piso em seu lugar: um médico, assumindo as funções de naturalista e realizando uma investigação da natureza americana; investigação essa que, por sua vez, era justificada pelos interesses da WIC, para quem Piso trabalhava. Isso tudo enquanto o ambiente intelectual europeu estava em ebulição com a discussão de antigas e novas teorias. O processo de mudanças que ocorria enquanto Piso realizava sua pesquisa e organizava seus escritos transpareceu através das diversas contradições com as quais o médico se deparou. A própria

¹⁸⁵ Cf. GESTEIRA, Heloisa. *Teatro das coisas naturais: conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: Niterói, 2001, p. 148.

¹⁸⁶ TEIXEIRA, Dante Martins. “O mito da natureza intocada: a história natural no Brasil holandês (1624 – 1654)” In: TOSTES, V.L.B; BENCHETRIT, S.F.; MAGALHÃES, A.M. (orgs.) *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. (2004) Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2005, p. 280.

contradição entre identificar-se como “antigo” mas ter a experiência prática de um “moderno” é uma delas.

Por outro lado, a adoção de critérios utilitários tanto para a seleção quanto para a classificação dos animais descritos está em consonância com a tradição clássica defendida pelos “antigos”, justificando sua filiação. Segundo Keith Thomas, o desenvolvimento de novos sistemas classificatórios foi fundamental para que uma nova forma de ver e descrever o mundo natural se impusesse no século XVII, e, como nota Teixeira, quando se trata da classificação dos animais, Piso e Marcgrave “limitam-se a reconhecer categorias básicas muito gerais reconhecidas desde a Antiguidade (‘animais aquáticos’, ‘voláteis’, ‘quadrúpedes’ e ‘insetos’), sem utilizar qualquer dos arranjos propostos nos séculos XVI e XVII.”¹⁸⁷

Mas talvez não seja totalmente justo considerar Piso como alheio à “revolução das percepções” descrita por Keith Thomas: apesar de as categorias gerais adotadas por Piso serem básicas e até mesmo um tanto ultrapassadas, ele se esforça por identificar as famílias às quais pertencem as espécies descritas e por diferenciar uma espécie da outra, ou seja, Piso parte de categorias gerais amplas para o discernimento de subcategorias, de famílias e diferentes espécies, realizando uma investigação e uma descrição mais analíticas do que poderia parecer ao considerar apenas as grandes categorias que ele elenca. Ainda com relação à classificação, há algo muito importante de ser destacado, que é a apropriação do conhecimento indígena. O primeiro ponto diz respeito à nomenclatura, algo importante para os sistemas classificatórios em desenvolvimento na época. Assim como ocorre com as plantas e a maioria das doenças descritas por Piso em sua obra, para todos os animais citados há a indicação de sua nomenclatura “nos idiomas brasílico e lusitano”. E logo no início do terceiro capítulo, o médico reflete sobre a confusão que os nomes podem causar, pois “cada agricultor ou habitante do mar dá nomes às cousas segundo o seu arbítrio”.¹⁸⁸ Prosseguindo em sua reflexão, Piso escreve:

(...) para os vegetais e para os animais, hei de me servir de vozes tradicionais e consagradas, até que, acordando-se os pareceres dos eruditos e dos bárbaros, seja definido o que é mais certo. Entrementes,

¹⁸⁷ Cf. THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudança de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010; TEIXEIRA, Dante Martins. “O mito da natureza intocada: a história natural no Brasil holandês (1624 – 1654)” In: TOSTES, V.L.B; BENCHETRIT, S.F.; MAGALHÃES, A.M. (orgs.) *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. (2004) Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2005, p. 281.

¹⁸⁸ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 127.

não há motivo para que o leitor carregue o sobrolho por causa dos vocábulos estranhos aos seus ouvidos, sendo a maioria deles tão diferentes da nossa língua, pois devemos lembrar que não vivemos no Lácio ou na Grécia; e não só os povos do Velho Mundo podem formar palavras; também os americanos têm direito e norma para criarem as suas à vontade.¹⁸⁹

Neste trecho, Piso atesta não estar totalmente alheio a essa problemática, e ainda acrescenta a questão da alteridade à discussão, ao equiparar os habitantes do Novo e do Velho Mundo em sua capacidade de nomear as coisas, e ao questionar, de forma indireta, por que há um estranhamento quanto à língua dos “bárbaros”, mas não quanto à língua dos gregos, sendo que ambas são igualmente estranhas e “diferentes da nossa língua”. Dessa forma, vemos que Piso, ao mesmo tempo em que tem consciência das discussões que se desenrolam na Europa, também estava atento a questões para as quais somente os envolvidos na colonização do Novo Mundo, mesmo que indiretamente, estavam sensíveis.

Além disso, as comparações e descrições que Piso realiza não se limitam, ao contrário do que Teixeira afirma, ao gosto da carne dos animais, mas também se estendem a sua estrutura interna e aparência física¹⁹⁰. Todavia é possível que, ao menos quanto às comparações, Piso tivesse consciência de estar deixando a desejar, pois, em um determinado ponto de seu texto, o médico se desculpa:

Como é muito trabalhoso comparar os animais ou vegetais do Novo Mundo americano com as espécies europeias, deve-se nos perdoar, se, às vezes, as semelhanças não procedem, por causa dos infinitos caprichos da natureza.¹⁹¹

Entretanto, mais do que a forma como essas informações são apresentadas, nos chama a atenção o modo como elas foram obtidas: muitas vezes através da dissecação e da vivissecação realizadas pelo próprio Piso, segundo seu testemunho. Ele relata ainda que um taitaçu (porco selvagem) foi dissecado não apenas por ele, mas que um semelhante também foi enviado a Leiden para ser dissecado pelo anatomista D. Falcobúrgio, que chegou basicamente às mesmas conclusões de Piso. Isso atesta a intensa troca de *artefatos* e informações entre os naturalistas que aqui estiveram e os intelectuais da Universidade de Leiden.

¹⁸⁹ PISO, Guilherme. História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 128.

¹⁹⁰ Cf. PISO, Guilherme. *op. cit.*, Alguns exemplos disso podem ser encontrados nas seguintes páginas: 235, 236, 237, considerando apenas os quadrúpedes.

¹⁹¹ PISO, *op. cit.*, p. 146.

Por fim, a crítica à suposta alienação de Piso acerca de alguns debates que ocorriam no momento no campo da história natural fundamenta-se apenas em partes. De fato, ele não traz reflexões diretas sobre boa parte dos debates teóricos que estariam em pauta, como a geração espontânea, e nem mesmo especula muito sobre a origem dos habitantes e da fauna do Novo Mundo, porém toca nessas questões de forma indireta, ao apresentar algumas de suas observações. Talvez as mais polêmicas, como a questão da geração e das metamorfoses, concentrem-se no quinto capítulo, mas mesmo neste terceiro capítulo podemos identificar alguns posicionamentos do médico acerca destes debates, como o da superioridade ou inferioridade dos animais americanos.

A tese da inferioridade ou debilidade das Américas, que se popularizou com Buffon no século XVIII, apoiava-se na ideia da geração espontânea (que postulava que a podridão geraria seres inferiores como os insetos), e em uma teoria específica da origem dos animais na América, ambas ideias que já eram discutidas no século XVII, por autores como Goodman, Kircher e Redi.¹⁹² Provavelmente dialogando de alguma forma com esses autores e, ao contrário do que se dará nos séculos XVIII e XIX, sobretudo a partir de Buffon, Piso não considera os animais americanos inferiores. Pelo contrário, ele reforça a ideia de diversidade da natureza:

É digno de observação que tantas árvores notáveis, arbustos e ervas, com exceção de poucas, na forma, nas folhas e frutos se mostrem diferentes dos vegetais do Velho Mundo. O mesmo se nota nas aves, nos animais e peixes, nos insetos alados ou não alados. Como se, pela diversidade de climas, aparecessem diferenças não só nos homens, como também nos animais e nos vegetais (...) Algumas dessas espécies excedem as europeias em sabor e qualidade. Outras lhes são muito inferiores. Do que ressalta quão extraordinário e variado é o capricho da natureza no globo terráqueo.¹⁹³

Outro indício de que Piso não estava alheio ao debate europeu sobre o mundo natural é o extenso leque de autores que ele cita em toda a sua obra, ora para concordar e reforçar seu argumento, ora para corrigir ou aperfeiçoar alguma afirmação desses autores. Chama-nos a atenção não apenas a quantidade de citações, o que indica a extensão do conhecimento prévio de Piso sobre os assuntos abordados, mas também a diversidade de leituras realizadas, pois ele cita desde os autores clássicos, como Aristóteles, Plínio, Dioscórides, Tácito e Hipócrates,

¹⁹² GERBI, Antonello. *O novo mundo: História de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 27.

¹⁹³ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 48.

passando pelos cronistas espanhóis, como Ximenes, Gomarra, Oviedo e Monardes, até chegar aos naturalistas contemporâneos: Clusius, Vossius, Conrad Gessner, Santorio, Cornelio Agripa, entre outros.

É preciso, mais uma vez, lembrar que Piso estava inserido em um ambiente de mudanças, algumas bruscas, outras sutis, mas que dificilmente poderiam ser ignoradas por um médico com a formação de Piso e que, enquanto realizava seus estudos no Brasil, mantinha contato com uma das instituições europeias de maior destaque neste cenário, a Universidade de Leiden. Os interesses que permearam – e mesmo possibilitaram – os estudos de Piso sobre a fauna e a flora do Novo Mundo provavelmente não levavam em consideração tais mudanças e as contradições por elas suscitadas, muito menos se pautavam puramente na curiosidade pelo mundo natural. Entretanto, a forma como Piso produziu o conhecimento sobre o Novo Mundo esteve totalmente imersa nesse contexto de mudanças, pois valeu-se de práticas modernas, como a dissecação, a vivissecação, a observação direta da natureza, etc., todas elas com o pressuposto experimental como denominador comum.

Da mesma forma que os interesses colonizadores direcionaram a produção de conhecimento sobre o mundo natural americano, a condição de colonizador e colono vivida por Piso o impeliu a adotar mais facilmente teorias e técnicas “modernas” para a elaboração do conhecimento. Sua necessidade de adaptar-se ao Novo Mundo forçou aberturas para o reconhecimento de outros saberes e para a valorização da natureza em sua simplicidade. Daí provém uma diferença fundamental entre Piso e os naturalistas que escreveram sobre a América sem nunca tê-la visitado: o olhar de Piso continua sendo europeu, continua sendo o de um intelectual e continua sendo o de médico, porém é direcionado pelas experiências pessoais e profissionais que terá em sua estadia no Brasil.

Retomamos, então, o critério utilizado por Piso para selecionar quais animais seriam descritos nesse capítulo: aqueles que, de eficácia comprovada no uso cotidiano, “se destinam ao proveito do homem, (...) não só para deleite e admiração do leitor, mas, principalmente, para servir aos médicos e enfermos.”¹⁹⁴ Apesar de a questão medicinal ser bastante enfatizada por Piso, não são muitos os animais apresentados com esses fins. Na verdade, dos 151 animais descritos, apenas seis tem alguma virtude médica específica ressaltada pelo médico: os peixes Iundiá e Urutú oferecem veneno e antídoto, em suas nadadeiras; os crustáceos Guaiá

¹⁹⁴ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 128.

"são muito úteis aos doentes de moléstias de peito"¹⁹⁵; a Anhuma apresenta em seu chifre certa propriedade antidotal; o Cuguacu-eté também apresenta propriedade antidotal, encontrada em uma pedra em seu estômago, a famosa pedra bezoar, da qual trataremos no terceiro capítulo; e, por fim, "a gordura do Senembí [ou Iguana, que] é estimada pelos cirurgiões americanos para curar as feridas da pele".¹⁹⁶

Na maioria das vezes, o uso medicinal que os animais têm a oferecer é direcionado à dieta do doente, a fim de contribuir em sua recuperação. Mas mesmo nesse quesito, a função medicinal não se sobressai: apenas oito animais são referidos como utilizados na dieta dos doentes, todos eles animais aquáticos: *Guaiá, Camurí, Amoré-tinga, Piraumbú, Taiasicá, Punarú, Pacamó e Capeúna*. Apenas o guaiá, por ter utilidades medicinais específicas, é descrito com um pouco mais de informações. Os demais são apenas apresentados como “apreciados por doentes e sãos”.¹⁹⁷

Ironicamente, apesar do critério adotado por Piso, há muito mais informações zoológicas do que informações de cunho prático relacionado à medicina e alimentação. De fato, para todos os animais descritos, há um comentário de caráter alimentar, quase sempre sobre a qualidade da carne e a forma como costuma ser consumida. Porém são informações breves, algumas inclusive apenas indicando que determinado animal é comestível, sem nenhuma outra especificação nesse sentido. Quase todos os animais recebem indicações sobre a qualidade de sua carne: seca, tenra, branca, gorda, sólida, dura, friável, mole, macia, delicada, quente, pingue, escassa ou forte. Porém boa parte das indicações são abrangentes e subjetivas: boa, de bom paladar, excelente, saborosa, nutritiva, saudável. É razoavelmente comum Piso fazer comparações entre a qualidade da carne de animais americanos e europeus – na maioria das vezes preferindo o americano ou tornando ambos equivalentes – e mesmo entre os próprios animais americanos.¹⁹⁸

Entretanto, apesar de apresentar informações escassas quanto à dietética, os escritos de Piso podem ajudar a traçar um panorama sobre o preparo e o consumo das carnes, tanto pelos indígenas, quanto pelos europeus residentes no Brasil. Os modos de preparo mais comumente citados são “cozido” e “assado”, mas Piso fornece informações sobre outras formas de

¹⁹⁵ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 182.

¹⁹⁶ *Ibidem*, p. 245.

¹⁹⁷ Cf. PISO, Guilherme. *op. cit.*, pp. 139, 140, 162, 169, 172, 176, 180, 181-2.

¹⁹⁸ Essas comparações podem ser conferidas nas páginas 130, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 208, 230, 231, 232, 239.

preparo, de utensílios e condimentos utilizados e inclusive do saber necessário para escolher o preparo adequado. Assim, as carnes podem ser: “cozidas”, cozidas “com molho”¹⁹⁹, assadas “no espeto ou na grelha”²⁰⁰, “frito na frigideira, com óleo ou manteiga”²⁰¹, salgada e conservada ou “preparada a modo de pastel”²⁰². Raramente há uma descrição mais detalhada da forma de preparo, como no seguinte caso, da preparação do peixe *Camaripuguaçú*: “Para que seja mais agradável ao paladar, tome-se novo e cozinhe-se por largo tempo, devido a muita e sólida carne, cheia de grossas espinhas.”²⁰³ Em alguns casos, a indicação é para que se prepare da mesma forma como outro animal europeu: “como os nossos tentilhões”²⁰⁴, “igual à carne de vaca”²⁰⁵. Em outros, Piso sublinha que o modo de preparo escolhido é “segundo o costume dos íncolas”²⁰⁶.

A natureza da carne – seca, gorda, magra, etc. – é o que define a forma de preparo. Os peixes e as aves com carne escassa devem ser fritos²⁰⁷; já os peixes com bastante carne, como os *Curuatá pinima*, podem ser preparados de qualquer modo²⁰⁸; aqueles peixes de qualidade inferior devem ser sempre assados, não cozidos²⁰⁹; o peixe que contém “muita gordura, costuma ser preferido assado, em vez de cozido ou frito”²¹⁰ e há ainda aquele tipo de animal que por ter carne muito seca, “carece de condimentos”²¹¹. Algumas vezes, Piso apenas destaca a necessidade de condimentar uma carne, sem especificar qual condimento deve ser utilizado; outras vezes, mesmo sem a necessidade da condimentação, Piso aponta que a carne fica mais saborosa se condimentada. Os condimentos por ele citados são: vinagre, sal, pimenta, óleo e manteiga. Também cita “condutos aromáticos”, sem especificar quais sejam.²¹² Ele ainda se refere, uma única vez, à preparação de um condimento a partir do fígado do peixe chamado *Pirametára*.²¹³

¹⁹⁹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 206.

²⁰⁰ Ibidem, p. 175.

²⁰¹ Ibid., p. 156.

²⁰² Ibid., p. 233 e 234.

²⁰³ Ibid., p. 162.

²⁰⁴ Ibid., p. 223.

²⁰⁵ Ibid., p., 236.

²⁰⁶ Ibid., pp. 130 e 178.

²⁰⁷ Ibid., pp. 156 e 219.

²⁰⁸ Ibid., p. 135.

²⁰⁹ Ibid., p.147.

²¹⁰ Ibid., p. 152.

²¹¹ Ibid., pp. 166 e 213.

²¹² Ibid., pp. 133, 135, 156, 171, 174, 175, 184. Os “condutos aromáticos” são citados na pag. 179.

²¹³ Ibid., p. 153.

Há também indicações de como preparar os alimentos derivados, por assim dizer: o toucinho é obtido da paca quando assada²¹⁴; os ovos do peixe *Curemá*, “salgados e secos, conservam-se por causa dos amigos do beber, pois excitam a sede”; os ovos do *Camurí* (robalo) são igualmente preparados em conserva e bastante estimados sendo guardados “não só como provisão, mas também como prazer”²¹⁵; os ovos do *Senembí* (iguana) devem ser fritos adicionando água, “não óleo, nem manteiga”²¹⁶; por fim, não somente os ovos do *Jaboti* são comestíveis, como também seu fígado apresenta-se como uma iguaria ímpar.²¹⁷

Provavelmente, este é o capítulo em que Piso mais oferece informações sobre o consumo de alimentos no Brasil holandês. O destaque dado aos peixes, com 91 descrições entre 151 no total, não é casual: outras fontes atestam que a pesca era a base alimentar na região.²¹⁸ Assim Piso explica tal preferência:

(...) os rios célebres e o mar piscosíssimo convidam as populações praieiras; pois fornecem pesca fácil e lucrativa, e os peixes dão nutrimento mais tenro e sangue melhor do que os quadrúpedes e as aves.²¹⁹

Além disso, Piso também observa que é improvável que haja “região mais fértil do que esta pela preciosidade e quantidade de seus peixes”²²⁰, mais uma razão para seu protagonismo na cultura alimentar tanto dos indígenas quanto dos europeus recém-chegados. Entretanto, apesar desse elemento comum, havia distinções sociais relacionadas à alimentação, das quais Piso nos dá pistas ao tratar do consumo de determinadas carnes. Para denotar que o consumo é generalizado, Piso usa termos como “povo”, “habitantes”, “população”, “muitas pessoas” e “muitos homens”.²²¹ Mas ele também demarca o que é de preferência dos indígenas e o que é de preferência de seus compatriotas, embora em alguns casos os gostos convirjam: o peixe aipimixíra, por exemplo, “por todos os íncolas é tido por delicioso”, mas também “é peixe afamado como o carpião entre os europeus”.²²² Da mesma

²¹⁴ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 238.

²¹⁵ *Ibidem*, pp. 174, 180.

²¹⁶ *Ibid.*, p. 245.

²¹⁷ *Ibid.*, p. 247

²¹⁸ Na “Memória” escrita em 1630, Adrian Verdonck apresenta informações importantes sobre a região de Pernambuco, e, entre elas, informações relacionadas à alimentação. Também aqui os peixes aparecem com uma certa centralidade. “Memória oferecida ao Conselho Político de Pernambuco por Adriaen Verdonck em 1630” IN: MELLO, José Antônio Gonsalves de. Fontes para a história do Brasil holandês. Recife: CEPE, 2004, pp. 33-46.

²¹⁹ PISO, *op. cit.*, p. 128.

²²⁰ *Ibidem*, p. 61.

²²¹ *Ibid.*, pp. 129, 131, 142, 143, 147, 156, 157, 168, 170, 172, 177, 188, entre outros.

²²² *Ibid.*, pp. 137-8.

forma a garça Çocoi é descrita como "apreciada pelos nossos compatriotas e pelos indígenas."²²³

Há um terceiro grupo, que não se enquadra exatamente nem na categoria de compatriotas de Piso – embora o sejam –, nem na categoria de indígenas, e cujos gostos alimentares recebem apenas um comentário nesse capítulo: os judeus. Aos descrever os peixes bugres, Piso destaca que eles são "vendidos a baixo preço, em parte por causa da abundância, em parte porque os judeus se abstêm de peixes sem escamas"²²⁴. Esse brevíssimo comentário possibilita algumas reflexões tanto sobre a cultura alimentar judaica, quanto sobre a importância dos judeus na colonização do Brasil holandês. Primeiramente, é interessante que, mesmo em um comentário quase casual, que poucas informações nos fornece sobre a forma como os judeus se alimentavam na América, mesmo aqui, há um destaque para a abstinência de determinados alimentos. Em comparação com outras culturas alimentares, a abstinência tem um papel central na cultura alimentar – e religiosa – dos judeus, e é interessante que, mesmo que essa não tenha sido a intenção, este seja justamente o aspecto ressaltado por Piso neste tema. Em segundo lugar, podemos refletir sobre a importância dos judeus dentro dessa sociedade, uma vez que o fato de eles não consumirem determinados alimentos interferiam em seu comércio: podemos, ao menos, afirmar que uma grande parte dos habitantes do Brasil holandês e, portanto, dos consumidores, era composta por judeus, e que certamente suas preferências alimentares moldaram de alguma forma o comércio de alimentos, a ponto de isto não passar despercebido aos indígenas responsáveis à pesca e venda dessa carne.²²⁵

Talvez mais do que os interesses comerciais, é a preocupação com a carestia que perpassa as descrições de Piso, que enfatiza quais animais são mais abundantes e quais provêm maior quantidade de carne, como a raia *Nari-nari* que é descrita como podendo fartar até quarenta homens²²⁶. Além disso, ele aponta quais peixes são mais fáceis de serem obtidos e, algumas vezes, chega a descrever a melhor maneira de pescar ou caçar determinado animal. Alguns animais, como o peixe-voador *Pirabebé* se tornam ainda mais estimados por causa da facilidade em serem obtidos: "às vezes se precipitam nas embarcações, e tornam-se agradável

²²³ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 212.

²²⁴ Ibidem, p. 157.

²²⁵ Ibid., p. 144.

²²⁶ Ibid., p. 149.

presa à maruja, que, depois de cozidos os põe na mesa como alimento apazível, em lugar das anchovas".²²⁷

A alimentação dos funcionários (marinheiros, soldados e carregadores) também é observada por Piso e, de maneira geral, podemos perceber que a preocupação maior era com a quantidade da carne, de forma que satisfizesse ao maior número de pessoas possível, do que com a qualidade. Indicativo disso é o seguinte comentário, sobre o peixe *Camaripuguaçu*: "Depois de crescido, a carne torna-se mole e só serve para os mariolas"²²⁸, ou seja, a partir do momento que a carne torna-se desagradável, ela é destinada aos carregadores, que estariam em um estrato social mais baixo. Outro indício dessa diferenciação aparece nas duas vezes em que Piso manifesta opiniões sobre o gosto dos consumidores. Tanto a lâmia *Papaná* quanto o peixe *Coorza* são descritos como passíveis de agradar "paladares um tanto esquisitos", mas também são igualmente associados à alimentação da marinhagem, o que indica que este grupo não tinha condições financeiras de escolher alimentos dignos de paladares "mais refinados".²²⁹

Embora, como já citamos, existam animais acessíveis e apreciados por todos, Piso também aponta quais deles são consumidos exclusivamente pelo "povo". Entretanto, ele apresenta pouquíssimas informações sobre esses alimentos: sobre o peixe *Iaguaguare*, por exemplo, Piso simplesmente escreve "comestível, mas sobretudo procurado pelo povo."²³⁰ Em outro momento, ele é ainda mais claro: o peixe *Timucú*, "pela pouca qualidade da carne, é excluído das mesas dos ricos".²³¹ Como seria de se esperar, não apenas as mesas dos ricos abundam com carnes de boa qualidade, como também as descrições de Piso sobre elas abundam em detalhes. O *Piratiá puá*, "quando é pequeno e pesa menos de dez libras, é muito apreciado pelos ricos"²³²; o *Camurí* e seus ovos que se fazem em conservas são "servidos nas mesas dos magnatas"²³³; a carne da *Potiquiquíya* "é apreciada pelos magnatas como a das nossas lagostas"²³⁴; a ave *Cariamá* "em quase todo o ano [...] é muitíssimo estimada e procurada pelos maiores, entre as primeiras delícias"²³⁵, bem como a *Ipeca-Guaçu*, "pela boa

²²⁷ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 155.

²²⁸ Ibidem, p. 162.

²²⁹ Ibid., p. 132 e 179.

²³⁰ Ibid., p. 168.

²³¹ Ibid., p. 156.

²³² Ibid., p. 152.

²³³ Ibid., p. 180.

²³⁴ Ibid., p. 188.

²³⁵ Ibid., p. 195.

qualidade da carne, estimada pelos maiores²³⁶; por fim, a carne dos tatus e das pacas é servida nas mesas dos ricos, “sendo preferida à dos coelhos e leitões”.²³⁷

Talvez, poderíamos pensar que Piso apresenta uma descrição mais detalhada da mesa dos ricos por participar delas na maior parte de sua estadia, porém a única coisa que podemos afirmar com certeza é que ele teve experiências alimentares bastante variadas. Quando Piso não atesta diretamente ter experimentando a carne de determinado animal ali citado, ele ao menos o deixa subentendido, ao tecer comentários sobre o gosto e a textura da carne. Em outros casos, ele detalha sua experiência, como na descrição do peixe *Piába*:

[...] são tidos em maior preço entre os indígenas, que os envolvem em cinza e folhas de árvores, assam na grelha e assim os comem, iguaria que os bárbaros me ofereceram, quando com eles viajava pelos sertões.²³⁸

Assim, vemos como Piso conseguiu mobilizar os diversos conhecimentos adquiridos por ele na construção de um conhecimento específico sobre a fauna do Novo Mundo. Tanto sua formação na Europa, que inclusive podemos admitir como contínua, se considerarmos sua correspondência com a Universidade de Leiden, quanto seu contato direto com o mundo natural e os habitantes do Brasil, que lhe proporcionou experiências únicas, do ponto de vista de um europeu, contribuíram para que Piso construísse um saber singular sobre o Novo Mundo.

²³⁶ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 197.

²³⁷ Ibidem, p. 234.

²³⁸ Ibid., p. 165.

Capítulo 3 - Os “netos de Galeno” enfrentam novos perigos: saberes e práticas de cura no Brasil holandês

Neste capítulo, abordaremos as tensões envolvidas no processo de aprendizado e apropriação dos saberes indígenas por Guilherme Piso e seus colegas, aos quais ele se refere como “netos de Galeno”, fato que remete, mais uma vez, às disputas entre “antigos” e “modernos”, acrescentando mais uma tensão ao processo referido. Inicialmente, buscaremos demonstrar que a experiência de Piso no Brasil, apesar de não ter sido inaugural, apresentou especificidades importantes a serem consideradas. Partindo de seu posicionamento, enquanto médico, perante as novidades oferecidas pelo Novo Mundo, analisaremos como se deu o movimento de abertura de Piso ao conhecimento indígena e de que forma ele se relaciona com o debate europeu.

No segundo item, ainda tendo em mente as tensões mencionadas, perscrutaremos as opiniões de Piso sobre as superstições, tanto dos indígenas quanto dos europeus, e a presença de elementos mágicos no exercício da medicina, ligados sobretudo aos envenenamentos, tema caro ao médico e que representava um conhecimento primordial para a segurança dos recém-chegados. No último item, investigaremos a forma como Piso deixou transparecer em seu texto, ainda que de forma breve e comedida, opiniões sobre a sociedade que observou enquanto esteve no Brasil, com especial atenção para suas observações sobre as mulheres, o que nos possibilitou refletir sobre a própria alteridade da prática médica em relação à saúde das mulheres.

3.1 A arte de curar dos gentios e o embate europeu entre antigos e modernos

Assim como as descrições sobre a natureza realizadas por Jorge Marcgrave e Guilherme Piso, embora apresentassem especificidades e novidades, não foram as primeiras, também o reconhecimento das virtudes médicas desta natureza não encontrou em Piso seu precursor. Afinal, a estadia de ambos no Brasil se passa já no segundo século da colonização e, como temos destacado, o conhecimento da natureza e de seus usos medicinais e alimentares era fundamental para a sobrevivência do colonizador.

Heloisa Gesteira afirma que “o controle do saber acerca da natureza refletia uma estratégia para a fixação da nova sociedade e manutenção da própria conquista”, sendo assim, ele também se coloca como um campo de disputas – ou afirmações – de poder. Talvez por isso mesmo, o grupo que mais se destacou na produção do conhecimento botânico e em sua

utilização na realização de curas foi o dos jesuítas: o cuidado médico oferecido por eles, mais do que um exercício de caridade, era visto como um dos importantes serviços prestados “à manutenção do império [português]”, e era utilizado como “uma moeda de troca que permitia à Companhia de Jesus receber favores e privilégios do monarca em terras americanas.”²³⁹

É interessante notar que tais cuidados médicos, oferecidos pelos jesuítas, não se destinavam apenas aos colonizadores europeus, mas também aos indígenas. Neste último caso, as práticas de cura se relacionavam com as tentativas de conversão dos indígenas ao cristianismo. Segundo José Eisenberg, os jesuítas perceberam que o poder de cura conferia autoridade religiosa aos pajés e, aproveitando-se disso, “começaram a se dedicar ao atendimento médico dos índios e adaptar os rituais dos sacramentos cristãos aos usos locais”, relacionando, assim, cura e conversão.²⁴⁰

Mas não apenas os rituais cristãos foram adaptados, como também a medicina europeia, que era a base teórica das práticas de cura exercidas pelos jesuítas, foi adaptada à nova realidade, a partir da apropriação de práticas e saberes indígenas. Para Maria Cristina Cortez Wissenbach, talvez sejam as receitas reunidas pela Companhia de Jesus “a expressão máxima do diálogo entre as tradições terapêuticas de diferentes procedências e a incorporação de produtos medicinais originários dos diferentes pontos do império português”.²⁴¹ Entre as receitas mais prestigiadas está a *Triaga brasílica*, remédio composto produzido nos Colégios Jesuítas, cuja fabricação contava com 27 produtos, dos quais apenas quatro não eram originários ou cultivados na América, o que demonstra a interação e circularidade de saberes e de espécies naturais fomentadas pelos jesuítas, “não apenas no âmbito da América portuguesa, mas no interior do Império português.”²⁴²

Para Ana Carolina de Carvalho Viotti, a contribuição dos religiosos foi além do conhecimento de plantas nativas e de suas virtudes terapêuticas: ao empregarem a

²³⁹ GESTEIRA, H.M. *A cura do corpo e a conversão da alma: conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII*. Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, n.8, 2004. pp. 75-76.

²⁴⁰ EISENBERG, J. *As missões jesuítas e o pensamento político moderno*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. Apud: GESTEIRA, H.M. *A cura do corpo e a conversão da alma: conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII*. Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, n.8, 2004, p. 77.

²⁴¹ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez, “Ares e azares da aventura ultramarina: matéria médica, saberes endógenos e transmissão nos circuitos do Atlântico luso-afro-americano” IN: ALGRANTI, Leila Mezan e MEGIANI, Ana Paula Torres (orgs.) *O império por escrito*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 393.

Tais receitas, segundo a mesma autora, foram compiladas como uma farmacopeia “que condensa a experiência dos inicianos adquirida no trato de colonos, das populações nativas e dos escravos”. Sua autoria é desconhecida, supostamente coletiva, e reúne “receitas desenvolvidas nos vários colégios – Goa, Rio de Janeiro, Bahia, Luanda, Macau, Maranhão, etc”.

²⁴² GESTEIRA, H.M. *A cura do corpo e a conversão da alma: conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII*. Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, n.8, 2004, p. 78.

farmacopeia e a terapêutica indígena, os missionários não apenas ampliaram seu horizonte de conhecimento e atuação perante as doenças, como também contribuíram para “reduzir significativamente o caráter depreciativo atribuído às práticas indígenas”, isto é, desde que a mobilização de tais conhecimentos partisse dos religiosos – e não dos nativos.²⁴³

Entretanto, embora tenham tido grande relevância, não foram apenas os jesuítas os responsáveis por transmitir informações e saberes no Atlântico e, especialmente, no sentido América-Europa. Cronistas espanhóis e portugueses coletaram diversas informações sobre o Novo Mundo, algumas das quais foram publicadas, outras que circularam sob a forma de manuscritos. Wissenbach aponta que a divulgação de notícias do ultramar foi praticamente simultânea à expansão marítima e que elas provinham dos ibéricos, embora seus difusores fossem, sobretudo, “editores italianos (entre outros Gian Battiste Ramusio, 1559), ingleses (como Richard Hakluyt, 1587 e Samuel Purchas, 1625) e flamengos (De Bry, 1590 e van Linschoten, 1596).”²⁴⁴

Wissenbach também afirma que boa parte desse conhecimento que circulou no Atlântico dizia respeito à busca de sobrevivência nos trópicos, uma vez que o clima tropical era considerado muito nocivo e algumas regiões, fatais: o golfo da Guiné, por exemplo, era chamado de “tumba do homem branco”. Desta forma, um dos conhecimentos centrais abordados por tais escritos era o conhecimento farmacológico e terapêutico, com ênfase “no esforço de elencar e descrever as doenças ordinárias e pouco conhecidas pelos europeus”. Mesmo em narrativas de viagem, que deveriam tratar de diversos assuntos respectivos às descobertas e à viagem propriamente dita, as doenças e seus tratamentos ocupavam uma grande parte das notícias.²⁴⁵

Guilherme Piso, portanto, não foi pioneiro ao descrever a natureza americana e nem mesmo ao abordar suas qualidades terapêuticas. De fato, esta sequer parece ter sido uma intenção presente em sua escrita, uma vez que aborda e reitera autores, sobretudo ibéricos, que anteriormente produziram conhecimentos acerca do Novo Mundo. Mesmo entre os autores flamengos, Piso não foi precursor nesses estudos: Wissenbach destaca a trajetória de Jan Huygen van Linschoten, como o “primeiro holandês a realizar a travessia entre Lisboa e

²⁴³ VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As práticas e os saberes médicos no Brasil Colonial (1677-1808)*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 27.

²⁴⁴ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez, “Ares e azares da aventura ultramarina: matéria médica, saberes endógenos e transmissão nos circuitos do Atlântico luso-afro-americano” IN: ALGRANTI, Leila Mezan e MEGIANI, Ana Paula Torres (orgs.) *O império por escrito*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 379.

²⁴⁵ Idem.

Goa”, e que, além de visitar territórios portugueses na África e na Ásia também visitou o Brasil e descreveu doenças e formas de tratamento, como as drogas administradas pelos nativos, inclusive pelos Tupinambás.²⁴⁶

Entretanto, o fato de Piso não ter sido o primeiro a escrever sobre o Novo Mundo e de ter, muitas vezes, recorrido a outros autores para reforçar informações contidas em seu texto, não diminuem a expressividade do projeto que resultou na obra *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, uma produção inédita em termos de abrangência e profundidade do conhecimento sobre o mundo natural americano, sobretudo referente ao Brasil. Acreditamos que a especificidade da experiência de Piso resida em dois aspectos: primeiramente, como já dissemos, Piso e Marcgrave vieram ao Brasil já com a missão oficial de realizar observações formais sobre a natureza brasileira e os costumes dos nativos, e contribuir com a elaboração de um conhecimento sobre o Novo Mundo, que seria processado na Europa. O segundo aspecto é a formação médica de Piso, que se deu em um momento de tensões e mudanças no campo da medicina, e em instituições que tiveram certo protagonismo nessas mudanças.

Assim, embora a questão da sobrevivência, de forma imediata, e a questão da disputa de poder, de forma estratégica, estivessem tão presentes na experiência de Piso quanto na dos jesuítas, por exemplo, no caso de Piso, a importância do conhecimento por ele produzido era prerrogativa de sua permanência e atuação no Brasil. Havia o interesse claro pela produção sistemática de um conhecimento sobre o Novo Mundo, que deveria ser divulgado amplamente, para além do mundo holandês. Por outro lado, não foi por acaso que, embora os ibéricos tenham sido os protagonistas na coleta e produção de informações sobre o Novo Mundo, não foram eles os responsáveis por sua divulgação: preocupados em manter o domínio sobre os territórios americanos, os governos ibéricos muitas vezes buscavam manter em segredo informações sobre o Novo Mundo e, dessa forma, a produção e divulgação de um conhecimento sobre o território americano também se configurava como um campo de disputa de poder, como já dissemos acima.²⁴⁷

²⁴⁶ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez, “Ares e azares da aventura ultramarina: matéria médica, saberes endógenos e transmissão nos circuitos do Atlântico luso-afro-americano” IN: ALGRANTI, Leila Mezan e MEGIANI, Ana Paula Torres (orgs.) *O império por escrito*. São Paulo: Alameda, 2009, pp. 380; 385-388.

²⁴⁷ Um bom panorama sobre essa questão pode ser encontrado nos já citados: GESTEIRA, Heloisa Meireles. *Teatro das coisas naturais: conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: Niterói, 2001. BUENO, Beatriz P. S. A guerra de papel: confecção e disputa pelos mapas. In: TOSTES, V.L.B; BENCHETRIT, S.F.; MAGALHÃES, A.M. (orgs.) *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. (2004) Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2005.

Para os ibéricos, o poder residia em proteger as informações como uma forma de proteger seus territórios; para os holandeses, acessar tais informações significava um avanço imprescindível para a realização de sua expansão ultramarina, e divulgá-las, mais do que representar um esforço em prol do conhecimento livre, era também uma forma de ofensiva contra o poderio ibérico. Há ainda, na empreitada holandesa da qual Piso participou, um terceiro ato: produzir conhecimento, o que, para os holandeses, era também uma forma de dominar, conforme aponta Heloísa Gesteira. Primeiramente, dominar em um sentido metafórico, no qual o domínio de informações geográficas, naturais, econômicas, etc., equivaleria ao domínio do território, da natureza, da economia, e assim por diante, mas também em um sentido premente, uma vez que qualquer dominação colonial que os holandeses pretendessem ter sobre o Novo Mundo impreterivelmente passaria pela necessidade de conhecer sua geografia, sua natureza, economia, etc.

Por isso, não é demais lembrar que Piso estava oficialmente inserido em um projeto de colonização e que sua missão dentro desse projeto era reunir o máximo de informações possíveis com o intuito de produzir, em parceria com as instituições envolvidas – sobretudo a WIC e a Universidade de Leiden – um conhecimento *útil* sobre o Novo Mundo. Em todos os capítulos da obra de Piso podemos identificar uma constante apropriação do conhecimento indígena, não apenas quanto às práticas de cura, mas também outros conhecimentos importantes para a adaptação, por exemplo: conhecimento sobre o clima e noções básicas de como lidar com ele; técnicas de cultivo; utilização de plantas para produzir fogo, cordas para navegação e utensílios cotidianos, até mesmo cola; técnicas de caça e pesca; formas de preparar alimentos desconhecidos, entre outros.²⁴⁸

Além disso, considerando a formação médica de Piso e seu contato com a Universidade de Leiden, um dos *polos* do desenvolvimento, por assim dizer, científico no século XVII, podemos refletir sobre o contexto mais amplo da revolução científica e a performance de Piso nessa conjuntura. De fato, podemos observar as tensões e os debates sobre ciência e medicina, que ocorriam nesse momento, reverberarem no texto de Piso. Neste item, abordaremos a apropriação e divulgação da terapêutica indígena por parte do médico, de forma mais geral, perquirindo as experiências descritas por ele e a relação que Piso faz – ou não – entre este aprendizado e sua formação em medicina.

²⁴⁸ Tais referências podem ser encontradas em PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], pp. 32, 40-1, 44-5, 68, 172, 178.

Identificando a si próprio e a seus colegas, médicos e cirurgiões, como *netos de Galeno*, Guilherme Piso relata as dificuldades encontradas para a prática da medicina na América, reflete sobre as “novidades” tanto no seu campo, quanto no conhecimento europeu de forma ampla, e demonstra que as mudanças de paradigma, fomentadas pela revolução científica, foram, de fato, graduais e, muitas vezes, no âmbito pessoal, se deram de forma até mesmo contraditória.

Ao considerar-se um “neto de Galeno”, Piso reivindica-se como herdeiro de um saber médico antigo, filiando-se mais uma vez à tradição médica clássica, hipocrática-galênica. Assim, ao pensarmos no debate europeu, Piso estaria no grupo dos “antigos”. Por outro lado, apesar de considerar ainda a autoridade dos clássicos, Piso estava sensível às mudanças, pois, no final do primeiro capítulo escreve:

(...) as modernas navegações do Novo Mundo confirmam que, assim como variam os hábitos e gêneros de vida dos povos segundo os diversos climas do mundo, assim também diferem as doenças e os gêneros de morte; e assim como as antigas doenças costumam *extinguir-se*, do insólito giro e inclinação dos astros, bem como do clima da terra austral, *soem gerar-se novas*.²⁴⁹

De fato, uma primeira divergência com os autores antigos aparece já na análise inicial do ambiente: apesar de ainda concordar com a ideia tradicional vigente na Europa, de que o clima temperado seria mais saudável que o das zonas tórridas, Piso reconhece que “ao contrário do que Aristóteles, Plínio e outros julgaram, não somente este clima é habitável, mas os orvalhos perpétuos e as chuvas e as brisas agradáveis do mar o fazem temperado e fértil por toda parte.”²⁵⁰ E vai além, destacando a salubridade da terra e a boa saúde da qual gozam os indígenas:

A fama de salubridade do lugar atraiu da Espanha, das Índias e outros lugares remotos, não poucos velhos e outros homens de saúde menos próspera, para o ar e as águas dados por este céu, como para as duas mais valiosas defesas da vida e da saúde. Os íncolas chegam à puberdade rapidamente, envelhecem tarde, e isto sem cabelos brancos e calvície. Donde resulta que tanto os americanos como os europeus, muito além dos cem anos de idade, gozam de robusta velhice, e assim todo o território merece chamar-se macróbio. (...) Ainda que os filhos dos estrangeiros sejam atacados por frequentes moléstias e muitos morram, sobretudo as crianças, nossas compatriças, contudo não deve

²⁴⁹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 72. Grifos nossos.

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 33.

imputar-se o fenômeno tanto à intempérie do céu quanto ao modo desazado de alimentação. Servem de ótimo exemplo os filhos dos brasileiros, muito longevos. Eles, tendo o ventre duro e um tanto proeminente e os músculos sólidos, embora só se cubram com uma camisa leve, contudo desprezam sem risco os rigores do clima. Riem-se as mães do inepto cuidado dos nossos no vestir e criar os filhos, com que, dizem, a transpiração é impedida e se geram muitos catarros. Não há entre eles os vesgos, nictalopes, coxos ou deformados pela corcunda, e os meninos nunca são envoltos em panos de linho nem ligados com faixas, como os europeus. São frequentemente lavados com água fria. O mesmo se pratica entre os mais velhos, não só pelo inato asseio desta gente, mas também para o fortalecimento e defesa da saúde do corpo. E são alegres e cheios de vida, de vasos amplos, braços e pernas robustos e bem constituídos, conquanto não saturados de gordura.²⁵¹

Dessa forma, Piso demonstra que não é o clima a maior influência para o adoecimento (“contudo não deve imputar-se o fenômeno tanto à intempérie do céu quanto ao modo desazado de alimentação”), e que será necessário que o europeu aprenda a manter a saúde com os costumes indígenas – neste trecho vemos duas recomendações que tornariam mais fácil suportar o clima quente: a primeira relacionada ao cuidado com as crianças e a segunda uma recomendação geral aos banhos, “para o fortalecimento e defesa da saúde do corpo”. Além disso, já que o “modo desazado de alimentação” é o principal motivo para o adoecimento dos recém-chegados, Piso fornece diversas informações referentes à boa alimentação para manter ou recuperar a saúde.²⁵²

Heloisa Gesteira aponta que estão presentes nos escritos de Piso, diversas preocupações com a “adaptabilidade” dos europeus nos trópicos, sendo que “muitas de suas sugestões têm como objetivo a aquisição de novos costumes pelo europeu, possibilitando sua vida em zona tropical.” Entre elas, estão: escolher uma casa em local elevado e de frente para o mar como moradia; sempre cobrir-se do vento; banhos mornos; realizar esforços físicos ou mentais apenas ao amanhecer e no fim do dia, evitando os horários de maior calor para a realização de qualquer atividade rigorosa; além de diversos conselhos sobre como manter a saúde através de uma boa alimentação, sempre privilegiando os alimentos oferecidos pela natureza nativa.²⁵³

²⁵¹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 49.

²⁵² Idem.

²⁵³ GESTEIRA, Heloisa Meireles. *Teatro das coisas naturais: conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: Niterói, 2001, p. 110.

Boa parte dessas recomendações, Piso atribui aos indígenas, conferindo-lhes autoridade até mesmo superior que aos teóricos clássicos. Já na carta ao leitor, o médico escreve: firmado “no testemunho dos sentidos, submeti ao exame e à praxe tudo o que do amplíssimo teatro da Natureza observei ou recebi dos indígenas.”²⁵⁴ Na introdução do segundo capítulo, ele explica-se:

Embora se encontrem nessa barbárie muitíssimos hábitos grosseiros, corruptos e indignos da arte hipocrática, existem contudo não pouco utilíssimos, que rivalizam com os da antiguidade e podem até impressionar os médicos mais eruditos.²⁵⁵

A atenção dispensada aos hábitos “não pouco utilíssimos” dos indígenas quanto às práticas de cura não foi casual, pois a sobrevivência em um ambiente desconhecido e inóspito exigia o aprendizado com os povos nativos. Este, por sua vez, como afirma Leila Mezan Algranti, deveria ser mobilizado para “distinguir não só as várias espécies comestíveis e suas diversas propriedades, mas sobretudo saber como utilizá-las na alimentação ou na cura das doenças.” Dessa forma, o intercâmbio entre Novo e Velho Mundo não foi apenas de espécies vegetais e animais, mas também um intercâmbio cultural, de saberes.²⁵⁶

Ainda justificando, ao público europeu, sua consideração pela terapêutica indígena, o médico questiona: se muitos rudimentos da medicina e outras artes foram aprendidos através dos animais,

quem duvidará que, também dos mortais mais distantes da dogmática ciência de curar, não possa derivar até nós grande cópia de salubérrimos e secretos remédios e antídotos e modos de cura desconhecidos dos antigos?²⁵⁷

Nos trechos citados acima podemos identificar visões comuns dos europeus sobre esse *outro* indígena: é o bárbaro, com costumes grosseiros e indignos; é o selvagem, muito ligado à natureza, é como que uma parte dela, um animal. Piso faz diversas detrações aos indígenas e censura nos nativos o que ele considera preguiça, superstição, luxúria, entre outros aspectos condenados na concepção moral e religiosa de Piso e do grupo ao qual ele pertence: analisando as maravilhas que o mundo americano oferece, Piso conclui que os indígenas seriam merecidamente considerados felizes, “se conhecessem o Criador de todas estas

²⁵⁴ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 8.

²⁵⁵ *Ibidem*, p. 74.

²⁵⁶ ALGRANTI, Leila M. Saberes culinários e a botica doméstica: beberagens, elixires e mezinhas no Império português. (Séculos XVI-XVIII). *Saeculum* (UFPB), v. 27, p. 13-29, 2012, p. 25-27.

²⁵⁷ PISO, Guilherme. *op. cit.*, p. 74.

coisas”, e prossegue afirmando que, “pelo contrário, sob tão propício céu têm eles os engenhos tão rudes e disformes”.²⁵⁸

Porém, quanto às práticas de cura, a maioria delas é considerada por Piso com grande apreço. Não só por Piso, mas por diversos outros viajantes, sobre o que Sérgio Buarque de Holanda escreve: “Práticas indígenas, que tinham todos os requisitos para alarmar ou escandalizar os europeus encontraram (...) acolhida inesperadamente favorável.”²⁵⁹ Um dos exemplos dessas práticas é o consumo de tabaco para curar doenças, já tratado no capítulo anterior. Além disso, a “acolhida inesperadamente favorável”, segundo Piso nos conta, partiu até mesmo de Maurício de Nassau, pois o médico relata o seguinte caso de cura a partir da ministração do jaborandi: “Vi os bárbaros demonstrarem êste portentoso efeito num capitão que ingerira cogumelos venenosos, em presença do ilustríssimo Príncipe de Nassau.”²⁶⁰

Tal relato é importante por deixar tão evidente que a medicina indígena não era apropriada e validada apenas pelas práticas de cura informais: além de Piso, médico particular de Nassau e chefe dos médicos da WIC, o próprio Príncipe de Nassau tornou-se testemunha da eficácia da terapêutica indígena, o que, certamente, contribuiu para sua legitimação entre os meios letrados europeus.

Assim Piso relata a experiência que lhe chamou a atenção, positivamente, para a terapêutica indígena:

Lembro-me de que os bárbaros nos acampamentos, por meio de gomas frescas, sucos e bálsamos, livraram do ferro e do fogo e restabeleceram com êxito os membros dos soldados feridos por balas de espingardas, que estavam para ser amputados pelos cirurgiões europeus, lusitanos e batavos. Sou igualmente testemunha ocular de que nos hospitais foram por eles curadas, só com o suco de tabaco, as úlceras rebeldes e as gangrenas. Ainda mais: livraram logo da morte, só com a bebida da raiz fresca de *Iaborandí*, moribundos envenenados pela ingestão de cogumelos venenosos e outros tóxicos, apesar de eu e outros netos de Galeno, tomados de não pequeno pejo, nos termos esforçado em vão depois de repetidas aplicações dos alexifármacos e triagas antidotais. E assim, depois consenti em ser auxiliado por tais colegas bárbaros, não tanto habituados na marcha da saúde dos nossos

²⁵⁸ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 48.

²⁵⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 78.

²⁶⁰ PISO, Guilherme. *op. cit.*, p. 452.

pelo tato das artérias, quanto em fornecer abundantes conselhos, na sobredita maneira.²⁶¹

Essa passagem fornece muitos elementos para análise que nos interessam nessa pesquisa. Como já dissemos, Piso se filia à tradição médica clássica, e reitera sua posição várias vezes na composição de seu texto. Por outro lado, em sua prática, muitas vezes aparecem comportamentos mais alinhados aos ditos “modernos”, sobretudo a adoção do pressuposto experimental, a partir do qual Piso comprovou a eficiência de determinados tratamentos, por exemplo. As anotações sobre as plantas e animais nativos, bem como as disseções e vivisseções realizadas por Piso e Marcgrave indicam que eles se preocuparam em realizar uma observação sistemática do que estavam estudando, ou seja, buscaram um estudo prático, que superasse, de certa forma, a teoria dos autores antigos. A frase de Sêneca escolhida como epígrafe da obra de Piso parece anunciar a intenção dos naturalistas: “*Dia virá em que o tempo e o zêlo de uma geração vindoura trarão a lume o que agora está oculto.*” Tudo indica que Piso via a si e seus companheiros como parte dessa geração que deveria trazer à luz aquilo que esteve oculto aos autores da Antiguidade.

Dessa forma, Piso passa a ter uma posição parecida com aqueles já citados como “antigos-modernos” ou “modernos-antigos”, ou seja, aqueles que não tomaram uma posição radical nem no sentido de aderir às novas teorias ou à nova ciência, jogando o conhecimento antigo fora, nem no sentido de abraçar-se perpetuamente aos ensinamentos antigos e desconsiderar qualquer novidade. No caso de um viajante pelo Novo Mundo, como Piso, seria praticamente impossível desconsiderar as novidades. No excerto citado anteriormente, notamos como algo novo e sem correspondência na teoria médica clássica os ferimentos de espingarda e os envenenamentos por plantas nativas da América. O próprio Piso nota que a terapêutica hipocrático-galênica não surtiu o resultado esperado e que o conhecimento europeu não fora suficiente, e por isso não se apega apenas às teorias antigas, mas defende que os médicos aprendam “a fruir igualmente do nosso século e da antiguidade, e seguir a via de cura mais isenta de perigos.”²⁶² Note-se também que, mais como os modernos do que como os antigos, Piso coloca-se a ouvir *leigos*, ou seja, pessoas não versadas em medicina, e, mais do que isso: indígenas.

²⁶¹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 76.

²⁶² *Ibidem*, p. 561.

Vemos ainda no excerto citado que está posta a questão da alteridade: o *outro*, indígena, é bárbaro, desconhecedor da “arte hipocrática” e, a princípio, Piso parece expressar um misto de descrédito e surpresa ao ver as curas realizadas por esse *outro*. Entretanto, após ver que a terapêutica aplicada pelos indígenas era, em muitos casos, mais satisfatória em seus resultados, Piso inclina-se mais à curiosidade médica e à necessidade de adaptar-se à nova realidade, que oferecia novas plantas e também novos perigos e doenças, do que às suas desconfianças com relação ao *outro*, e consente, enfim, ser auxiliado por este. Ora, provavelmente ele não estava em posição de negar o auxílio dos indígenas, que, embora já tivessem passado uma parte de seus conhecimentos da flora aos europeus que chegaram anteriormente a Piso, ainda eram os maiores detentores deste saber.

O próprio Piso faz diversas referências a lições que os europeus, tanto portugueses quanto holandeses, já tinham aprendido com os indígenas, e afirma que “na cura dos ferimentos e úlceras muitos lusitanos e brasileiros, pela longa prática se tornaram mais experientes e têm florestas de remédios em qualquer parte, em todo o ano, ao alcance da mão”. Continua relatando que, para curar a gonorreia, por exemplo, “tão salutares remédios (...) encontram os aborígenes, que raramente lhes é necessário recorrer aos estrangeiros, à venda nas boticas.”²⁶³ Márcia Moisés Ribeiro aponta diversos problemas relacionados às boticas, que forçariam o europeu a buscar outras soluções: falta de medicamentos; demora para que chegassem da Europa; deterioração por ficarem muito tempo nos navios ou nas prateleiras; falta de fiscalização; entre outros.²⁶⁴ Dessa forma, muitas vezes, o melhor remédio era adaptar-se aos fármacos oferecidos pela natureza americana e à terapêutica ensinada pelos indígenas.

Havia ainda o problema da falta de médicos, algo que o próprio Piso reitera, afirmando que são “a Índia Ocidental e a Oriental mais providas de medicamentos de toda a espécie e para toda a necessidade de cura do que de médicos teóricos”.²⁶⁵ E mesmo a presença de alguns agentes oficiais de cura não era garantia de um bom desempenho, seja pela dificuldade

²⁶³ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 122 e 120. Apenas a título de mais um exemplo da apreensão de saberes indígenas pelos europeus, na página 451, Piso apresenta duas observações interessantes: ele afirma que os indígenas já haviam ensinado as virtudes do Jaborandi aos “lusitanos e aos nossos compatriotas flamengos”, o que foi de grande valia para a sobrevivência dos recém-chegados; mas também, ao descrever as espécies de “canas da Índia”, encerra dizendo que há outras espécies que não foram abordadas, “porque nem os íncolas nem eu conhecemos as suas virtudes médicas”, algo que pode indicar mais uma vez a dependência, por parte dos europeus, do conhecimento indígena.

²⁶⁴ RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos – a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, p. 24.

²⁶⁵ PISO, Guilherme. *op. cit.*, p. 74.

em aplicar os ensinamentos da medicina europeia no Novo Mundo, seja pela habilidade duvidosa de tais agentes, pois, como observa Ana Carolina de Carvalho Viotti:

Muitos dos esculápios que escolheram o ultramar para exercer a sua profissão tinham pouca habilidade, imigrando apenas em razão do insucesso que obtiveram em curar na metrópole; alguns, fugitivos da Inquisição, com cartas de licença e outra identidade, puderam aqui estabelecer raízes, e houve ainda aqueles que, vindo na colônia apenas um lugar de passagem, pouco se esforçaram para cumprir seus juramentos universitários.²⁶⁶

Neste ponto talvez resida mais um diferencial da experiência de Piso. Além de ter sido um dos poucos médicos formados que atuaram nos primeiros séculos da colonização no Brasil, ele tinha em suas mãos a grande responsabilidade de cuidar da saúde do príncipe de Nassau. Sua diligência em investigar a natureza brasileira a fim de descobrir – ou comprovar – as virtudes terapêuticas da fauna e da flora, assim como suas experiências fora do palácio, seja no tratamento de soldados, seja em expedições pelo interior de Pernambuco ou nas disseções e vivisseções, parecem atestar a seriedade com que Piso tratava o seu trabalho, provavelmente fazendo jus à responsabilidade e à expectativa que recaíam sobre ele.

O médico atesta ter experimentado todas as plantas, animais e terapêuticas que descreveu, a fim de comprovar suas virtudes medicinais, e é comum ele utilizar-se de expressões como “vi”, “observei”, “experimentei”, “comprovei”, “verifiquei”. Podemos observar, também, a confluência entre os conhecimentos teórico e prático mobilizados por ele, como no seguinte excerto:

Sabia de leitura que seu [da *Jalapa*] uso médico era recomendado por Clúsio e outros escritores das coisas exóticas; com o tempo verifiquei ser isto verdade, isto é, que a raiz era empregada como hidragogos; e seus ótimos efeitos me lembro de ter observado nos hidróticos.²⁶⁷

Mesmo a ressignificação dos conhecimentos terapêuticos indígenas seguiu determinados critérios, ainda que nem sempre com fundamentação teórica relacionada à medicina, como no caso do uso dos corais, sobre o que Piso afirma: “eu deixei este remédio,

²⁶⁶ VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As práticas e os saberes médicos no Brasil Colonial (1677-1808)*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 53.

²⁶⁷ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 439.

como selvagem que é, para os bárbaros, e ainda não o apliquei ao uso dos nossos europeus senão preparado devidamente, como o coral dos laboratórios.”²⁶⁸

É interessante notar que os holandeses contavam com estruturas e aparatos tecnológicos: Piso, bem como outras fontes holandesas, menciona a existência de hospitais, nos quais os doentes e sobretudo os soldados eram atendidos por médicos e cirurgiões. Sabemos também que Piso e Marcgrave tinham um jardim botânico à sua disposição, assim como um observatório astronômico construído especialmente para Marcgrave, mas além disso Piso cita a existência de um laboratório, onde os naturalistas realizavam experiências com as plantas e os animais nativos. Piso ainda menciona o uso de um megascópio para a execução de algumas gravuras, como a do mosquito *Nhatiu* e outros insetos, afirmando que seu uso possibilitou uma representação “seis vezes maior do que o animálculo vivo” e sem o qual seria “impossível conhecer-lhe as finíssimas conformações e articulações”.²⁶⁹

Apesar de contarem com aparatos europeus modernos, os *netos de Galeno* falhavam várias vezes no tratamento dos enfermos, como no seguinte caso observado por Piso:

Eu vi serem curadas pelos hábeis empíricos úlceras cancerosas, abandonadas nos hospitais pelos cirurgiões europeus teóricos, com remédios cuja base era o suco de tabaco com cânfora e espírito de vinho.²⁷⁰

Novamente, vemos o conhecimento medicinal indígena se sobressaindo, em uma circunstância da qual os próprios “netos de Galeno” já haviam desistido. Mais do que isso, a cura não foi apenas bem realizada, mas realizada de forma simples. Já abordamos a valorização que Piso confere à simplicidade da terapêutica indígena no capítulo anterior, mas é importante ressaltá-la novamente, uma vez que a simplicidade da cura com ervas e outros vegetais, de fácil acesso, parece ter sido um dos aspectos mais relevantes da experiência de Piso no Novo Mundo.

Enquanto na Europa ocorria o desenvolvimento e a valorização da química e dos medicamentos compostos, muitas vezes com elementos minerais, com destaque para o Mercúrio, não significa pouco que Piso tenha optado pelo reconhecimento da terapêutica indígena, e receitado apenas vegetais simples para todas as doenças que ele descreveu. Tanto

²⁶⁸ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 552.

²⁶⁹ Ibidem, p. 559. A referência direta ao laboratório encontra-se na página 369. As referências sobre o atendimento em hospitais encontram-se nas páginas 123, 274.

²⁷⁰ Ibid., p. 123.

é que, após criticar a medicina moderna por ter o interesse financeiro aparentemente se sobreposto ao interesse de cura, o médico se autocensura, dizendo: “Mas já me calo, com receio de passar, no juízo dos menos entendidos, na conta de herege ou paradoxal em Medicina”²⁷¹, o que indica que Piso provavelmente tinha consciência de que estava tomando parte em um assunto polêmico.

De qualquer forma, o médico é contundente em afirmar que “quase tudo se resolve aqui, em Medicina, com auxílio de meros vegetais”.²⁷² Piso louva a diversidade e salubridade da flora americana, por oferecer tantos e tão bons remédios. Mas há duas plantas que se destacam em sua utilidade: o tabaco e a ipecacuanha. Piso apresenta as múltiplas formas de utiliza-las nas curas e descreve extensamente suas virtudes, temendo inclusive exceder “os limites de meu propósito”²⁷³ e parecer ridiculamente exagerado a algum contemporâneo, que “diga da minha *Ipecacuanha* o mesmo que, no tempo de Catão, se disse da excessivamente elogiada couve: ‘A divina couve de Catão’.”²⁷⁴ Ao que tudo indica, Piso não ficou lembrado como um excessivo admirador da ipecacuanha, mas sim, segundo afirma Charles Boxer, como o responsável “entre outras coisas, [pel]o primeiro conhecimento da ação da ipecacuanha, na cura da disenteria”²⁷⁵. Mais do que isso, seria injusto considerar exagerada a estima de Piso pela ipecacuanha, pois, para Márcia Moisés Ribeiro, ela foi “uma das maiores contribuições da farmacopeia do Novo Mundo à Europa”, chegando até mesmo a quase entrar em extinção, dada sua busca pelos europeus.²⁷⁶

Henrique Carneiro, discutindo sobre “a valorização da arte médica dos indígenas”, afirma que “as virtudes superiores da terapêutica indígena, que se impunham mesmo a médicos como Piso, tornou-se um dos principais aspectos da cultura nativa a se impor sobre os europeus”. Contudo, nem sempre essa influência foi reconhecida como o foi por Piso. Ainda segundo Carneiro, a valorização da medicina indígena por parte de Piso fez com que sua obra não tivesse muita repercussão entre os portugueses, e aponta que os médicos lusitanos, contemporâneos a Piso, João Ferreira da Rosa e Simão Pinheiro Morão, afirmavam que a medicina não devia ser “empírica”, mas “racional”. Já no século XIX, não obstante o

²⁷¹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 79.

²⁷² *Ibidem*, p.82.

²⁷³ *Ibid.*, p. 123.

²⁷⁴ *Ibid.*, p. 82.

²⁷⁵ BOXER, Charles. *Os holandeses no Brasil – 1624-1654*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1961, p. 213.

²⁷⁶ RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos – a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, p. 53.

trabalho de Piso e Marcgrave fosse reconhecido, a contribuição indígena destacada em suas obras foi relegada nem mesmo a um segundo plano, mas a um inexistente plano, pois, como prossegue afirmando Henrique Carneiro:

Segundo Martius, “o mérito no descobrimento e na utilização das plantas curativas coube em maior grau aos paulistas, tanto quanto o descobrimento das minas de ouro”, desconsiderando até que ponto não teriam os paulistas aprendido dos indígenas.²⁷⁷

Na historiografia, foi sobretudo com *Caminhos e Fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda, que o foco no aprendizado com os indígenas foi retomado, e, entre os estudos mais recentes, há que se destacar o trabalho de Vera Regina Beltrão Marques que, indo além da medicina acadêmica, recupera as contribuições da medicina popular para entender a quem os pobres, indígenas e escravos recorriam, e quem eram as pessoas que praticavam essa medicina não-oficial. Analisando a forma como se desenvolveu o conhecimento das plantas para a fabricação de medicamentos no Brasil, a autora aponta que “os remédios teriam sido, em última instância, resultantes da aproximação das culturas presentes no Brasil.”²⁷⁸

Como observa Henrique Carneiro, Sérgio Buarque de Holanda demonstrou que:

A origem desse conhecimento que se tornou apanágio das técnicas de sobrevivência dos bandeirantes e sertanejos foi o resultado da observação e assimilação a elementos da cultura indígena por parte dos brancos e mestiços, sendo, portanto, muito mais “remédios de índios” do que de paulistas.²⁷⁹

Na verdade, muito antes dos bandeirantes, sertanejos e paulistas, outros se apropriaram do conhecimento farmacológico e terapêutico indígena, atribuindo-lhes os créditos por isso, como Piso, ou não. É possível especular também que as trocas tenham sido mútuas, ainda que desproporcionais, uma vez que a expansão europeia iniciada no século XV propiciou interações inéditas na história global. No que diz respeito à influência indígena sobre a medicina europeia, acreditamos que, muito além de ter oferecido novas possibilidades de remédios, utilizados quase à exaustão, como a ipecacuanha, ela também ajudou a promover entre os europeus, ainda que indiretamente, formas novas de observar e apreender o mundo,

²⁷⁷ CARNEIRO, Henrique. “O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus.” *Fronteiras* (Dourados), Mato Grosso do Sul, v. 13, n. 23, p. 13-32, jan-jun 2011. pp. 23-24, 27.

²⁷⁸ MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Natureza em boiões: medicina e boticários no Brasil setecentista*. Campinas, SP: UNICAMP, 1999; MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Do espetáculo da natureza e natureza do espetáculo: boticários no Brasil setecentista*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, SP: Campinas, 1998, p. 3.

²⁷⁹ CARNEIRO, Henrique. *op. cit.*, p. 28.

pois, confrontados com um mundo de perigos e benesses desconhecidos, os europeus precisaram enfrentar também suas próprias opiniões previamente formadas e as dúvidas decorrentes da experiência.

3.2 – Perigos reais e práticas mágicas: as superstições do Novo e do Velho Mundo

A valorização da terapêutica e da farmácia indígenas por Guilherme Piso, bem como suas críticas a determinados aspectos da prática médica e da farmacologia europeias, não devem ser entendidas, entretanto, como uma negação da autoridade da medicina oficial, mas sim como uma tentativa de contribuir para seu aperfeiçoamento. A simplicidade das curas aprendidas com os indígenas e a facilidade em obter os elementos necessários à composição dos medicamentos descritos por Piso, que poderiam ser encontrados na floresta ou nos quintais, parecem ter preocupado o médico quanto aos perigos e males que a ministração indiscriminada dos medicamentos por leigos poderia causar, mesmo que esses medicamentos fossem simples e à base de plantas. Ao descrever o uso purgativo da casca da raiz do *Iltó*, Piso pontua:

Sua eficácia indômita para transformar e purgar o corpo foi tão profundamente depositada pela natureza, para não ser impunemente manipulada pelo vulgo ignorante. Assim, não sei se já assisti a mais calamidades em virtude de seu abuso, ou a êxitos esperados de seu uso oportuno. Nem se deve admirar que, ao querer penetrar no santuário da medicina, uma pessoa ignorante, nada sabendo da natureza do remédio agente nem do sujeito paciente, lhe dê veneno em lugar de medicamento.²⁸⁰

Piso não foi o único médico a preocupar-se com esta questão. Segundo Ana Carolina de Carvalho Viotti, o médico português Simão Pinheiro Mourão (1618-1685), que residiu em Recife, foi uma das principais vozes a se levantar contra os chamados “empíricos”, homens e mulheres sem formação em Medicina e que, baseados em conhecimentos populares sobre as ervas e até mesmo conhecimentos médicos amplamente divulgados, como as sangrias, atendiam aos doentes que não podiam ter acesso a médicos formados ou mesmo a cirurgões.

Mourão denunciava, em sua obra intitulada “Queixas repetidas em ecos dos Arrecifes de Pernambuco contra os abusos médicos que nas suas capitânicas se observam tanto em dano das vidas de seus habitantes”, os riscos aos quais os empíricos ou curandeiros submetiam os

²⁸⁰ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 365.

doentes, e defendia uma formação ampla e intensa para quem quisesse professar a arte médica, inclusive com conhecimento de latim e filosofia. Viotti destaca que, na visão de Mourão, “apenas aquele que se dedicasse a todas as ciências poderia conhecer o homem (...) de forma tão profunda, como deve ser próprio da especialidade médica”. Na prática, a principal diferença residiria no fato de que os médicos buscavam entender o “como” das doenças, a forma como elas eram contraídas, se desenvolviam e poderiam ser tratadas, enquanto os empíricos ou curandeiros focavam no “porque”, quase sempre assentado em algo sobrenatural.²⁸¹

A “superstição” dos leigos, fossem eles indígenas ou europeus, também foi censurada por Piso, que escreve:

Não posso deixar de ajuntar a estas cousas os prestígios com que os verbipotentes feiticeiros (também tidos em estima de médicos) e outros adivinhos se impõem ao povo, com embustes, e persuadem aos infelizes que dos seus corpos expellem animais, pedras e outras cousas, que vomitam na presença daqueles.²⁸²

Ao apropriar-se do conhecimento sobre as plantas e seus usos na medicina, Piso analisa aquilo que lhe parece supersticioso através da experimentação: ao tratar da *Taióba*, ele menciona que “o vulgo supersticioso julga que podem fazer-se filtros e outras ridicularias” de suas folhas, mas prossegue afirmando as virtudes das suas raízes contra as doenças cutâneas e articulares, devidamente comprovadas pelo “testemunho da experiência”. O mesmo ocorre ao descrever o uso do *Iaçapé* no tratamento de envenenamentos: ele menciona o uso dessa planta “para ligar os ferimentos dos membros e constringir as picadas das serpentes, para que o veneno não suba ao coração, até que a ferida sare”, entretanto prossegue com a seguinte observação: “deixando de parte este modo de cura, no qual parece haver algo de supersticioso, eu recomendo as propriedades que comprovei e existem nas suas raízes juncáceas e cheias de agradável suco.”²⁸³

Entretanto, não eram apenas os indígenas que acreditavam em superstições, curas mágicas e coisas pouco comprovadas. Piso narra com certa indignação o fato de que, mesmo

²⁸¹ Cf. VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As práticas e os saberes médicos no Brasil Colonial (1677-1808)*. São Paulo: Alameda, 2017, pp. 30-35.

²⁸² PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 54.

²⁸³ *Ibidem*, p. 495, 497.

tendo ao alcance das mãos “plantas eficacíssimas” para salvar os doentes, tanto indígenas quanto europeus recorriam a crenças duvidosas:

Mas os míseros e supersticiosos mortais, não contentes com estes gêneros de remédios abraçam coisas fúteis e ilícitas, como fascinações, encantamentos, filtros e sortilégios. O que em parte deve perdoar-se a esta gente profana, visto que não têm letras nenhuma, nem culto de Deus; porém, mais do que se poderia crer, entregam-se a augúrios mágicos e infernais. O que é de admirar é encontrar até entre os cristãos pessoas que esta insana e ridícula credence envolve. Sem dúvida, é vergonhoso dizer com que indignação ouvi homens cordatos gloriarem-se de curar, não sei com que prestígios, as doenças internas e externas dos seus escravos e animais, e acusarem não pouco a minha incredulidade.²⁸⁴

Em seguida, Piso explica que sua incredulidade não se direcionava às causas ocultas que poderiam gerar uma cura fora da expectativa médica, mas sim aos impostores, que se aproveitavam da crença do “vulgo ignorante” para alçar fama e até mesmo obter dinheiro. Ele reitera a ideia de Galeno, segundo o qual “sara a muitos aquele em quem muitos confiam”, entretanto, esta também é a primeira vez que ele cita diretamente Paracelso, para demonstrar que o problema não era a cura inesperada, mas a forma como essa cura era obtida:

Ora, ninguém é tão insensato que não confesse que muitos, contra a expectativa do médico, são restituídos à saúde sem o auxílio da ciência, sem causa manifesta ou só por benefício da natureza e força da imaginação. Seria até insânia atribuir tudo às qualidades manifestas e por de lado as propriedades ocultas. Mas isto nada tem que ver com os embustes ou patrocínio dos impostores. As palavras e caracteres são os remédios dos demônios; e os xaropes e decocções, os dos homens, diz Paracelso.²⁸⁵

Na verdade, aqui, aparentemente Piso se deparou com um questionamento que ainda hoje continua vivo nas ciências humanas, sobretudo na história e antropologia: como explicar os fenômenos de “curas mágicas”? Henrique Carneiro, em *Amores e sonhos da flora*, apresenta duas interpretações opostas sobre esse tema: a visão de Marc Bloch sobre o poder taumátúrgico e a ideia de “erro coletivo”, segundo o qual todos foram levados a acreditar em resultados que efetivamente não existiram, e a interpretação de Lévi-Strauss, segundo a qual a eficácia da prática mágica “é a crença nela, que precisa ser compartilhada em três níveis, o do

²⁸⁴ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 568.

²⁸⁵ *Ibidem*, p.568.

feiticeiro, o do doente e o da comunidade, que oferece o campo de força onde o fenômeno ocorre”.²⁸⁶

Analisando o trecho citado acima, a visão de Piso sobre as curas inexplicáveis parece se enquadrar melhor na segunda interpretação, mas a questão levantada por ele, mais do que uma discussão sobre as crenças e sua eficácia, tratava de uma reflexão sobre quais caminhos os médicos deveriam seguir para buscar a cura de um doente. E as superstições, embora pudessem ter algum efeito, ainda que apenas pela força da imaginação, não eram da alçada médica e deveriam ser evitadas e questionadas a partir da experiência.

Entretanto, Piso sublinha que não rejeita de todo aquelas coisas que ele não consegue explicar. Este talvez seja o ponto principal: em um momento de difusão de novas teorias e/ou reinterpretações de teorias antigas, bem como de diversas descobertas, era ainda mais comum a existência de dúvidas e de dificuldades para assimilar as diversas hipóteses sobre a realidade. Daí também a miscelânea de teorias e métodos diferentes mobilizados por Piso e diversos outros médicos e naturalistas de seu tempo.

Allen Debus sublinha que, entre os séculos XV e XVII, era raro encontrar “*un individuo cuya metodología científica pudiese parecer del todo aceptable a un científico moderno*”. Segundo o autor, tal metodologia incluía tanto a magia, a alquimia e a astronomia, quanto abstrações matemáticas, observação e experimentalismo. Assim sendo, Debus aconselha que o historiador interessado na constituição do conhecimento neste período não intente “*separar lo ‘místico’ de lo ‘científico’ cuando ambos estén presentes en la obra de un autor*”, pois isso seria “*deformar el ambiente intelectual de ese período*”.²⁸⁷

Com efeito, a metodologia descrita por Debus parece resumir muito bem a metodologia utilizada por Guilherme Piso. Podemos notar que sua censura aos europeus e indígenas que recorriam a rituais mágicos ou crenças pouco comprovadas, bem como sua incredulidade perante relatos de curas milagrosas – os quais, segundo ele, logo foram desmentidos –, não significam uma exclusão total do misticismo da prática médica. Retomemos a menção que Piso faz a uma das figuras que mais influenciaram a medicina e a ciência renascentistas: “As palavras e caracteres são os remédios dos demônios; e os xaropes e decocções, os dos homens, diz Paracelso.” Trata-se de um pensamento bastante “moderno”,

²⁸⁶ CARNEIRO, Henrique. *Amores e sonhos da flora: afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia*. São Paulo: Xamã, 2002, p. 63.

²⁸⁷ DEBUS, Allen G. *El hombre y la naturaleza en el renacimiento*. México, D.F. : Breviários Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 16-17, 35.

que deixa transparecer a visão de Paracelso sobre a importância da alquimia na medicina: o médico que cura preparando medicamentos com ervas através de procedimentos como decocção e destilação remete à ideia do médico como mago e isso de forma alguma representava algo negativo ou demoníaco, na visão de Paracelso.

Ao contrário daqueles que se utilizavam dos “remédios dos demônios”, o médico-mago de Paracelso buscava o conhecimento e a verdade no “livro da criação divina”, a natureza. Assim, para Paracelso e outros nomes como Agripa, Ficino e Giambattista della Porta, a magia natural era a busca da sabedoria através da observação e da investigação de todo o curso da natureza, uma busca que tinha também um caráter religioso, pois o conhecimento da natureza conduziria a um conhecimento maior do Criador. Como observou Eugenio Garin, a doutrina de Paracelso era muito pouco convencional, uma mistura de magia, misticismo e alquimia, mas “muito bela, porque representa um esforço muito sincero para ver o mundo em Deus, e Deus no mundo, e o homem participante de ambos e que a ambos ‘compreende’.”²⁸⁸

A referência às propriedades ocultas e às propriedades manifestas situa Piso, mais uma vez, em um debate contemporâneo, também relacionado à ideia de magia natural. Cornélio Agripa foi o principal difusor da consideração de que os elementos teriam qualidades manifestas, naturais ou artificiais, não-mágicas, e qualidades ocultas, estas sim, mágicas. Com base nesta doutrina, o médico francês Jean Fernel publicou *De abditis rerum causis* (1548). Fernel foi o grande responsável por inserir a teoria das causas ocultas na prática médica e afirmava que a única diferença entre as qualidades ocultas e as qualidades manifestas era uma questão de hábito: as qualidades manifestas pareciam mais óbvias, em uma primeira observação, porque as pessoas já estavam acostumadas a identificá-las.²⁸⁹

Segundo Brian Copenhaver, ao longo do século XVII, a teoria de Fernel e de Agripa foi sendo desacreditada em favor da filosofia mecânica e suas partículas microscópicas, então passíveis de serem observadas pelas novas ferramentas oferecidas por aquele século. Entretanto, suas ideias ainda exerciam alguma influência, mesmo em pensadores da filosofia mecânica, como Newton.²⁹⁰ Tal influência também pode ser observada na reflexão de Piso

²⁸⁸ Cf. DEBUS, A. G. *El hombre y la naturaleza en el renacimiento*. México, D.F. : Breviários Fondo de Cultura Económica, 1996, 38-55; GARIN, Eugenio (org.) *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p. 141. Neste trecho, Garin remete à análise de Alexandre Koyré sobre a teoria paracelsiana.

²⁸⁹ COPENHAVER, Brian P. “Magic” IN: THE CAMBRIDGE History of Science. Cambridge: Cambridge University Press, 2003-2009, v. 3, pp. 524-535.

²⁹⁰ Idem.

citada anteriormente e na seguinte, na qual vemos sua inquietação quanto à ausência de respostas satisfatórias a algumas das perguntas colocadas a uma ciência ainda engatinhando:

Embora deva ser culpado aquele fútil mau hábito de credices, que nas Índias costuma apossar-se muito dos mortais, no concernente aos febrífugos supersticiosos, amuletos simpáticos e quejandos, contudo, mesmo constrangidos somos obrigados a confessar haver tal força em certas coisas que resistem ao paroxismo febril sem fazer mal, e à corrupção. Não será fácil explicar como a argila corrige o azedume da cerveja; como o suco dos limões resiste, num muito espaço tacho, à fortíssima ebulição do açúcar; como o espírito do vitríolo misturado com sal de tártaro perde a acidez; e muitas outras coisas, que por amor à brevidade omito. Entrementes convido, se aos deuses agrada, a que me expliquem estes e outros arcanos da natureza, mencionados acima, os engenhosos e mui atentos investigadores de cousas abstrusas, os quais reputam as propriedades ocultas como asilo perpétuo da ignorância e atribuem toda causa às propriedades manifestas.²⁹¹

Esses elementos mais duradouros, por assim dizer, da teoria da magia natural não são mobilizados apenas nas reflexões feitas por Piso, mas também relacionam-se, de alguma forma, com alguns medicamentos indicados pelo médico, tais como: emplastro de “gordura de cobras misturada no espírito de vinho misturado com pimenta brasileira”, para estupor dos membros; ninho de vespa, em vinho ou aplicado sobre o ventre, para problemas nesta região; chifre da *Anhuma* e pedra bezoar, como antídotos e/ou panaceias; banhos com raízes da *Aninga* cozida em urina humana, para dores musculares; “saliva de um homem em jejum”, compondo antídotos; raspas de chifre de boi, dadas a beber para vítimas de envenenamento; “um pintainho vivo”, a ser aplicado na mordedura de uma serpente; “pastilha de víbora”, feita da carne de serpente e utilizada como antídoto; formigas, para distúrbios dos rins; sapo *Cururú* retalhado, sobre o qual deve ser deitado o envenenado por este animal, a fim de estancar os ferimentos; “tufo bovino”, contra os fluxos sanguíneos do ventre.²⁹²

Embora algumas dessas citações apareçam nos demais capítulos da obra de Piso e se refiram a doenças diversas, a maior parte delas se concentra em seu quinto e último capítulo, no qual ele trata “Dos vegetais e animais prejudiciais e venenosos, e de seus antídotos, ao que se ajuntam algumas metamorfoses de insetos, bem como vivisseções de alguns animais”.

²⁹¹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 83.

²⁹² PISO, Guilherme. *op. cit.*, respectivamente: p. 95; 107 e 597; 214; 230 e 245; 463; 573; 575; 580; 583; 606; 619; 674 e 675.

Este capítulo, devido a seu conteúdo eclético, destoa dos demais, apresentando o que poderíamos considerar como uma abordagem mais “moderna”: além de incluir práticas experimentais importantes na concepção da ciência moderna, como dissecações e vivisseccões, este é o capítulo no qual Piso mais recorre a autores modernos, inclusive Paracelso, que não aparece nos capítulos anteriores. Além, é claro, de tratar sobre temas um tanto controversos à época, como a questão dos envenenamentos e seus antídotos, central neste capítulo, e arriscar-se na discussão sobre a geração e a metamorfose de alguns animais.

Toda esta singularidade do quinto capítulo parece explicar o porquê dele ser precedido pela já citada carta de Guilherme Piso a D. João Antonides van der Linder, “doutor e professor de medicina prática ordinária na Academia de Leida”. Nela, que faz as vezes de uma segunda carta ao leitor, há um breve resumo do que será apresentado no quinto capítulo, e o conteúdo que precede essa apresentação parece nos mostrar que, ao revisar as informações e observações contidas no seu último capítulo, o próprio Piso percebeu sua abordagem bem mais “moderna”, quase em contraste com o primeiro capítulo, no qual, para apresentar brevemente diversas informações básicas sobre o Novo Mundo, Piso toma como ponto de partida os ensinamentos de Hipócrates.²⁹³

Como que em uma justificativa e, ao mesmo tempo, uma salvaguarda, Piso longamente direciona-se aos “homens novos e pouco exercitados em explorar os arcanos da Natureza”:

Desejaria exortar estas pessoas a que apliquem um juízo reto e circunspecto para o melhor conhecimento destas coisas, com o que não só se previnam contra as superstições demasiado crédulas dos índios e contra as suas crendices, piores que as de velhas, mas sobretudo contra as falácias feiticeiras dos próprios sentidos, pelas quais é facilmente enganado quem julgue poder, por um dois relances de vista, pelo gosto, pelo olfato chegar ao conhecimento dos corpos sublunares e das suas propriedades (...) Para que evitem com mais certeza e segurança estes falsos caminhos, é preciso avisá-los além disso (o que não sei se pela iniquidade dos tempos ou pela preguiça das inteligências ou pela excessiva confiança em si mesmo, saiu completamente de uso) que nossas descobertas, quaisquer que sejam, devem ser exatamente verificadas e diligentemente conferidas com as opiniões dos antigos e mais dignos de fé, sobretudo de Hipócrates, o

²⁹³ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 556.

mais fiel intérprete da Natureza e da Medicina – opiniões verdadeiramente admiráveis para qualquer conhecedor da natureza.²⁹⁴

Reiterando sua posição “neutra”, tanto atenta às novidades quanto atenta aos autores mais confiáveis, sobretudo os da Antiguidade, Piso critica os “parafísicos modernos”, como “sabichões” e “escravos do lucro”, e afirma que seria de melhor proveito aos doentes se os modernos, ao invés de esbravejarem contra os “conselhos da sabedoria antiga”, e os demais, em vez de tomarem algum partido, aprendessem “a fruir igualmente dos bens do nosso século e da antiguidade, e seguir a via de cura mais isenta de perigos.”²⁹⁵ Com tal observação, Piso encerra esta espécie de carta de apresentação do capítulo subsequente, que é, entre todos, seu capítulo mais peculiar, não apenas pelas já citadas características modernas que ele assume, mas também porque os conteúdos tratados neste capítulo são os que melhor revelam as tensões envolvidas na produção do conhecimento no Brasil holandês.

O tema dos envenenamentos, como já dissemos, foi muito caro a Piso, talvez por ser o perigo que mais causava danos aos europeus recém-chegados e o mais difícil de ser identificado, pois dependia de um conhecimento prévio. O médico inicia seu quinto capítulo afirmando que, embora haja grande quantidade de animais, vegetais e minerais venenosos, não era o propósito primeiro da Natureza que os criou que eles causassem dano, pois “o que para muitos é alimento, para outros é veneno.” Entre os diversos exemplos que Piso oferece para ilustrar a ambiguidade alimento/veneno, a principal certamente é a já citada “raiz da *Mandihoca*, que tem muito veneno, [e da qual] obtem-se ótimo alimento e também um contraveneno”.²⁹⁶

Se na visão de Piso tal ambiguidade denota a benignidade da Natureza, criadora primordialmente de alimentos, os quais, quase por acidente, se tornam venenos para outras espécies, por outro lado podemos pensar que é justamente esta ambiguidade o maior perigo. Sendo a observação do comportamento animal uma das formas mais básicas de aprendizado sobre a natureza, basear-se apenas nisto poderia oferecer riscos aos homens que consumissem o *heléboro*, por exemplo, que é um veneno para o corpo humano, mas um alimento para “a cabra, o estorninho e a codorniz”.²⁹⁷ Além disso, Piso relata diversas vezes que os recém-chegados, desconhecendo as propriedades dos vegetais e animais do Novo Mundo,

²⁹⁴ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 558.

²⁹⁵ Ibidem, p. 561.

²⁹⁶ Ibid., p. 562-563.

²⁹⁷ Ibid. p. 562.

envenenaram-se ao consumirem sobretudo plantas com aparência salutar ou mesmo semelhante às europeias, e que, entretanto, eram venenosas.²⁹⁸

Por outro lado, o médico menciona o consumo de animais peçonhentos, que, preparados de determinado modo, já não apresentavam mais risco à saúde. Dessa forma, a necessidade de conhecer a natureza do Novo Mundo, bem como os saberes e modos de fazer indígenas, é imperativa, e tão importante quanto descobrir as plantas e animais que podem oferecer alimentos era delimitar quais são aqueles que, apesar de muitas vezes parecerem alimentos, são na verdade venenosos ou prejudiciais à saúde.

De uma forma geral, contra envenenamentos, Piso indica tanto remédios internos quanto externos. Para envenenamentos causados pela ingestão de plantas venenosas, os remédios são sempre internos: os antídotos vegetais mais comuns são a *Ipecacuanha* e o *Laborandi*, mas também está presente a ideia de que as plantas podiam passar de veneno a remédio ou até a alimento, e vice-versa, pela quantidade utilizada ou pela forma de preparo – o que, em parte, justifica a preocupação de Piso com a ministração indiscriminada de medicamentos por leigos. Independente da origem, se animal ou vegetal, para todo envenenamento causado por ingestão, o médico sublinha a necessidade de, antes de qualquer coisa, “eliminá-los [os venenos] sobretudo por meio do vômito e dos clísteres.”²⁹⁹

Para envenenamentos causados por picadas ou mordidas de animais, há indicação de remédios internos e externos, que muitas vezes se complementam no tratamento do envenenado. Como remédios externos, Piso prescreve normalmente a aplicação da gordura, fígado ou fel, ou das cinzas do animal causador no ferimento, variando o uso de acordo com o animal (para alguns ele indica a gordura, para outros as cinzas, de acordo com as qualidades inatas). Entre os internos, além das já citadas raízes da *Ipecacuanha* e do *Laborandi*, outros vegetais e os sucos deles derivados, como a *Tipiôca*, são prescritos, mas também animais: sobretudo contra mordeduras de serpente, Piso indica a própria carne do animal, preparada como alimento, como é o caso dos feridos pela *Iararaepéba*:

A própria fera, depois de ter causado o ferimento, privada da pele, cauda, cabeça e entranhas, e cozida em água da raiz *Iuripéba* com sal,

²⁹⁸ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 635.

²⁹⁹ *Ibidem*, p. 616.

óleo, porro, a semente *Imbira* e a raiz *Iaborandi*, é comida pelos feridos e lhes serve de grande auxílio.³⁰⁰

É preciso destacar que nem todos os ferimentos causados por serpentes e outros animais descritos por Piso causam envenenamentos. Alguns deles apenas são prejudiciais pelas dores e a dificuldade na cura, embora dependendo das circunstâncias também possam levar à morte. Os casos mais graves, entretanto, são os envenenamentos, pois exigem uma ação rápida para que sua letalidade seja reversível. Piso descreve 17 animais cuja mordida libera venenos e, entre os tratamentos prescritos para cada um, 7 dos casos apresentam elementos místicos – sendo a maioria referente ao envenenamento por serpentes.

Vera Regina Beltrão Marques sublinha que é ao tratar dos venenos e suas curas que Piso “mostra a dualidade das práticas que constituíam não somente o saber nativo, como também o saber europeu daqueles tempos”: ao mesmo tempo em que apontava as superstições prejudiciais presentes no saber médico europeu, Piso destacava, entre as práticas mágicas indígenas, aquelas que “considerava dignas de ‘menção’, ou seja, as que caberiam na racionalidade científica da época”.³⁰¹ Dessa forma, é interessante notar que algumas das “superstições” presentes nas práticas do próprio Piso, já citadas anteriormente, eram compartilhadas tanto pelos os “doutos europeus” quanto pelos “experimentados indígenas”.

A utilização de urina humana e da “saliva de um homem em jejum” na composição de remédios, internos ou externos, é um exemplo disso. Nas citações de Piso, elas aparecem como indicações provenientes dos indígenas, mas, segundo Henrique Carneiro, era comum a utilização de “fluidos humanos, como a urina e a saliva, além dos excrementos e dos extratos de corpos putrefatos” na composição de remédios na Europa moderna – prática que foi trazida e aplicada de forma até mais intensa na colônia. Na verdade, trata-se de uma tradição antiga de valorização dos excrementos humanos na promoção da saúde e da vida – partindo do paralelo com o esterco, que regenerava a terra – já encontrada nos escritos de Hipócrates, e que prosseguiu até o século XIX, mantendo-se viva durante o “Século das Luzes”. Segundo Carneiro, Galeno foi “o único autor antigo que se opunha” ao uso de excrementos, sangue ou

³⁰⁰ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 582.

³⁰¹ MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Do espetáculo da natureza e natureza do espetáculo*: boticários no Brasil setecentista. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, SP: Campinas, 1998, p. 40-41.

“produtos da decomposição carnal, como a múmia e o pó de osso” no tratamento dos doentes. De fato, Piso só menciona Galeno ao indicar a “saliva de um homem em jejum”.³⁰²

Note-se ainda que, apesar de a urina humana ser indicada a partir da terapêutica indígena, ela é indicada como remédio externo, para a realização de banhos, e não como remédio interno, que deveria ser consumido. Márcia Moisés Ribeiro aponta que a medicina excretícia europeia não era partilhada pelos indígenas, que consideravam os excrementos do corpo humano como substâncias impuras. Por outro lado, Ribeiro sugere que as semelhanças entre as plantas, drogas e terapêuticas indígenas e europeias facilitaram o processo de “apropriação de crenças e hábitos do gentio pelos adventícios”. Por exemplo, ao que tudo indica, a utilização da anhumã, ou melhor, de seu “corno”, como contraveneno se deve à associação que os europeus fizeram entre essa ave brasileira e o unicórnio (rinoceronte), cujas raspas dos chifres também eram utilizadas como antídoto.³⁰³

Vimos nas referências acima que as raspas de chifre de boi igualmente foram utilizadas no tratamento de envenenados. O “tufo bovino”, descrito por Piso como uma compacta bola de pelos encontrada no estômago de bois e jumentos e aplicado como medicamento pelos indígenas tanto interna quanto externamente, assemelha-se a outro remédio bastante utilizado na farmácia europeia: a pedra bezoar, que ainda remete, de alguma forma, à medicina dos excrementos, uma vez que era composta por pelos, pequenas pedras, enfim, tudo aquilo que o animal ingeria, não conseguia expelir e acabava se alojando em seu estômago. A principal diferença entre o tufo bovino e a pedra bezoar talvez seja sua utilização: enquanto aquele era direcionado aos males do ventre, esta tinha grande qualidade antidotal. Piso cita “a pedra bezoartica ocidental”, proveniente do estômago do *Caguaçu-eté* (veado) americano, e algo semelhante a isso extraído do estômago do iguana.³⁰⁴

A observação de Allen Debus, de que o “místico” e o “científico” conviviam bem na metodologia dos letrados deste período, se evidencia mais uma vez nos escritos de Piso, quando, no mesmo capítulo que concentra indicações de remédios aparentemente supersticiosos citados acima, Piso continua demonstrando seu apreço pelos remédios simples,

³⁰² CARNEIRO, Henrique. *Amores e sonhos da flora: afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia*. São Paulo: Xamã, 2002, p. 52-54. PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 573.

³⁰³ RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos – a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, p. 56 e 77.

³⁰⁴ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], pp. 230 e 245.

pois o “medicamento” que ele descreve com mais detalhes em seu quinto capítulo é o limão, sobre o qual ele afirma:

Até alguns peritíssimos medicastros das Índias Orientais e Ocidentais, além das virtudes vulgares dos limões pequenos e grandes, muito celebradas em todo o orbe, às quais também sempre reconhecem por dignas de apreço, acham mais defesa nestas duas partes dos limões contra as doenças malignas, febres pestilentas e os próprios venenos, do que na pedra bezoartica e na fastidiosa composição da triga. (...) Delas são preparadas, pelos habitantes mais industriosos, várias composições, julepos refrescantes, confeições, e até extratos químicos chamados quintessências. Tendo-os eu imitado, neste trato ocidental das Índias, ousou afirmar, sem jactância, que de nenhum outro remédio simples observei tantos efeitos felizes, em toda a prática, como das supradescritas árvores do limão grande e do pequeno.³⁰⁵

Além de todas essas utilidades, que parecem elevar o limão à qualidade de panaceia, Piso também sublinha sua importância no tratamento da *lues escorbútica*, uma vez que seu suco, “guardado em vasos, conserva a maruja, nas travessias demoradas, livre da corrupção dos humores”. Ana Carolina Viotti indica que foi apenas no final do século XVIII que, a partir dos trabalhos do doutor James Lind, “o uso assíduo de cítricos foi legitimado como remédio universal para o mal [escorbútico] e a carência de vitamina C, como sua grande causa”, o que torna a observação de Piso ainda mais interessante, pois demonstra como as frutas cítricas eram utilizadas muito antes de sua legitimação científica, baseado na observação e na experiência.³⁰⁶

Estes exemplos citados acima desvelam as semelhanças entre as terapêuticas indígena e europeia, no quesito mais prático. Quanto à teoria, outro ponto em comum parece ter sido a consideração das influências dos astros na natureza, que, segundo esta concepção, interferiam positiva ou negativamente na saúde das pessoas e dos animais, bem como no curso da vida. Segundo Piso, por conta do giro da lua e do conseqüente acirramento das marés, os doentes relatavam piora em suas dores, entretanto ele afirma “decididamente que a maior parte dos doentes morre na vazante, porque além dos testemunhos de outros, eu mesmo o comprovei amiúde, pela experiência”. Márcia Moisés Ribeiro também sublinhou a interferência da natureza nas ações dos homens, cujas ações cotidianas eram vistas como dependentes “do calendário lunar, da posição dos astros e dos fenômenos climáticos.” Tais conhecimentos

³⁰⁵ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. p. 649.

³⁰⁶ PISO, Guilherme. *op. cit.*, p. 651; VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As práticas e os saberes médicos no Brasil Colonial (1677-1808)*. São Paulo: Alameda, 2017. p. 61.

eram primordiais para os médicos, que deveriam saber o momento exato para “colher uma planta ou sangrar uma pessoa”.³⁰⁷

Esta concepção foi fundamental para que Piso validasse o relato abaixo, que apresenta vários motivos para ser considerado supersticioso, entretanto se enquadra perfeitamente na ideia de influência dos astros sobre a natureza e sua força de impacto na vida humana:

Ouvi a muitos homens experimentadíssimos, de inteira confiança, que os velhos empíricos muito exercitados na prática, prediziam sua própria morte para o espaço de uma hora, proclamando-a depois que as águas tinham retrocedido; ao passarem aquele defluxo, concebiam esperança certa de que haviam de viver até o seguinte refluxo. O que sucedeu tal qual, vindo eles a morrer no tempo anunciado. Estas coisas tanto são dignas de admiração, quanto mui necessárias ao médico, para que não arrisque a saúde alheia e a sua própria honra.³⁰⁸

Ainda que ele reconheça que as forças ocultas da natureza também agem e interagem na matéria médica, Piso, sempre tão interessado na objetividade e na experiência visível, demonstra certa perturbação perante as práticas e curas “mágicas”, mais pela dificuldade em encontrar uma explicação do que por qualquer outro motivo, como podemos inferir do trecho abaixo:

Assim eu, o que à primeira vista me aparecia como mágico e supersticioso, com espanto vi que os habilíssimos medicastro índios e seus imitadores, propinando fel de um animal, prediziam e executavam calamidades e mortes; e propinando o fígado de outro animal, prediziam e davam saúde e vida; e assim um era veneno, outro antídoto. *A razão disto é bastante obscura, e sempre me atormentou; e até agora, não descobri o que me satisfizesse plenamente.*³⁰⁹

Esta última frase talvez ilustre bem as dúvidas e contradições com as quais Piso se deparava e que, apesar de serem traços de sua época, o médico as sentia em nível pessoal e não é coincidência que ele as tenha demonstrado no seu quinto capítulo mais do que nos outros. A disputa entre “antigos” e “modernos”, ressaltamos mais uma vez, aparece antes mesmo que o capítulo se inicie e permeia toda sua sequência; da mesma forma, a questão da alteridade e suas implicações para a apropriação de determinados conhecimentos indígenas,

³⁰⁷ PISO, Guilherme. PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 70; RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos – a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, p. 69.

³⁰⁸ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 71.

³⁰⁹ *Ibidem*, p. 565.

bem como a questão da necessidade de adaptar-se, são retomadas a todo o momento, pois os envenenamentos representavam talvez o maior perigo que o Novo Mundo oferecia aos recém-chegados, um pouco pela abundância de animais venenosos diversos do Velho Mundo, mas sobretudo pelo desconhecimento dos europeus em relação aos venenos. Por isso, mais do que para a obtenção de qualquer outro conhecimento, a interação com os indígenas era primordial para a obtenção do conhecimento sobre os venenos e antídotos americanos, como o próprio Piso demonstra na seguinte passagem, que efetivamente introduz as informações práticas apresentadas no quinto capítulo:

Recebi dos tapuias, oralmente, inúmeras outras coisas portentosas, as quais omito por enquanto, porque algumas delas pareciam de frágil verossimilhança, até que luza a verdade delas pela ulterior investigação e experiência. (...) Por isso foi necessário extorquir muitas coisas, em parte pela própria experiência, e em parte extorqui-las aos bárbaros com dinheiro e rogos; os quais, assim como são misteriosos em declarar os seus venenos e obstinados em não revelar segredos desta espécie, assim são muito prestimosos em informar sobre os antídotos.³¹⁰

Neste trecho, verificamos que a troca de saberes entre Piso e os indígenas não foi algo simples, nem se resumiu a experiências de observação da parte de Piso e de ensino voluntário por parte dos ameríndios, pois o próprio médico admite ter obtido algumas das informações não só por meio de imprecações constantes, mas também de dinheiro. Neste capítulo consta o único relato de Piso que deixa transparecer a forma como estas trocas de saberes, dentro das circunstâncias da colonização, apresentavam tensões aos indígenas, que, ao transmitirem saberes aos europeus, colonizadores, não tinham nenhuma garantia de que estes não seriam usados contra eles em algum momento. Ao discorrer sobre os frutos das venenosas espécies de *Ahoay*, Piso escreve: “os bárbaros recusaram-se sempre a mostrar os frutos de ambas as árvores, com receio de sofrerem depois as consequências”, pois acreditavam que não havia veneno mais forte que o proveniente desta árvore. Não é de se estranhar, portanto, que os indígenas fossem solícitos ao informar sobre os antídotos, mas extremamente fechados quanto aos venenos, como vimos no trecho acima.³¹¹

Provavelmente a passagem que melhor sintetiza a miscelânea de contribuições e tensões que concorreram para a produção do conhecimento entre o Novo e o Velho Mundo, e que, por sua vez, é algo bastante latente neste último capítulo do livro de Piso, é o seguinte:

³¹⁰ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 567.

³¹¹ *Ibidem*, p. 639.

O mais eficaz remédio que os bárbaros têm contra as mordeduras desta ou de qualquer serpente, é a cabeça da própria serpente, esmagada e aplicada quente, em forma de emplastro, sobre a ferida; e põem folhas verdes de tabaco nas partes vizinhas. Segundo a atrocidade da dor, cobrem de terra os membros feridos, com feliz sucesso. A este remédio, ao mesmo tempo, ajuntam em quase toda mordedura, a saliva de um homem em jejum, e por ela continuamente aliviam a parte atacada (Plínio ... Galeno ... Scaliger ... também reconhecem esta virtude à saliva), e estribam-se tanto nestes antídotos que desesperam quando por eles não alcançam a cura desejada. Eu imitei de bom grado estes e semelhantes remédios, que uma longa experiência lhes ditara em face da necessidade, sem omitir os que pela veneranda antiguidade e pelos autores nos foram deixados, para não me apegar muito temerariamente a estes noviços, nem me aferrar com pertinácia aos antigos, a quem foi negado pesquisar o orbe americano e a natureza peculiar dos seus animais.³¹²

Por um lado, podemos observar acima a alteridade que perpassa o convívio e as trocas entre Piso e os indígenas, pois estes são sempre os “bárbaros”, cujos ensinamentos devem ser analisados à luz da sabedoria e da experiência, para serem legitimados, mas, por outro lado, percebemos o contraste desta visão depreciativa dos indígenas com a necessidade de, ao menos, considerar seus testemunhos, uma vez que o “orbe americano”, mesmo no século XVII, ainda não tinha sido pesquisado e conhecido de forma satisfatória e poderia oferecer diversos riscos aos colonizadores recém-chegados.

Vemos ainda as práticas supersticiosas partilhadas entre indígenas e europeus: Piso atesta a eficácia dessas práticas e, ao se referir ao uso de saliva humana em curativos, vai além de sua própria autoridade, evocando os “antigos” Plínio e Galeno, e seu contemporâneo Joseph Scaliger. Igualmente o embate entre “antigos” e “modernos” se reflete neste, por assim dizer, trecho-síntese. É interessante considerar que, ao utilizar-se daqueles elementos “estranhos” para compor medicamentos, Piso estava, na verdade, tendo um comportamento bastante moderno, pois, apesar de provirem de uma tradição antiga na medicina, eles serão de ampla utilização pela medicina oficial do final do século XVII e do século XVIII. Mas para evitar possíveis anacronismos, devemos lembrar mais uma vez o singular contexto no qual Piso está inserido, que colocou em contato e às vezes até em conflito a medicina aprendida por ele nas Universidades europeias e a medicina aprendida cotidianamente por ele em suas práticas e pesquisas realizadas no Brasil, e, retomando as observações de Allen Debus, fez

³¹² PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 573.

com que Piso desenvolvesse um conhecimento científico em seus próprios termos, imbricando magia e observação.

3.3 Alteridade no olhar médico e as mulheres nos escritos de Guilherme Piso

Escrevendo seu texto e contando as experiências e os aprendizados que o Novo Mundo lhe rendeu, Guilherme Piso – ainda que indiretamente – aborda diversos aspectos da sociedade na qual estava inserido. Ao tratar da alimentação, algumas vezes ele aponta as distinções sociais que se revelavam através do consumo de determinados alimentos. Ao discorrer sobre as alternativas à fome, Piso desnuda as dificuldades, decorrentes da guerra, enfrentadas por ele e seus companheiros, mas também pelos indígenas e lusitanos. Suas escolhas, enquanto médico, evidenciavam a urgente necessidade de adaptar-se ao que o Novo Mundo oferecia, no intuito de salvar vidas, reestabelecer ou conservar a saúde. E não só esse mundo novo foi alvo da observação de Piso, mas também os motivos que o trouxeram até ele. A colonização é um dos temas que aparecem em breves reflexões de seu texto e, em uma dupla demonstração de alteridade, ele assim descreve a colonização realizada pelos portugueses:

Outrora, antes de conhecerem os lusitanos, eram numerosos e quase infinitos [os indígenas]; e as aldeias, por toda parte, eram tantas que os mais entendidos exploradores das Índias duvidaram se haveria região no mundo mais povoada que o Brasil. Agora, porém, estão reduzidos a pequeno número, pois, pela crueldade dos lusitanos, uns foram quase totalmente exterminados, outros arrastados à mísera escravidão, outros obrigados a salvar-se fugindo e ocultando-se no interior do continente.³¹³

Entretanto, embora ele lamente a crueldade com que os lusitanos trataram os indígenas, isso parece não invalidar o caráter civilizatório da colonização europeia no Novo Mundo, pois, após discorrer sobre a dificuldade de os indígenas se converterem piamente ao cristianismo, Piso demonstra compreender a colonização como benéfica, no sentido de ter aproximado esses povos “bárbaros” da civilidade:

Mal podem ser inculcados os nossos preceitos, a não ser em idade muito tenra, não estando as almas ainda subjugadas, afastando-se os pais. (...) E ainda que sejam descendentes de raça feroz, entretanto, *pelo mútuo comércio e convivência com os europeus, tão*

³¹³ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 51.

*domesticados e civilizados se acham que, despida a barbárie, alguns competem em polidez com nossos compatriícios.*³¹⁴

Também a escravidão, tanto indígena quanto africana, aparece em alguns momentos do texto de Piso, mas não se trata de um tema que parece ter merecido sua atenção de forma mais detalhada. Ele apenas pontua a existência da escravidão indígena, como no primeiro excerto citado, mas não nos oferece mais detalhes sobre o cotidiano desses escravos. Já com relação aos escravos africanos, há um pouco mais de informações, ainda que breves. Entre elas, menções às torturas aplicadas pelos senhores como punição, mas também a reação dos escravos, seja prejudicando o lucro, seja atentando contra a vida dos senhores.³¹⁵

Com relação à vida cotidiana destes escravos, Piso descreve algumas vezes sua alimentação, e com isso não apenas desnuda as distinções sociais designadas a partir do consumo alimentar, como também as péssimas condições nas quais os escravos eram mantidos. O momento do texto em que Piso mais se detém a esse tema é o que ele descreve o cultivo da cana-de-açúcar e a produção do açúcar nos engenhos. Não por coincidência, parece-nos, já que os escravos africanos eram, nesse momento, empregados sobretudo nos engenhos de açúcar.³¹⁶ Após explicar os procedimentos de moagem e purga da cana, Piso faz a seguinte observação:

Estas borras [os restos] fornecem alimento aos escravos, que, contentes com isso suportam tão ímprobos e intermináveis trabalhos: visto que em todo o semestre estival movem noite e dia, constantemente, as moendas. Fabricam também daí um vinho, misturando água, vulgarmente chamado *Garapa*, procurado avidissimamente pelos habitantes, que se embriagam com ele quando velho.³¹⁷

Ora, o contentamento ao qual Piso se refere provavelmente não é no sentido de satisfação ou agrado, mas de cessação perante uma condição que lhes foi – violentamente – imposta, pois ele próprio descreve o trabalho desgastante e a má alimentação aos quais os

³¹⁴ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 52, grifos nossos.

³¹⁵ Essas referências encontram-se, respectivamente, em PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], páginas: 599, 651 e 563.

³¹⁶ Embora membros da Igreja Reformada não vissem com bons olhos a escravização, logo a noção de que a escravidão, sobretudo africana, era fundamental para os negócios no Brasil prevaleceu. A própria WIC teve um papel importante no comércio negreiro e passou a exercer seu monopólio entre 1630 e 1654, principalmente após a conquista das fortalezas de “São Jorge da Mina (1637) e São Paulo de Luanda (1641), em Angola”. Cf. MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a história do Brasil holandês: a economia açucareira*. Leonardo Dantas Silva (org.) 2ed. Recife: CEPE, 2004, v.1. Estudo Introdutório.

³¹⁷ PISO, Guilherme. *op. cit.* p. 255.

escravos africanos eram expostos. De qualquer forma, Piso não se aprofunda em nenhum desses temas. Tanto os africanos quanto os indígenas aparecem como um “outro” nos escritos de Piso e, ainda que ele se mostre particularmente familiarizado e confortável para aprender com os indígenas, eles continuam sendo, em sua narração, “bárbaros”.

Mas há ainda um terceiro grupo sobre o qual recai a alteridade do médico. Um grupo cuja alteridade não é marcada, essencialmente, pela etnia, origem ou cor da pele, mas pelo gênero: as mulheres. É da visão de Piso sobre as mulheres que trataremos neste item. E antes de tudo é preciso identificar quais são essas mulheres abordadas por Piso: as indígenas, as europeias, suas compatriotas ou as lusitanas, e as africanas, normalmente denominadas por Piso como “etiopisas”. Dentre todas elas, as tidas como mais saudáveis são as indígenas, assim descritas, de forma um tanto exagerada por Piso:

As mulheres, pudicas, não são feias, são extraordinariamente fecundas, desde os oito anos até além dos sessenta; e até já foram vistas setuagenárias amamentando crianças órfãs. Dão à luz com facilidade, sem assistência obstétrica, e mui raramente abortam. A maioria das puérperas levantam-se imediatamente depois do parto e vão lavar o corpo no próximo rio, e diligentemente voltam para os quefazeres domésticos, buscando aqui e acolá o alimento.³¹⁸

Assim como Piso se apropria do conhecimento indígena no tratamento de diversas doenças, o mesmo ocorre com o conhecimento a respeito da saúde das mulheres. Ele inclusive demonstra, diversas vezes, apropriar-se do conhecimento das mulheres indígenas. São elas as que recebem maior destaque, seguidas das europeias, às quais Piso direciona conselhos de como conservar a saúde, mas também algumas censuras, como veremos mais a frente. Por fim, são bem pontuais as menções de Piso às africanas, sempre mencionadas a partir de sua condição como escravas.

De uma forma geral, as referências diretas sobre a saúde da mulher são bastante limitadas. Dentre os cinco capítulos, são os dois primeiros que mencionam mais vezes as mulheres, mas essas referências são exíguas tanto na quantidade quanto no conteúdo: todas elas giram em torno da função social da mulher no período, ou seja, a gravidez, o parto e o cuidado com os filhos. Mesmo quando Piso observa a particular afetação das mulheres com alguma doença específica, sua principal preocupação é com a consequência negativa que tal doença possa ter na fecundidade da mulher. Assim, quando Piso descreve o tenesmo, ele

³¹⁸ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 51.

sublinha que se trata de uma “doença muito comum e com razão temível para as mulheres grávidas, porque mata lastimavelmente o feto e a gestante.”³¹⁹

E também ao discorrer sobre os males causados pela mudança de temperatura no equinócio de outono, que desequilibraria os humores, Piso atesta serem as mulheres recém-chegadas as mais afetadas, pois:

Como o ventre não pode libertar-se do humor redundante, costuma nascer daí a hidropsia, a diarreia branca e perturbações do intestino. Assim, as mulheres, embora fecundas, não concebem e frequentemente abortam, ou, se acaso dão à luz, expulsam o feto com dificuldade, e um feto débil, que morrerá em pouco tempo, ou de certo será enfermo.³²⁰

Abordar o corpo feminino levando em conta apenas sua possível ou real condição de gerar não foi uma escolha exclusiva de Piso. Segundo Ana Paula Vosne Martins, até pelo menos o final do século XVIII e o advento da obstetrícia e da ginecologia, a mulher só chamava a atenção do discurso médico “quando relacionada ao homem e ao exercício da função materna.” A teoria humoral, da qual Piso é tributário, postulava que as mulheres eram seres inferiores, por causa, sobretudo, do útero, que as tornava frias e úmidas, condições pelas quais eram incapazes de exteriorizar os órgãos sexuais, como os homens, reiterando, portanto, a noção de Aristóteles, de que as mulheres seriam “machos imperfeitos”.³²¹

Todas estas questões certamente estavam presentes no arcabouço que Piso tinha disponível ao realizar suas observações e escrever seu texto. E também com relação às mudanças ocasionadas pela *Revolução Científica* nos séculos XVI e XVII, devemos ressaltar a extensa ocorrência de associações de gênero na linguagem científica que ainda estava se formando, como destaca Evelyn Fox Keller. Ao analisar os discursos de Francis Bacon, Keller nos mostra o quanto a dicotomia entre natureza e cultura (ou razão) refletia a dicotomia entre feminino e masculino, sendo a natureza associada ao feminino, e que deveria ser dominada pelo homem, em quem predomina a razão.³²² Dessa forma, apesar de propor mudanças significativas na produção do conhecimento, a *Revolução Científica* manteve a exclusão institucional das mulheres na produção do conhecimento e, ao mesmo tempo, seguiu

³¹⁹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 108.

³²⁰ Ibidem, p.68.

³²¹ MARTINS, Ana Paula V. A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX. Tese (Doutorado em História) - Unicamp, São Paulo: Campinas, 2000, p. 5 e 20.

³²² Cf. KELLER, Evelyn F., *Reflections on gender and Science*. New York, Yale University Press, 1985.

reiterando a inferioridade física e intelectual das mulheres, ideia que aparecia já nos textos de autores clássicos como Aristóteles e Galeno, por exemplo.

O trecho mais longo do qual Piso trata sobre as mulheres diz respeito à afetação delas por uma doença nomeada de forma um tanto genérica, as *obstruções das vísceras naturais*, que podiam surgir de diversas causas:

Como estas obstruções (...) atacam também as mulheres europeias, grávidas ou não, por que se admirar de o útero, destinado à geração, pela intempérie se tornar inapto àquela grande obra da natureza e se fazer receptáculo de muitos excrementos e cruizas, donde lhe sobrevêm vários transtornos, principalmente corrimentos brancos? Enquanto as doentes se esforçam por ocultar isto, por pudor ou desídia, tornam-se pálidas e tristes e desagradáveis aos homens. Com o tempo, o mal conduplica-se e tanto aumenta que deve cogitar-se de remédios que fortaleçam e restituam o tono das vísceras, e ainda de evacuantes. Consegue-se isto parte com banhos artificiais feitos das cheirosas ervas indígenas calefacientes e adstringentes, parte com os precitados desopilantes, ajuntando-se-lhes o xarope de tabaco e mel silvestre, simples ou misturado com aromáticos.³²³

Este excerto apresenta diversos pontos a se destacar. Primeiramente, a ênfase na função de gerar da mulher, refletida na adjetivação das mulheres europeias, às quais Piso se refere como “grávidas ou não”, e no destaque que ele dá à função primordial do útero: “destinado à geração”, esta “grande obra da natureza”. O próprio aspecto doentio das mulheres afetadas por tal enfermidade, que “tornam-se pálidas e tristes”, é atribuído por Piso à inaptidão do útero em cumprir sua função. De fato, podemos perceber aqui uma visão muito comum sobre a saúde da mulher nesse período: a centralidade do útero, tanto na saúde quanto na enfermidade da mulher. Segundo Ana Carolina de Carvalho Viotti, estariam saudáveis as mulheres “cujas regras estivessem sendo empregadas para alimentar seu rebento”, sendo a “ausência” da gravidez atribuída como causa das doenças que acometiam as mulheres.³²⁴ Piso parece seguir essa lógica, ao afirmar que o útero, quando inapto à grande obra da criação, acaba por se tornar “receptáculo de muitos excrementos e cruizas, donde lhe sobrevêm vários transtornos”, como os corrimentos brancos.

Seguida da impossibilidade de gerar, a maior preocupação de Piso com relação à saúde das mulheres parece ser o fato de elas se tornarem “desagradáveis aos homens”, mesmo

³²³ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 99-100

³²⁴ VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As práticas e os saberes médicos no Brasil Colonial (1677 – 1808)*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 84-86.

quando tentam ocultar que estão doentes. Aliás, o fato de o médico observar que algumas doentes ocultam sua condição por pudor nos remete à dificuldade que as mulheres encontravam para cuidar de sua saúde pelos meios “oficiais”, pois havia ainda um tabu com relação ao exame do corpo feminino pelo médico, além de possíveis constrangimentos que isso poderia representar para as mulheres, imersas em discursos bastante limitados sobre sexualidade e honra.³²⁵

Embora Piso atribua também uma segunda causa para que as mulheres não procurassem auxílio médico – a desídia, ou seja, o desleixo – é bem provável que o pudor fosse a principal razão para isso. Tanto é que não se deve presumir que tais mulheres não buscavam cuidados com seu corpo e sua saúde, mas apenas que nem sempre o médico era o protagonista nessa busca, seja pela moralidade da época, seja pela impossibilidade financeira de acessar o tratamento médico, já que médicos e até mesmo cirurgiões e boticários eram raros na colônia, ou ainda seja pela ineficiência dos meios oficiais, uma vez que o desconhecimento em relação ao corpo da mulher era alarmante e talvez a experiência prática, passada entre gerações e gerações de mulheres, se apresentasse como muito mais eficiente.³²⁶ O próprio Piso demonstra ter se apropriado, em alguma medida, desses saberes, pois as indicações feitas por ele no excerto anterior, os banhos com “ervas indígenas”, são totalmente tributárias da terapêutica indígena e, por sua utilização ser direcionada às mulheres, podemos pensar que se trata de algo apropriado particularmente da experiência da mulher indígena.

Outro saber que Piso relata ter observado com as mulheres indígenas está relacionado à gestação e ao parto, que assim ele descreve, aparentemente mais como uma observação de costumes do que de um aprendizado médico:

³²⁵ Ver: ALGRANTI, Leila M. *Honradas e Devotas: Mulheres da Colônia condição feminina nos conventos do Sudeste do Brasil 1750- 1822*, 2ª. Brasília/Rio de Janeiro: Ed. EDunb/ José Olympio, 1998.

³²⁶ Até mesmo a compreensão da anatomia do corpo feminino era confusa, baseada no modelo do sexo único, que estipulava o sexo masculino como padrão, e o feminino como a versão imperfeita dele. Segundo esse modelo, tudo o que havia no corpo masculino havia no feminino, com a diferença de que este, por conter o útero, era frio e úmido demais para exteriorizar seus órgãos reprodutivos. Vistos a partir de analogias, a vagina e até mesmo o clitóris eram considerados um pênis invertido, enquanto os ovários eram os “testículos femininos”. Um exemplo que ilustra muito bem o desconhecimento acerca do funcionamento do corpo feminino era a ideia de que o útero vagava pelo corpo, causando sufocamentos, agitações e doenças, sendo a mais famosa delas a ninfomania ou o “furor uterino”, provavelmente postulada pela primeira vez por Platão em *Timeu*: “O útero é um animal que deseja ardentemente produzir filhos. Quando se conserva durante longo tempo estéril, depois da puberdade, tem dificuldade de sofrer com paciência, irrita-se, percorre todo o corpo, fechando as saídas de ar, paralisando a respiração, lançando o corpo em perigos extremos e ocasionando diversas moléstias, até que o desejo e o amor reunindo o homem e a mulher façam nascer um fruto e o colham como numa árvore.” Cf. MARTINS, Ana Paula V. *A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX*. Tese (Doutorado em História) - Unicamp, São Paulo: Campinas, 2000, pp. 21-23 e 35-36.

As mulheres lactantes e grávidas sempre se abstém do comércio sexual dos homens. Logo que se dequitam, retiram-se para a floresta e cortam com uma concha o umbigo da criança; devoram-no cozido com as secundinas.³²⁷

Em relação ao cuidado com as crianças, Piso relata a facilidade com que as crianças europeias são acometidas por doenças, podendo até chegar à morte, e atribui isso aos maus costumes alimentares dos recém-chegados. Ele ainda afirma que “servem de ótimo exemplo os filhos dos brasileiros” (indígenas) e que “riem-se as mães do inepto cuidado dos nossos no vestir e criar os filhos, com o que, dizem, a transpiração é impedida e se geram muitos catarros”.³²⁸ Em contrapartida aos salutareos cuidados das mães indígenas com seus filhos, Piso apresenta os problemas encontrados pelas mães europeias e seus filhos: “Os meninos, nossos compatriotas, além dos males herdados das progenitoras, facilmente acumulam os novos acima narrados [obstruções das vísceras naturais], por causa da deficiência de educação.” E quanto à recomposição da saúde do infante, Piso recomenda “mais do que tudo se, afastada a mãe, as amas brasileiras e etiopisas os criarem com seu robusto leite por cerca de dois anos”.³²⁹

Novamente, vemos a valorização de Piso ao conhecimento indígena, dessa vez com relação aos cuidados com as crianças. A novidade, aqui, não reside na valorização do conhecimento indígena, que é marcante em toda a sua obra, mas no fato dele demonstrar tão claramente ter se apropriado também do conhecimento das mulheres indígenas, indicando – conscientemente ou não – que também elas eram produtoras de saberes sobre a conservação e restituição da saúde.

Por outro lado, as mães europeias encontraram em Piso uma consideração inversa: são duplamente responsáveis pela má saúde de seus filhos, uma vez que, segundo Piso, eles herdaram os males de suas progenitoras, mas também acumulam novos males, devido à má educação que recebem, supomos, das mesmas. Também seu leite, como vemos na indicação para recuperação da criança, é pouco proveitoso e deve ser substituído pelo robusto leite das amas indígenas ou africanas. Neste ponto, entretanto, devemos questionar o suposto elogio de Piso ao “robusto leite” e possivelmente à robusta saúde das amas, ou seja, das escravas. Se as mães europeias são prejudicadas por um discurso pouco simpático por parte de Piso, mais ainda são as “brasileiras e etiopisas”, pois seu elogio na verdade servia para reforçar não

³²⁷ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 53.

³²⁸ Ibidem, p. 49.

³²⁹ Ibid., p. 100.

apenas a condição de escravas na qual eram mantidas, mas ainda serviria para a construção de uma imagem de mulheres fortes, que aguentariam mais do que as demais e não precisavam de cuidados específicos, ideia que, somada à noção de propriedade do senhor sobre seus escravos, legitimou a dupla exploração de escravas mulheres.³³⁰

As referências diretas ao conhecimento apropriado das mulheres indígenas não são tão frequentes e, na maioria das vezes, as evidências da agência feminina tanto no processo de cura ou conservação da saúde quanto na produção do conhecimento natural e médico devem ser buscadas em citações esparsas e indiretas feitas por Piso, nas quais ele aborda de forma rápida algum tema considerado pertinente à saúde da mulher, atestando conhecimentos que ele provavelmente não teve condições de experimentar ou observar, ao contrário do que ocorre com a maioria das técnicas por ele descritas. É o caso da indicação das folhas da erva-moura “às rachaduras dos seios das mulheres” e da goma do cajuzeiro, “reduzida a pó, num líquido adequado, às mulheres que sofrem de obstrução das regras menstruais.”³³¹

O uso de determinadas plantas como cosméticos pelas mulheres também não escapou à observação de Piso: além de perfumes e banhos preparados, ele destaca “um certo líquido estilático, alvamento e de notável virtude, que daí [dos cocos] mana, é muito bom para extinguir as viscosidades dos rins e das partes genitais; usam-nos as mulheres como cosmético.”³³² Sendo seu principal uso, segundo Piso, destinado a “extinguir as viscosidades dos rins e das *partes genitais*”, é possível imaginar um uso bastante específico que as mulheres poderiam dar a esse líquido, como cosmético, sobre o qual Piso não comenta, ao menos não nesse momento. Mais a frente, ao descrever uma planta chamada *Avaremo-Temó*, ele escreve:

[...] porque é muito adstringente, dela são preparados banhos para fortificar as carnes enlanguescidas. As meretrizes, principalmente, usam-na muito, para restituírem o tono às partes pudendas laxas e disfarçarem habilmente a idade; e até, quanto possível, aparentam virgindade por este dolo.³³³

³³⁰ Sobre o tema das amas de leite e os discursos construídos sobre elas, bem como sobre a maternidade, ver: CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. “Procuram-se amas-de-leite na historiografia da escravidão: da suavidade do leite preto ao fardo dos homens brancos.” In: *Tempo de Histórias*. v.5, pp.29 – 63, 2002; CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. *Procura-se “preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa”*: uma cartografia das amas-de-leite na sociedade carioca (1850-1888). 2006. 418 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

³³¹ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 470 e 278.

³³² Ibidem, p. 298.

³³³ Ibid., p. 363.

Tal conhecimento mobilizado nesse trecho certamente não provém da experiência direta de Piso e, mesmo que tenha chegado até ele por meio de outro homem, pois não sabemos como ele teve acesso a esse saber, trata-se de um conhecimento pertencente ao universo das mulheres, e que poderia até mesmo ter contornos de segredo, uma vez que a virgindade e, conseqüentemente, a honra da mulher estariam em jogo. Destaque-se ainda que Piso afirma que essa tática era usada *principalmente* pelas meretrizes, não *exclusivamente* por elas. Além disso, o médico deixa sua visão como homem transparecer nesse trecho, quando considera essa “restauração” dos órgãos genitais femininos como um dolo – pois, se se trata de algum dolo, o único prejudicado, dentro dessa mentalidade, seria o homem.

A menstruação, ou o “fluxo de sangue” das mulheres, é outro tema que aparece no texto de Piso, e o médico dá indicações de plantas que tanto podem liberar o fluxo retido, quanto diminuir ou estancar o fluxo prolongado. Ele também alerta para plantas que, ao serem consumidas, podem transtornar o fluxo natural dos fluidos do corpo. Sobre a cana silvestre, por exemplo, escreve:

Sua substância, reduzida a pó e dada como vinho, em pequena quantidade, tão fortemente excita as urinas e menstruações e até, dizem expele o feto morto, que mal pode ser tida entre os medicamentos seguros.³³⁴

Como podemos supor a partir do excerto citado acima, também a interrupção da gravidez, acidental ou proposital, foi observada por Piso. Por um lado, esses alertas sobre plantas abortivas poderiam servir, na visão do médico, para impedir que mulheres desavisadas perdessem seus bebês de forma acidental. Por outro lado, esse conhecimento poderia ser utilizado por mulheres interessadas em abortar, pois, como afirma Mary Del Priore, “a farmacopéia constituída para sanar certos males da ‘madre’ acabava sendo utilizada para provocar abortos voluntários” e os alertas para que as gestantes não consumissem determinados alimentos ou não praticassem exercícios físicos exaustivos sugeriam, na verdade, formas de realizar um aborto.³³⁵

Sara Matthews-Grieco também observa que “os livros de segredos, de receitas e de medicina popular abundavam em ‘segredos funestos’ ou ‘artes de enganar a natureza’, bem como em receitas menos explícitas para ‘fazer eclodir as flores’ (as regras), caso estivessem

³³⁴ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 451.

³³⁵ DEL PRIORE, M.M. “A árvore e o fruto: um breve ensaio sobre o aborto na história.” *Revista Bioética*, Cons. Fed. Medicina Brasília, 1994, 2(1). Último acesso em 08/12/2017, disponível em: <http://www.portalmédico.org.br/bioetica/index.php?selecionaRevista=3&opcao=revista>, p. 5.

‘atrasadas’.’³³⁶ Analisando o texto de Piso, vemos como mesmo a medicina “oficial” contribuía de forma indireta para a propagação destes “segredos”, seja por meio dos alertas acima mencionados, seja por indicações de alimentos e remédios que poderiam induzir a menstruação para mulheres que estivessem com suas “vísceras naturais obstruídas” por “algum motivo”. Mesmo a dosagem indicada pelo médico como segura para consumo de mulheres gestantes poderia ser invertida, a fim de provocar o aborto voluntário. Ou seja, as indicações médicas no intuito de elucidar às gestantes o risco de aborto involuntário tornavam-se um caminho aberto para o aborto voluntário.

Mais do que isso, é possível supor que algumas das referências sobre plantas que provocariam o aborto tenham sido provenientes justamente de mulheres que ou abortaram ou participaram da indução do aborto voluntário. Isso porque, em alguns casos, Piso realmente parece apenas basear-se em sua própria observação e conhecimento médico, indicando aquelas plantas excitantes demais, que, dentro da concepção humoral, desequilibrariam os fluidos do corpo, sem que tenham lido sido reportados casos de aborto decorrentes do consumo de tais plantas: por exemplo, ele considera o *ananás* como um fruto muito perigoso para as gestantes, simplesmente por seu temperamento excitante. Mas em outros momentos, Piso não apenas demonstra, novamente, um conhecimento que não foi experimentado diretamente por ele, como também sublinha que as mulheres estão cientes de tal conhecimento, como no trecho abaixo, sobre o fruto do *Caraguatá*:

Provoca energicamente os mênstruos e as urinas, e até além do necessário, não sendo propinado em dose conveniente. Comido pelas preñes, elimina o feto; cientes disto, as meretrizes exercem um criminoso infanticídio, para se prostituírem à vontade.³³⁷

Nesse excerto Piso aparece novamente indicando os maus feitos das “meretrizes”, porém dessa vez sem dar a entender que elas talvez não fossem as únicas a realiza-los, o que, entretanto, não deve nos convencer de apenas elas recorressem a essa prática. Segundo Mary Del Priore, a maior parte das gravidezes interrompidas voluntariamente estava relacionada a relações fora do casamento: adultério ou concubinato. Dentro da moralidade da época, a mulher que estivesse envolvida em um desses dois “pecados” era considerada “como uma transgressora porque lasciva, cheia de paixões libidinosas, incapaz de ater-se à sexualidade

³³⁶ MATTHEWS-GRIECO, Sara F. Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: VIGARELLO, Georges (dir.) et al. *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

³³⁷ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 407.

saudável e produtiva do casamento” e, dessa forma, teria o mesmo intuito que Piso aponta para o aborto voluntário no excerto acima: “para se prostituírem à vontade.”³³⁸

Por fim, há ainda um outro grupo de mulheres que merece destaque quando o assunto é a ação das mulheres no cuidado dos corpos: trata-se das parteiras. Por muito tempo – praticamente até o século XIX –, o parto foi considerado um assunto exclusivamente feminino, o que a própria etimologia do termo *midwifery*, que designa a arte de partejar na língua inglesa, parece confirmar, pois no inglês antigo *midwifery* “significa ‘entre mulheres’ ou ‘com mulheres’.” Ana Paula Vosne Martins observa ainda que o termo em português, obstetrícia, “não dá conta do sentido original”, pois indica uma especialidade médica inventada e exercida por médicos homens, e não nos remete “a esta prática milenar de assistir uma mulher em trabalho de parto”.³³⁹

Tanto Ana Paula Martins quanto Monica Green destaca a dificuldade em se recuperar a história da *midwifery* nos primeiros séculos, por conta do silêncio documental acerca desse tema, uma vez que pouquíssimos testemunhos dessas mulheres sobreviveram. Além disso, houve ainda uma tentativa de apagamento e desqualificação das atividades das parteiras, perpetrados pelos médicos, ao menos desde o século XVII, no intuito de imporem seu conhecimento “oficial”. Analisando os textos do final da Idade Média, entre os séculos XIII e XV, Monica Green indica algumas transformações pelas quais a *midwifery* passou, sobretudo em sua relação com os homens na cena do parto. Segundo ela, por volta de 1400, “*the involvement of male practitioners during pregnancy and childbirth did not necessarily force the exclusion of women, but it certainly compromised their work*”. Os médicos poderiam ser requisitados em alguns temas relativos à fertilidade e às possíveis doenças decorrentes da gravidez, além de emergências, como partos prolongados, extração de feto morto ou placenta retida. Entretanto, a assistência médica, ou seja, contar com a presença de um médico ou mesmo de um cirurgião, em um parto era algo bastante raro, com algumas exceções para mulheres da nobreza.³⁴⁰

³³⁸ Cf. DEL PRIORE, “A árvore e o fruto: um breve ensaio sobre o aborto na história.” *Revista Bioética*, Cons. Fed. Medicina Brasília, 1994, 2(1). Há que se pontuar, ainda, que apesar de Piso referir-se à interrupção da gravidez como “infanticídio”, este termo era mais utilizado para indicar o “afogamento no leito”, quando a criança, já nascida, era sufocada por sua mãe até morrer.

³³⁹ MARTINS, Ana Paula V. A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX. Tese (Doutorado em História) - Unicamp, São Paulo: Campinas, 2000, p. 65.

³⁴⁰ GREEN, Monica H. “Caring for gendered bodies”. Chapter 22 of BENETT, Judith M.; KARRAS, Ruth Mazo (ed.) *The Oxford Handbook of Women and Gender in Medieval Europe*. Oxford University Press, 2013, pp. 347-349.

Green ainda indica que, em fins da Idade Média, a marginalização contínua das parteiras em relação ao mundo letrado contribuiu para a perda de um aspecto da *midwifery* que as parteiras da Antiguidade gozavam: a perícia sobre os fundamentos teóricos da medicina reprodutiva.³⁴¹ Esse ponto talvez possa explicar porque, sendo o parto uma atividade com participação majoritária de mulheres, a produção de textos teóricos sobre este tema tenha ficado praticamente restrita aos homens. Ana Paula Martins, citando o trabalho de Aline Rousselle sobre os discursos médicos greco-romanos, aponta uma conclusão que provavelmente pode ser aplicada também no medievo e na modernidade, ainda que em uma proporção diferente para cada época: “foram as mulheres mais qualificadas e experientes nas doenças femininas e nos assuntos obstétricos que forneceram informações aos médicos que, por sua vez, os recolheram e divulgaram pela escrita.”³⁴²

Já pudemos comprovar esta afirmação nos aspectos acima analisados acerca do texto de Piso: diversos saberes que ele divulga em seu texto são claramente tributários do conhecimento feminino. O mesmo ocorre com relação às parteiras: seu protagonismo não se revela apenas na ação, mas na própria produção de um conhecimento relacionado ao parto. Piso remete a elas em apenas uma linha: “As parteiras observam que o mesmo sucede nos partos” referindo-se às influências dos astros na natureza, que ele aborda longamente e, por fim, assim resume:

E assim essas poderosíssimas influências e latentes qualidades do céu e dos mares parecem comunicar os mesmos efeitos ao nascente e ao moribundo, a este libertando das angústias da vida, àquele do cárcere e dos vínculos do útero materno.³⁴³

Embora a menção às parteiras seja brevíssima, praticamente apenas atestando sua existência, ela nos remete a algo mais profundo, que é o conhecimento que deveria ser mobilizado por essas mulheres. Não apenas um conhecimento técnico, por assim dizer, baseado na experiência prática, mas também um conhecimento tido como mais teórico, uma vez que, no século XVII, a astrologia era considerada um recurso legítimo de compreender

³⁴¹ GREEN, Monica H. “Caring for gendered bodies”. Chapter 22 of BENETT, Judith M.; KARRAS, Ruth Mazo (ed.) *The Oxford Handbook of Women and Gender in Medieval Europe*. Oxford University Press, 2013, p. 350.

³⁴² MARTINS, Ana Paula V. A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX. Tese (Doutorado em História) - Unicamp, São Paulo: Campinas, 2000, p. 63.

³⁴³ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 70.

diversos aspectos da vida humana, o que o próprio Piso atesta, realizando longas descrições sobre a influência dos astros na natureza e, particularmente, nas doenças.³⁴⁴

Assim, vemos que mesmo quando as mulheres são citadas apenas de passagem ou até suprimidas pelo médico em seu texto, é possível identificá-las não apenas como um grupo sobre o qual a medicina e a *ciência* oficial da época construíram um discurso, mas também como produtoras, elas próprias, de um conhecimento sobre temas que lhes concernem, e agentes nos cuidados dos corpos, sobretudo dos corpos femininos. De forma semelhante ao que Piso faz quanto aos indígenas, em seu texto, as mulheres são abordadas de forma ambígua, pois, embora em alguns momentos o médico lhes apresente algumas censuras, ele também valida boa parte dos seus saberes. A diferença talvez esteja no fato de que, ironicamente, as mulheres recebem certamente menos detrações que os indígenas (que são sempre os “bárbaros”, incivilizados), mas também menos reconhecimento direto como produtoras de um conhecimento.

³⁴⁴ Sobre a influência da astrologia no conhecimento médico da Idade Moderna, ver: HIRAI, Hiro. "The New Astral Medicine," in: *A Companion to Astrology in the Renaissance*, ed. Brendan Dooley (Leiden: Brill, 2014), 267-286.

Considerações Finais

*(...) imito aqueles antigos e modernos que, arrolando os benefícios da polidédala natureza tanto do Novo como do Velho Mundo, e descobrindo medicamentos e alimentos salubérrimos, atendiam à necessidade e fragilidade dos mortais.*³⁴⁵

No início deste trabalho, apresentamos como nosso objetivo a análise das práticas alimentares e terapêuticas descritas na obra de Guilherme Piso, a partir das quais pretendíamos observar a manifestação de três aspectos principais e sua reverberação nesta obra: 1) a relação entre alimentação e medicina no século XVII, sobretudo nas práticas difundidas no Brasil holandês; 2) a influência que as reflexões fomentadas pelo processo de *revolução científica*, ainda em curso durante a pesquisa e escrita de Piso, poderiam ter desencadeado sobre seu pensamento e a forma como ele produziu um conhecimento sobre a natureza americana; 3) as tensões que teriam se apresentado durante o processo de construção deste conhecimento, sobretudo relacionadas à necessidade de adaptar-se ao diferente – e aos saberes do “outro” – para sobreviver. Embora a análise do documento não tenha esgotado todas as possibilidades, uma vez que a obra é rica em contribuições para as questões levantadas e para a história do Brasil holandês de forma geral, podemos apontar algumas deduções.

Retomando a trajetória inicial de Guilherme Piso, gostaríamos de sublinhar que sua formação como médico, obtida em alguns dos melhores centros universitários da Europa, não se resumiu a um conhecimento do corpo humano, de seus humores e das doenças que poderiam afetá-lo, mas se estendeu a uma ampla formação teórica, na qual o conhecimento filosófico era base de todo o saber que o médico precisava mobilizar em sua prática. Dizer que Piso recebeu uma educação “humanista” significa dizer também que os autores clássicos foram fundamentais em sua formação, compondo o parâmetro para sua própria produção do conhecimento, como pudemos observar nas diversas vezes que ele cita Hipócrates em seu texto, afirmando que todas as informações deveriam ser conferidas com os escritos deste “mais fiel intérprete da Natureza e da Medicina.”³⁴⁶

³⁴⁵ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*: em cinco livros. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 126.

³⁴⁶ *Ibidem*, p. 558.

Entretanto, considerando o círculo intelectual no qual Piso estava inserido, as instituições e os acadêmicos com os quais ele tinha contato, destacando sobretudo a Universidade de Leiden e a figura de Johannes de Laet, parece-nos seguro afirmar que ele não estava alheio a dois aspectos de grande influência no pensamento europeu dos Seiscentos: de um lado, as abundantes descrições e narrativas sobre o Novo Mundo, e, de outro, os acalorados debates intelectuais fomentados na Europa do século XVII sobre conhecimento natural e sobre medicina.

A *descoberta* da América representou um grande desafio aos sistemas de conhecimento já estabelecidos na Europa e suscitou debates que perpassavam questões religiosas e questões científicas, as quais, aliás, não necessariamente eram coisas separadas. As descrições e narrativas do *Novo Mundo* expandiram o repertório da história natural europeia, e o contato com as novas plantas e animais interferiu no conhecimento farmacológico e nos hábitos alimentares europeus a longo prazo.

Ao vir para o Brasil, portanto, Piso contava não apenas com sua singular formação, mas também com as informações prévias sobre o Novo Mundo, tomadas a partir dos textos ibéricos que circulavam entre os holandeses. Muitos desses textos, sobretudo de autores espanhóis, são citados pelo médico no decorrer de sua obra. Além disso, Piso recebeu o suporte necessário para realizar sua pesquisa, seja no Brasil, onde ele tinha à sua disposição um laboratório, um jardim botânico e a possibilidade de realizar expedições exploratórias, seja na República, uma vez que manteve contato com acadêmicos tanto de Leiden quanto de Amsterdam, com os quais trocou informações e artefatos, estendendo a produção do conhecimento sobre o Novo Mundo para além deste território.

Apesar de todo o aparato mobilizado para que Piso e seus companheiros, especialmente Marcgrave, pudessem realizar sua pesquisa, ela não teria alcançado a mesma magnitude sem o auxílio dos nativos, que partilharam com o médico diversos saberes acumulados durante gerações e aos quais dificilmente ele poderia ter acesso tão rapidamente pela simples observação da natureza. Por isso, a trajetória e o trabalho de Piso nos possibilitaram refletir de forma mais ampla sobre as tensões que se expuseram no contato entre Novo e Velho Mundo, e envolveram a aceitação da terapêutica indígena em sua relação de alteridade, e a adaptação dos europeus por meio do reconhecimento e descrição de doenças comuns no Novo Mundo, e do reconhecimento de novos alimentos e plantas medicinais – e também de perigos – até então desconhecidos.

Como Márcia Moisés Ribeiro e Henrique Carneiro³⁴⁷, entre outros, notaram, foi no âmbito do conhecimento farmacológico e terapêutico que os hábitos dos nativos mais se impuseram aos recém-chegados. Essa é uma das peculiaridades de se estudar as práticas de cura e a alimentação dentro de uma relação colonial: muitas vezes tais elementos invertem, ainda que momentaneamente, a figura do dominado e do dominador, por criar uma dependência deste com relação àquele. Questões cruciais para a sobrevivência, como a alimentação, a farmacologia e a medicina são, dessa forma, temas a partir dos quais pudemos analisar as tensões decorrentes do contato entre Velho e Novo Mundo.

Além disso, a experiência de Piso *in loco*, no Novo Mundo, acirrou as dúvidas e contradições que já estavam presentes, de algum modo, no debate europeu. Vemos através da trajetória de Piso que esta querela intelectual, resumida simplificada como um embate entre “antigos” e “modernos”, era muito mais complexa e que o evento consagrado como *Revolução Científica* deve ser compreendido mais como uma série de fenômenos diversos e esparsos de transformações sutis do que como um grande episódio de ruptura.

Guilherme Piso, aliás, toma parte nesse debate em seu texto, especialmente na carta a Van Der Linder, onde apresenta duras críticas aos “modernos”. Ele também defende sua formação no decorrer de seu texto, sempre mencionando a autoridade de autores como Hipócrates, Galeno, Dioscórides, Aristóteles e Plínio. Contudo, quando surgem questionamentos para os quais estes consagrados autores não apresentam uma resposta satisfatória, Piso lembra a si próprio e a seus leitores, que aqueles não tiveram possibilidade de analisar muitas das coisas com que ele e seus contemporâneos se deparavam: novas doenças, novos perigos e, principalmente, o “novo orbe”, com sua natureza assombrosamente diversa. Tal sugestão apresenta-se já na epígrafe da obra, com a frase de Sêneca: “Dia virá em que o tempo e o zêlo de uma geração vindoura trarão a lume o que agora está oculto”. Portanto, para Piso, não era necessariamente um problema que os autores antigos não tivessem conhecido e escrito sobre o Novo Mundo: era essa geração descrita por Sêneca, que provavelmente Piso identificava como a sua, que deveria, seguindo os conselhos da Antiguidade, investigar a natureza que foi trazida a lume pelos descobrimentos.

³⁴⁷ RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos – a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

CARNEIRO, Henrique. O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus. *Fronteiras (Dourados)*, Mato Grosso do Sul, v. 13, n. 23, p. 13-32, jan-jun 2011.

Agindo assim e, talvez um pouco alheio à “revolução das percepções” descrita por Keith Thomas³⁴⁸, Piso escolhe conhecer e inquirir esta natureza a partir do que ela oferecia em termos de alimentos e medicamentos. Ao eleger o tabaco, as palmeiras (e os cocos) e a mandioca como as “preciosidades americanas”, tal critério fica evidente: tanto as palmeiras quanto a mandioca ofereciam alternativas ao pão, e o tabaco, embora não apresentasse muitas qualidades comestíveis, é referido por Piso como um artifício utilizado nos sertões para fugir à sede e à fome. Quanto à medicina, além de oferecerem virtudes medicinais próprias, todas elas figuraram com antídotos. Embora a grande preciosidade para os holandeses, e sobretudo para a WIC, fosse a cana-de-açúcar – e de fato ela ocupa o espaço devido no texto de Piso – sua importância residia no aspecto econômico, e, por mais precioso que fosse o açúcar, ele não podia garantir a sobrevivência cotidiana dos recém-chegados. Assim, elementos de uso ordinário no cotidiano dos indígenas, como o tabaco, a mandioca e as palmeiras, revelaram-se verdadeiras preciosidades para Piso e seus compatriotas, que, estando em um mundo pouco conhecido e em um contexto de guerra, depararam-se com a escassez de trigo, que se estendia muitas vezes a uma escassez geral de víveres, e com a abundância de perigos, como os envenenamentos e os próprios ferimentos em combate.

Perante todas estas dificuldades, Piso parece ter se agarrado ainda mais aos ensinamentos da antiguidade, sendo o principal deles o protagonismo dos alimentos no equilíbrio ou desequilíbrio da saúde. O médico não tardou a identificar o consumo de alimentos embolorados – quase sempre devido à sua longa viagem da Europa à América – como uma das causas das doenças, bem como a ministração de alimentos frescos como uma boa forma de conservar ou restituir a saúde. Obedecendo aos preceitos da teoria hipocrática-galênica, Piso apresentou diversas prescrições dietéticas em seu texto, visando tanto a cura quanto a preservação da saúde. Para todas as doenças por ele descritas, há alguma planta cujo consumo pode, se não curar, ao menos aliviar o sofrimento do doente. Assim como há as que devem ser evitadas para não agravar a situação, e ainda as que oferecem riscos de envenenamento ao serem consumidas ou ministradas por leigos.

Muitas vezes, nas descrições das plantas, nas indicações de medicamentos e nas poucas receitas apresentadas por Piso, alimento e medicamento se confundem, fato que encontra seu ápice nos vegetais que são identificados como “alimentos medicamentosos”, nas

³⁴⁸ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudança de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

palavras do médico. Tanto a forma de preparo quanto de consumo de um medicamento remete ao preparo e consumo dos alimentos, o que torna difícil separar uma função da outra nas prescrições de Piso. Pensamos que tal alinhamento foi importante também tendo em vista as limitações de recursos que o contexto de guerra ou mesmo de uma expedição ao sertão brasileiro poderia impor à prática médica. Assim, podemos compreender a preferência de Piso por medicamentos simples, tais como os preparados pelos indígenas.

Neste aspecto, percebemos que paralelos foram traçados por ele entre a medicina antiga e a terapêutica indígena, o que certamente contribuiu para uma maior abertura do médico aos ensinamentos dos ameríndios e, inclusive para a valorização dos conhecimentos terapêuticos indígenas, ainda que de forma indireta, como crítica aos exageros dos “modernos”, que, negando a simplicidade da terapêutica antiga, entregavam-se a composições mirabolantes de medicamentos.

O critério da utilidade alimentícia e medicinal também foi adotado por Piso ao tratar dos animais do Novo Mundo. De acordo com Maria Elice Prestes, esta lógica estava em consonância com a História Natural Renascentista, segundo a qual “conhecer um animal ou vegetal significa tomá-lo como parte do cotidiano humano, inserido nas práticas de coleta, caça ou pesca, no preparo para a dieta, no aproveitamento de suas partes ou dos produtos que geram.”³⁴⁹ Entretanto, Piso foi além, e suas observações propriamente zoológicas, muitas vezes assentadas em experiências como a dissecação e vivissecação e/ou em especulações sobre as teorias discutidas na Europa, como a da geração espontânea e as metamorfoses, ganharam mais destaque do que as informações propriamente sobre o uso alimentar ou medicinal das espécies abordadas.

Mesmo assim, os relatos de Piso nos permitem traçar um panorama sobre o preparo e consumo de carnes no Brasil holandês, fornecendo informações como os modos de preparo mais comuns e os considerados mais excêntricos, o que está ligado a um saber fazer quase sempre aprendido com os indígenas; as preparações que levam condimentos e outras iguarias; as preferências por um ou outro animal, com destaque para a enorme variedade de peixes; as restrições alimentares dos habitantes, normalmente ligadas ou a questões religiosas, como no caso dos judeus, ou à impossibilidade financeira de consumir determinadas carnes, como no caso dos marujos; a distinção social ligada ao consumo, sobre o que podemos sublinhar as

³⁴⁹ PRESTES, Maria Elice de Brzezinski. *A investigação da natureza no Brasil-Colônia*. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, 1997, p. 30.

iguarias presentes nas mesas dos ricos, das quais Piso certamente participou, embora ateste diversas vezes ter participado também da mesa dos “bárbaros”.

Em todos esses pontos, está implícita a ideia de que, por mais que Piso tenha realizado pesquisas com a natureza americana, com todo o suporte oferecido por Maurício de Nassau e a WIC, boa parte das informações que ele apresenta em seu texto só puderam ser obtidas no contato com os indígenas. O médico atesta isto em diversos momentos de sua obra e, ao discorrer sobre as dificuldades encontradas por ele e outros “netos de Galeno” no exercício da medicina no Novo Mundo, fornece diversos exemplos de circunstâncias nas quais doentes ou feridos foram socorridos pelos indígenas, depois que ele e seus colegas, apoiando-se na tradição hipocrática-galênica, haviam falhado.

Além disso, analisar as “práticas mágicas” descritas por Piso e a utilização de elementos “supersticiosos” na composição de medicamentos, sobretudo de venenos, nos permitiu observar as semelhanças entre as terapêuticas indígena e europeia, mas também as tensões envolvidas nesse contato. Tensões sentidas não apenas pelos europeus, que tinham de aprender com os “bárbaros”, mas também pelos indígenas que, ao transmitirem determinados conhecimentos aos europeus, não tinham nenhuma garantia de que tais informações não seriam utilizadas contra eles.

Mas além de fornecer uma variedade de novas possibilidades de remédios e terapêuticas, o contato com a natureza americana fomentou, ainda que indiretamente, aspectos que ajudariam a compor a nova ciência, ainda em gestação. Isso porque, confrontados com um mundo de perigos e benesses desconhecidos, os europeus precisaram enfrentar também suas próprias opiniões, construídas a partir dos estudos formais que obtiveram na Europa, e as dúvidas decorrentes da experiência no Novo Mundo. No caso de Piso, todas essas questões interferiram na forma como ele produziu um conhecimento sobre a natureza americana.

Por fim, Piso mostrou-se um observador não apenas da natureza, mas também da sociedade que o cercava, revelando em seu texto apontamentos e opiniões sobre a colonização e a escravidão, as quais também desnudam a alteridade presente no olhar do médico em relação aos diversos *outros* com quem esteve em contato. Com um desses *outros*, entretanto, a relação de alteridade não passava exclusivamente – e nem necessariamente – pelas diferenças étnicas e culturais, mas sim pelo gênero. Analisando as breves referências de Piso sobre as mulheres, suas compatriotas ou não, pudemos perceber que o médico as trata com a mesma

ambiguidade que direciona aos indígenas: ora como alvos de detrações e censuras, ora como detentoras de um conhecimento sobre o cuidado de si e dos outros.

Ao retomar a trajetória intelectual de Piso, que parece poder ser resumida na epígrafe que aqui apresentamos, podemos descrevê-lo como uma personagem no limiar das mudanças e que não apenas foi um expectador de todas as transformações que o século XVII possibilitou, mas também contribuiu, de alguma forma, para que essas transformações fossem impulsionadas, ao mesmo tempo em que foi profundamente marcado por elas, mesmo quando os resultados e efeitos das mudanças propostas ainda não estavam claros. Identificando a si próprio e a seus colegas como *netos de Galeno*, e assim reivindicando-se como herdeiro de uma tradição, Guilherme Piso enfrentou as dificuldades da prática médica na América, foi levado a refletir sobre as “novidades” e a forma como elas interferiram nas certezas do Velho Mundo e/ou acirraram suas dúvidas, e sua trajetória demonstrou que as mudanças de paradigma, fomentadas pela *Revolução Científica*, foram, de fato, graduais e, muitas vezes, no âmbito pessoal, se deram de forma até mesmo contraditória.

Tanto a filiação que Piso reivindica para si, ao retomar Galeno e reiterar Hipócrates e outros autores antigos, quanto o critério por ele utilizado para selecionar e descrever os animais e vegetais do Novo Mundo, ou seja, apenas aqueles que apresentassem notória utilidade alimentícia e/ou medicinal, denotam seu alinhamento ao grupo dos “antigos” no debate europeu. Entretanto, o conteúdo de seus escritos nos revela que diversas práticas adotadas por Piso, seja na cura de doenças, seja na investigação da natureza, estariam mais alinhadas aos pressupostos defendidos pelos “modernos”. Tal contradição, que repercute em toda a obra de Piso, não se deve a uma característica pessoal do médico, e sim mostra-se como indício do ambiente de mudanças do qual partilhava. Guilherme Piso, como diversos outros “antigos-modernos” e “modernos-antigos”, foi uma personagem fronteira. Dessa forma, dizer que ele era uma personagem entre dois mundos assume mais do que um significado: foi aprendendo a “fruir igualmente do nosso século e da antiguidade”³⁵⁰, com os antigos e os modernos, que Guilherme Piso aprendeu a fruir do Velho e do Novo Mundo.

³⁵⁰ PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658], p. 561.

Fontes e Bibliografia

1. Fontes Impressas

CALADO, Manuel. *O Valeroso Lucideno, e triumpho da liberdade...* Bibliographia Brasiliana / Rubens Borba de Moraes, v.1, 1983. [1668]

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Hedra, 2009.

DAGELYKSCHÉ NOTULEN der Horge Regeering in Brazilie (Nótulas Diárias do Alto Governo Neerlandês no Brasil), Coleção Monumenta Hyginia – Laboratório Liber (Universidade Federal de Pernambuco) – Manuscritos de José Hygino e traduções de Pablo Galindo, Judith de Jong e Anne Brockland. Disponível em: www.liber.ufpe.br/hyginia

MARCGRAVE, Jorge. *História Natural do Brasil*. Trad. por Monsenhor Procópio Magalhães. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 1942. [1648]

MELLO, José Antônio Gonsalves de. (org.) *Fontes para a história do Brasil holandês*. Recife: CEPE, 2004, v1 e v2.

PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental: em cinco livros*. Trad. por Mario Lobo Leal. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1957. [1658]

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Org. de Fernanda Trindade Luciani. São Paulo, SP: Hedra, 2010 [1587].

2. Bibliografia

2.1. Obras de referência

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez & Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-172. 10 v.

DICIONARIO do Brasil Colonial: 1500-1808. Coautoria de Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2000.

THE CAMBRIDGE History of Science. Cambridge: Cambridge University Press, 2003-2009. 8 v.

2.2 Bibliografia geral

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria; BELTRAN, Maria Helena Roxo. *Escrevendo a história da ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*. São Paulo: EDUC, 2004.

ALGRANTI, Leila Mezan. História e historiografia da alimentação no Brasil (séculos XIV-XIX). In: CAMPOS, A. P.; SILVA, G. V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P.; FELDMAN, S.

A. (Orgs.). *A cidade à prova do tempo: vida cotidiana e relações de poder nos ambientes urbanos*. Vitória: GM Editora, 2010.

_____. Saberes culinários e a botica doméstica: beberagens, elixires e mezinhas no Império português. (Séculos XVI-XVIII). *Saeculum* (UFPB), v. 27, p. 13-29, 2012.

_____. Alimentação, saúde e sociabilidade: a arte de conservar e confeitar os frutos (séculos XV-XVIII). *História. Questões e Debates*, Universidade Federal do Paraná, v. 42, p. 33-52, 2005.

_____. “A Arte de cozinha e as plantas do Brasil séculos XVI-XIX.” In: KOURY, Lorelai (Org.). *Usos e circulação de plantas no Brasil séculos XVI-XIX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Estudio, 2013, v. 1, p. 138-179.

_____. *Honradas e Devotas: Mulheres da Colônia condição feminina nos conventos do Sudeste do Brasil 1750- 1822, 2ª*. Brasília/Rio de Janeiro: Ed. EDunb/ José Olympio, 1998.

_____; MEGIANI, Ana Paula T. (orgs.) *O império por escrito*. São Paulo: Alameda, 2009.

ASFORA, Wanessa. *Apício: história da incorporação de um livro de cozinha na Alta Idade Média (séculos VIII e IX)*. Tese de Doutorado – São Paulo: USP, 2009.

_____. Comer como um passarinho, cozinhar como uma feiticeira. Resenha Donne e cibo. Una relazione nella storia de M.G. Muzzarelli e F. Tarozzi. *Cadernos Pagu* (UNICAMP. Impresso), v. 39, p. 431-445, 2012.

_____. Escrevendo a história da alimentação: resenha de uma obra de referência. PILCHER, Jeffrey (ed.). *The Oxford Handbook of Food History*. New York: Oxford University Press, 2012. *Topoi*. Revista de História, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 661-666, jul./dez. 2016.

BOUZA, Fernando. *Corre manuscrito: una historia cultural del siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons, 2001.

BOXER, Charles. *Os holandeses no Brasil – 1624-1654*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1961.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do séculos XVII*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

_____. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CALAINHO, Daniela Buono. Cruzando mares: drogas medicinais do Brasil no império português. IN: MONTEIRO, R.B. e VAINFAS, R. *Império de várias faces: relações de poder no mundo ibérico da Época Moderna*. São Paulo: Alameda, 2009.

CARNEIRO, Henrique. O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus. *Fronteiras* (Dourados), Mato Grosso do Sul, v. 13, n. 23, p. 13-32, jan-jun 2011.

_____. *Amores e sonhos da flora: afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia*. São Paulo: Xamã, 2002.

_____. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. “Procuram-se amas-de-leite na historiografia da escravidão: da suavidade do leite preto ao fardo dos homens brancos.” In: *Tempo de Histórias*. v.5, pp.29 – 63, 2002.

_____. *Procura-se "preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa": uma cartografia das amas-de-leite na sociedade carioca (1850-1888)*. 2006. 418 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro; Lisboa: DIFEL, 1990.

DASTON, Lorraine. *Wonders and the order of nature, 1150-1750*. Coautoria de Katharine Park. New York, NY: Zone, 2001.

_____. The Nature of Nature in Early Modern Europe. *Configurations*, vol. 6 no. 2, 1998, pp. 149-172. *Project MUSE*.

DEBUS, Allen G. *El hombre y la naturaleza en el renacimiento*. México, D.F. : Breviários Fondo de Cultura Econômica, 1996.

DEL PRIORE, Mary M. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro, RJ; Brasília, DF: José Olympio: Edunb, 1993.

_____. A árvore e o fruto: um breve ensaio sobre o aborto na história. *Revista Bioética*, Cons. Fed. Medicina Brasília, 1994, 2(1). Último acesso em 08/12/2017, disponível em: <http://www.portalmedico.org.br/bioetica/index.php?selecionaRevista=3&opcao=revista>, p. 5.

DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1984.

FERREIRA, Breno F. L. *Alexandre Rodrigues Ferreira, os animais americanos e o debate sobre o povoamento da América*. In: I Congresso de América Colonial - Historiografia, Acervos e Documentos, 2017, Campinas. Anais do I Congresso de História Colonial - Historiografia, Acervos e Documentos - Laboratório de Estudos Americanos, 2017.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FRANÇOZO, Mariana de Campos. *De Olinda a Holanda: o gabinete de curiosidade de Nassau*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

GALLIAN, D. M. C., QUEIROZ, C. M. T. de. *Primeiras experiências de ciência europeia nos trópicos: Maurício de Nassau, Willem Pies e George Marcgrave*. Disponível em http://www.unifesp.br/centros/cehfi/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=100:primeiras-experiencias-de-ciencia-europeia-nos-tropicos-mauricio-de-nassau-willem-pies-e-george-marcgrave&catid=31:artigos-prof-dante-gallian&Itemid=10

GARCIA-BALLESTER, Luis. *Galen and Galenism: theory and medical practice from antiquity to the European Renaissance*. Burlington, VT: Ashgate, 2002.

GARIN, Eugenio (org.) *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

GERBI, Antonello. *O novo mundo: História de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GESTEIRA, Heloísa Meireles. *Teatro das coisas naturais: conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense: Niterói, RJ, 2001.

_____. *O Recife Holandês: história natural e colonização neerlandesa (1624-1654)*. Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v.2, n.1.

_____. A História Natural do Colonialismo Holandês. *Insight Inteligência* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, Ano IX, nº 33, 2006.

_____. *A cura do corpo e a conversão da alma: conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII*. Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, n.8, 2004.

GREEN, Monica H. Caring for gendered bodies. Chapter 22 of BENETT, Judith M.; KARRAS, Ruth Mazo (ed.) *The Oxford Handbook of Women and Gender in Medieval Europe*. Oxford University Press, 2013.

_____. *Making women's medicine masculine: the rise of male authority in pre-modern gynaecology*. Oxford; New York, NY: Oxford University Press, 2008.

GURGEL, Cristina Brandt F. M. *Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos*. São Paulo, SP: Contexto, 2010.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

HERKENHOFF, Paulo (org.) *O Brasil e os holandeses: 1630 – 1654*. Rio de Janeiro, RJ: GMT Editores/Sextante Artes, 1999.

HIRAI, Hiro. The New Astral Medicine In: *A Companion to Astrology in the Renaissance*, ed. Brendan Dooley, Leiden: Brill, 2014, pp. 267-286.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

_____. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973. Tomo I. A época colonial. v.2.

KALIL, Luís Guilherme Assis. *Filhos de Adão: análise das hipóteses sobre a chegada dos seres humanos ao Novo Mundo (séculos XVI e XIX)*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2015.

KELLER, Evelyn F., *Reflections on gender and Science*. New York, Yale University Press, 1985.

KOURY, Lorelai (Org.). *Usos e circulação de plantas no Brasil séculos XVI-XIX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Estudio, 2013.

LINDEMANN, Mary. *Medicina e Sociedade no Início da Europa Moderna – novas abordagens da história europeia*. Lisboa: Editora Replificação, 2002.

LOPEZ, Adriana. *Guerra, açúcar e religião no Brasil dos holandeses*. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2002.

LUCIANI, Fernanda Trindade. *Municípios e Escabinos: poder local e guerra de restauração no Brasil Holandês (1630-1654)*. São Paulo, SP: Alameda, 2012.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas, SP: UNICAMP, 1999.

_____. *Do espetáculo da natureza e natureza do espetáculo: boticários no Brasil setecentista*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, SP: Campinas, 1998.

MARTINS, Ana Paula V. *A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX*. Tese (Doutorado em História) - Unicamp, São Paulo: Campinas, 2000.

MELLO, Evaldo Cabral de. (org.) *O Brasil Holandês (1630 – 1654)*. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

_____. *Nassau: governador do Brasil holandês*. Coautoria de Elio Gaspari, Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2006.

_____. *O negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste, 1641-1669*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro, RJ: Topbooks, 2003.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de; CARNEIRO, Henrique. *A História da Alimentação: balizas historiográficas*. In: *Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material*, São Paulo, 1997, v. 5, p.9-91. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010147141997000100002&script=sci_arttext.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

_____. (org) *O mundo na cozinha: história, identidade, trocas*. São Paulo: Estação Liberdade: Senac, 2009.

MONTERO, Paula. (org.) *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006.

PANEGASSI, Rubens Leonardo. *O mundo universal: alimentação e aproximações culturais no Novo Mundo ao longo do século XVI*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PRESTES, Maria Elice de Brzezinski. *A investigação da natureza no Brasil-Colônia*. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, 1997.

PUNTONI, Pedro. *A guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do Sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720*. São Paulo, SP: Edusp: FAPESP, 2002.

RAMINELLI, Ronald Jose. *Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro, RJ; São Paulo, SP: Jorge Zahar: Edusp, 1996.

RIBAS, Maria Aparecida de Araújo Barreto. *Europeus cristãos, índios pagãos: um encontro alimentar no limiar dos tempos modernos*. Anais do IV Encontro Internacional de História Colonial. Belém, 3 a 6 de setembro de 2012.

RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos – a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

RODRIGUES, Isilda Teixeira; FIOLEAIS, Carlos. O ensino da medicina na Universidade de Coimbra no século XVI. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.2, abr.-jun. 2013.

SHAPIN, Steven. *La Revolución científica: una interpretación alternativa*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000.

SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno atlântico: demonologia e colonização, séculos XVI-XVIII*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001.

_____. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 2.ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.

_____. (org.) *História da Vida Privada no Brasil - cotidiano*. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 1.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudança de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. São Paulo: Comp Companhia das Letras, 2010.

THOMAS, Werner; STOLS, Eddy; KANTOR, Iris; FURTADO, Júnia F. *Um mundo sobre papel: Livros, Gravuras e Impressos Flamengos nos Impérios Português e Espanhol (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo / Belo Horizonte: Edusp/ Editora UFMG, 2014.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Viajantes e indígenas*. In: GARIN, Eugenio (org.) *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

TOSTES, V.L.B; BENCHETRIT, S.F.; MAGALHÃES, A.M. (orgs.) *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. (2004) Rio de Janeiro, RJ: Museu Histórico Nacional, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. *A Heresia dos Índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Traição: um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VIEIRA, H. C.; GALVÃO, N.N.P; SILVA, L.D. *Brasil holandês: história, memória e patrimônio compartilhado*. São Paulo: Alameda, 2012.

VIGARELLO, Georges (dir.) et al. *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As práticas e os saberes médicos no Brasil Colonial (1677-1808)*. São Paulo: Alameda, 2017.

_____. Entre homens de saber, de letras e de ciência: médicos e outros agentes da cura no período colonial. *Clio*. Série História do Nordeste (UFPE), v. 32, p. 5-27, 2014.

_____. *Saúde e doença para os primeiros doutores do Brasil Seiscentista: os tratados de Morão, Rosa e Pimenta*. In: XVIII Encontro Regional (ANPUH-MG), 2012, Mariana-MG. Dimensões do poder na história. Ouro Preto: EDUFOP, 2012.

_____. *A pluralidade de perspectivas sobre a doença no período colonial*. In: XIV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio, 2010.

_____; FRANÇA, Jean M. C. “Das relações com o corpo no Brasil.” In: RODRIGUES, Cristina Carneiro; LUCA, Tania Regina de; GUIMARÃES, Valéria. (Org.). *Identidades brasileiras*. Composições e recomposições. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 87-116.

WÄTJEN, Hermann. *O domínio colonial holandês no Brasil: um capítulo da história do século XVII*. Recife: CEPE, 2004.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez, “Ares e azares da aventura ultramarina: matéria médica, saberes endógenos e transmissão nos circuitos do Atlântico luso-afro-americano” IN: ALGRANTI, Leila Mezan e MEGIANI, Ana Paula Torres (orgs.) *O império por escrito*. São Paulo: Alameda, 2009.